UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRÉIA TENORIO DOS SANTOS

|

Desejo e Pulsão nos processos de sublimação

São Paulo

2014

ANDRÉIA TENORIO DOS SANTOS

Desejo e Pulsão nos processos de sublimação

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Psicologia e Educação

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.046
S237d

Santos, Andréia Tenorio

Desejo e pulsão nos processos de sublimação / Andréia Tenorio dos Santos ; orientação Leandro de Lajonquière. São Paulo : s.n., 2014.

137 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise - Educação
3. Pensamento 4. Sublimação I. Lajonquière, Leandro de, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Andréia Tenório dos Santos

***Desejo e Pulsão* nos processos de sublimação**

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Educação.**

Área de concentração: Psicologia e Educação

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*A Miro Viera, o maestro que
vem orquestrando as batidas
do meu coração.*

*Em memória dos meus pais
Nonato Tenorio e Eva Terra,
cujas forças em mim renasceram.*

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata aos meus irmãos, Nairton Tenório e Nair Tenório, por eles, na ocasião da “ida” dos nossos pais, terem assumido, desde muito cedo, a minha criação e a minha educação. Agradeço-lhes pelo cuidado, pela coragem, pelo desejo e amor com que sustentaram essa empreitada. Aos meus outros irmãos: Neuza, Aparecido e Adilson, pelo companheirismo e amor. A todos eles, agradeço por terem sido, desde cedo, a minha base, fundamental pra que eu alçasse novos vãos... Sou feliz por estarem sempre por perto!

Aos meus lindos sobrinhos: André, Vinicius, Talita e Diego com quais, em função de pequena diferença de idade, pude dividir parte da minha infância e assim brincar muito. E também a Estefani, Caíque, Evelyn, Deivid e Ana Carolina, com eles eu experimento a gostosura de ser tia! A todos eles pela alegria de seus sorrisos e por suas traquinagens!

À Kelaine Azevedo, por estar sempre por perto e por me ensinar dia a dia o valor da generosidade.

À Suelen Terruel, por nossas sempre produtivas e intermináveis conversas filosóficas!

A Miro Vieira, por ter me apresentado canções inesquecíveis! E pelos momentos de cócegas!

À Kelly Castro, por sempre me convidar para os bailes, sobretudo, os bailes da vida!

À Micheline Ferreira, pelas discussões acaloradas!

E ainda a: Andréa Araújo, Beatriz Almeida e o pequeno Martin, Carla Rodrigues, Ívian Destro, Albenice Palmejane, Idel Galhardo, Lídia Nogueira, Luciana Pereira, Pâmela Machado e Renata Carvalhaes.

A outros queridos amigos: Cristina do Vale, Rogério Ramos, Rosemeire Carbonari, Millyane Moura, Liliane Pedroso, Ana Alvares, Isadora Perasollo, Lilia Nemes, Jaqueline Martinho e a Maria Cristina Frota (a Criê), pela torcida e também pelos almoços, pela troca de ideias e experiências e pelas boas e merecidas pausas para as risadas!

Tenho a sorte e a alegria de poder (ou ter podido) dividir anseios, gargalhadas, comemorações, tristezas, angústias, decisões difíceis, mas também novos aromas e sabores, passeios no parque e de bicicleta, viagens, projetos, confidências, conversas mil. Com eles aprendo dia a dia o valor do cuidado, da paciência, da leveza e da força e do amor!

Um agradecimento especial a Leandro de Lajõnquiere, meu orientador, que já vem me acompanhando faz um tempo nessa difícil e, muitas vezes, angustiante empreitada de pesquisa e, sobretudo, pela liberdade de pensar, que contribuiu em muito para o meu processo de criação.

Aos professores Daniel Kupermann e Rinaldo Voltolini, pelas importantes contribuições na ocasião do exame de qualificação, que propiciaram uma reordenação de parte da trama conceitual deste trabalho.

Agradeço também a duas pessoas fundamentais na minha inicial trajetória de estudo da psicanálise: Kátia Bautheney e Noemi Moritz, pela instigante possibilidade de compartilhar essa teoria, que, apesar de pedir tão árdua elaboração, é sempre muito vibrante!

À Júlia Anacleto, companheira de mestrado, com quem pude compartilhar o prazer, mas também a dor frente a esse processo de pesquisa e por seu jeito empolgante de se dedicar não apenas ao estudo da psicanálise, mas também à maternidade.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, com os quais pude estudar e discutir a teoria e a clínica psicanalíticas, o que contribuiu muito para a configuração desse trabalho.

A Ronaldo Torres, pelas contribuições feitas em função da leitura de umas das partes deste trabalho, quando ainda em caráter de esboço.

À Noni e à Cristina Herrera, pela leitura cuidadosa que fizeram do meu texto de Iniciação Científica.

À Rita Vogelaar, minha analista, por ser uma grande interlocutora nessas coisas de escrita e investigação! E, em especial, por me acompanhar nas vicissitudes da minha travessia rumo à invenção do meu Cais!

E, finalmente, ao CNPq, por ter me concedido uma bolsa para a realização de parte desta pesquisa, sem a qual, esse processo teria sido um pouco mais difícil.

Para quem quer se soltar, invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento lua nova a clarear
Invento amor e sei a dor de encontrar

Eu queria ser feliz, invento o mar
Invento em mim o sonhador

Para quem quer me seguir, eu quero mais
Tenho um caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir

Cais - Milton Nascimento

RESUMO

SANTOS, A. T. *Desejo e Pulsão nos processos de sublimação* (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014.

Esta pesquisa de mestrado se insere na interface *psicanálise e educação* e tem por objetivo estudar e analisar a problemática dos *processos de sublimação* – entre os quais se inclui a atividade intelectual ou de pesquisa, com vistas a circunscrever o conceito de sublimação como um processo no qual estão presentes *desejo, pulsão e sexualidade*. Para tanto, procedeu-se a uma investigação na obra de Freud de uma rede conceitual capaz de formular tal concepção. Assim, como esta dissertação trata-se de uma pesquisa teórica e reflexiva, a metodologia empregada foi a leitura e a análise dos textos freudianos que iluminassem a temática em questão. Desejo e pulsão são os dois conceitos norteadores para um entendimento da sublimação enquanto um processo de simbolização que resulta na possibilidade de criação de novos objetos de satisfação pulsional para o sujeito, ao mesmo tempo em que compartilhados social e culturalmente. Dessa forma, o **capítulo 1** é dedicado ao estudo e análise do desejo, responsável na teoria psicanalítica pela fundação do psiquismo humano; o **capítulo 2**, à pulsão e à sexualidade, juntamente com o desejo, propulsores da configuração do circuito pulsional. O que está em pauta nesses dois capítulos iniciais é a constituição da alteridade: o *Outro* é constitutivo da alteridade do sujeito. Este constitui sua subjetividade a partir daquele. E por fim, o **capítulo 3** circunscreve brevemente, na obra de Freud, o conceito de sublimação, articulando-o, portanto, aos capítulos iniciais – à problemática do circuito desejante e pulsional na configuração da alteridade – na tentativa de extrair daí a sublimação enquanto um processo em que desejo, pulsão e sexualidade estão em jogo.

Palavras-chave: Pensamento, Sublimação; Freud, Sigmund; Desejo; Pulsão, Psicanálise-Educação

RESUMEN

SANTOS, A. T. *Deseo y Pulsión en los procesos de sublimación* (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014.

Esta investigación de máster se produce en la interfaz psicoanálisis y educación y objetiva estudiar y analizar la problemática de los *procesos de sublimación* – entre los cuales se incluye la actividad intelectual o de investigación, con vistas a circunscribir el concepto de sublimación como un proceso en que están presentes el *deseo*, la *pulsión* y la *sexualidad*. Así que ha sido hecha una pesquisa en la obra de Freud de una trama de conceptos capaces de formular tal concepción. Como este trabajo es una investigación teórica y reflexiva, la metodología empleada ha sido la lectura y el análisis de los textos de Freud que iluminasen la temática en cuestión. Deseo y pulsión son los dos conceptos directivos para la comprensión de la sublimación en cuanto un proceso de simbolización que resulta en la posibilidad de creación de nuevos objetos de satisfacción pulsional para el sujeto y compartidos social y culturalmente. De esa forma, el **capítulo 1** es destinado al estudio y el análisis del deseo, responsable, en la teoría psicoanalítica, por la fundación del psiquismo humano; el **capítulo 2**, a la pulsión y a la sexualidad, juntamente con el deseo, propulsores de la configuración del circuito pulsional. Lo que está en pauta en esos dos capítulos iniciales es la constitución de la alteridad. El *Otro* es constitutivo de la alteridad del sujeto. El último constituye su subjetividad desde aquello. Y por fin, el **capítulo 3** circunscribe de forma breve, en la obra de Freud, el concepto de sublimación, articulando-o, por lo tanto, a los capítulos iniciales, es decir, a la problemática del circuito pulsional y del deseo en la configuración de la alteridad, con el intento de extraer de ello la sublimación en cuanto un proceso en lo cual se presentan el deseo, la pulsión y la sexualidad.

Palabras clave: Pensamiento, Sublimación; Sigmund, Freud; Deseo, Pulsión; Psicoanálisis-Educación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Do singular ao universal	12
Processo de pesquisa.....	14
1. O DESEJO E SUAS ERRÂNCIAS	16
1.1 A teoria do desejo em Freud	17
1.2 A ação específica e a originária <i>vivência de satisfação</i>	23
1.4 O tripé do desejo freudiano e a instalação do circuito “demanda-desejo”	45
2. A PULSÃO (<i>Trieb</i>) E SEUS PARADOXOS	56
2.1 Preâmbulo	57
2.2 Do termo pulsar ao conceito pulsão (<i>Trieb</i>)	58
2.3 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)	60
2.3.1 Primeiro ensaio	60
2.3.2 Segundo ensaio	66
2.3.3 Terceiro ensaio	72
2.4 Do narcisismo aos avatares da pulsão	76
2.4.1 Narcisismo: do termo ao conceito	76
2.4.2 Narcisismo: o conceito	79
2.5 Pulsões e seus destinos e a instação do circuito pulsional	87
3. PROCESSOS DE SUBLIMAÇÃO	95
3.1 Do termo ao conceito	96
3.2 A sublimação, suas riquezas e seus impasses	98
3.3 Breve contextualização acerca da sublimação	99
3.4 Rumos do conceito de sublimação.....	102
3.4.1 Criadores e criação.....	109
3.4.2 Sexualidade & desejo & criação.....	114
3.4.3 Pulsão de saber e as teorias sexuais infantis: em busca das origens	120
APONTAMENTOS FINAIS	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136

INTRODUÇÃO

Do singular ao universal

E tudo como começou quando meu irmão Nairton me disse que eu entraria na USP. Isso eu tinha uns dez anos de idade... estudava em escola pública, sempre estudei, da pré-escola à universidade. Aquilo que parecia um grande problema a ser resolvido “entrar na universidade”, hoje se configura em “sair da universidade”. Sempre nos dizem que a dificuldade maior é entrar e no meio do caminho descobrimos que, na verdade, a empreitada maior é sair...

Entretanto, analisando sobre uma outra ótica, tudo começou bem mais cedo... quando eu estava interessada em saber o que era aquilo que os meninos tinham, mas as meninas não. O tal do pipi... elas tinham outra coisa... A famosa inveja do pênis? Ou a constatação da diferença sexual? Lembro-me que, em seguida, quando eu tinha entre cinco e seis anos de idade, não me lembro exatamente, eu estava, de fato, empenhada, numa grande empreitada, minha segunda grande investigação: descobrir a origem dos bebês! Como é que os bebês nasciam? Por que afinal nasciam? Quem era responsável por isso?

Eu de fato me fazia essas perguntas! E isso não é nenhuma tentativa de comprovar as teorias freudianas que já existiam, as quais se apresentarão no percurso desta Dissertação. Depois de muito pesquisar e não ter chegado a uma conclusão assertiva, embora tenha chegado a desconfiar que o tal “pipi” devia ter alguma coisa com isso, e como eu já tinha entendido que os adultos não eram muito confiáveis em suas respostas, resolvi perguntar para uma pessoa não adulta ainda, uma adolescente, na época mais criança que adolescente, tinha uns onze anos. E para a minha sorte (ou azar) ela já sabia da história e fez questão de me contar tudo! “Os bebês nascem porque o menino e a menina ficam pelados e deitam um em cima do outro”. Simples não? Não acreditando muito nessa história, continuei a pesquisar! O problema é que, mesmo depois de crescer e constatar que a adolescente da minha infância tinha mesmo razão, eu ainda continuo pesquisando sobre a origem dos bebês! Em verdade, sobre o grande enigma da vida: sobre o mistério que se chama *desejo*. Logo chegaremos a isso!

O meu espírito investigador de hoje nasceu de ontem, diria Freud, nasceu daquele meu período fértil de investigação sexual infantil. Isso foi a base para que eu me lançassem em novos e diferentes processos de investigação. A pesquisa que empreendi no âmbito sexual na infância retornou em âmbito intelectual e acadêmico na vida adulta. Está aí já um postulado que Freud defenderá em seus textos: a intrínseca relação entre o desejo e a pulsão sexual e a atividade investigativa e criativa. Refiro-me ao campo da pulsão de saber, da criação, portanto, da sublimação, que será objeto de análise no **capítulo 3**.

Foi no decorrer da graduação em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP que tive o meu primeiro contato com a Psicanálise. É que participei de um curso de literatura com o professor Jaime Guinsburg, o qual mobilizara alguns conceitos de Freud para analisar obras de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Nessa ocasião, fiquei extremamente afetada por tudo que escutei dessa teoria, que daí passou a exercer sobre mim grande e forte fascínio. Segui então para a Licenciatura em Letras na Faculdade de Educação e lá tive a agradável surpresa de me deparar novamente com a psicanálise. Hoje não sei se sou eu a persegui-la, ou se será ela a perseguir-me. Assim foi que cursei a minha primeira disciplina de Psicanálise, ministrada então por Kátia Bautheney, por meio da qual pude me acercar a uma parte significativa do arcabouço teórico de Freud. Foi por ocasião dessa experiência, por ter participado ainda de algumas outras disciplinas na interface Psicanálise e Educação, ministradas pelo professor Rinaldo Voltolini, e por ter me implicado também em uma formação em psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae, que, no fim da Licenciatura, fui tomada por um grande interesse em realizar uma pesquisa acadêmica. Foi então que conheci o professor Leandro de Lajonquière, que aceitou a empreitada de me orientar nesse inicial processo de pesquisa e por quem segui acompanhada para o próximo: o mestrado.

Processo de pesquisa

Foi assim que a problemática das minhas pesquisas de infância voltou como a problemática do meu primeiro processo de pesquisa acadêmica. Na Iniciação Científica¹, meu objetivo era pôr em evidência as contribuições de Freud quanto à relação da sexualidade com a temática da busca de conhecimento pelas crianças. E para isso, foi preciso adentrar necessariamente na temática das origens... acercar-me a textos freudianos sobre a sexualidade e sobre as teorias infantis, enfim, foi necessário debruçar-me sobre textos freudianos para compreender minimamente a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, a castração... E percebi, no decorrer do desenvolvimento da IC que Freud ao abordar a temática do conhecimento, das atividades intelectuais, referenciava-se sempre ao desejo e à sexualidade. Foi a partir disso que comecei a desconfiar que a atividade intelectual das crianças não estivesse relacionada apenas à sexualidade, mas que nela pudesse estar em pauta também o desejo. Assim, a temática das origens “deslocou” meu olhar da sexualidade para o desejo, então, comecei a pensar que na atividade intelectual estaria em jogo desejo e pulsão.

Já o meu projeto inicial de pesquisa de mestrado consistia em estudar e discorrer, nos dois primeiros capítulos, sobre os conceitos de desejo e pulsão, para no terceiro propor que no nos processos de pensar estava em questão uma *articulação* entre desejo e pulsão. A dificuldade, no entanto, pra mim mesma, estava em entender o que seria essa articulação. Eu tinha uma vaga ideia do que estava propondo como articulação, mas acreditava que no decorrer do processo de pesquisa eu acharia uma solução pra ela. E na qualificação, como apresentei apenas um capítulo, eu ainda estava me perguntando sobre o rumo que a pesquisa tomaria no último capítulo, foi justamente nisso em que recaiu grande parte das férteis discussões daquela ocasião. Como eu encaminharia os próximos capítulos? Eu trataria da pulsão, e depois? Que conceito eu proporia como articulador entre “*desejo e pulsão nos processos de pensar*” (aliás, o antigo título do trabalho)? O que seria pra mim articulação? Foi então que a banca qualificadora observou que, talvez, o conceito freudiano que poderia me ajudar seria o de sublimação. Assim, saí do exame de qualificação com novos rumos e

¹ SANTOS, A. T. dos. **A sexualidade infantil e o desejo de saber**: a origem da atividade intelectual nas crianças. 2010. 82 f. Iniciação Científica – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Essa pesquisa fez parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica da USP (PIBIC-USP) e foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa teve publicação na Série eletrônica de Iniciação Científica da FEUSP (CD: Volume 6/2010).

novos desafios e já prevendo que a caminhada não seria fácil e que talvez não se encerrasse por aí.

Vale dizer, entretanto, que o projeto de pesquisa não se modificou totalmente, já que, em sua nova configuração, então na presente dissertação, eu discorro no primeiro capítulo sobre a problemática do desejo, no segundo, sobre a problemática da sexualidade e da pulsão e no último sobre a sublimação e sobre sua relação com a temática do desejo e da pulsão, da sexualidade. Acredito que cheguei a executar o novo projeto, mas, é importante ainda algumas ressalvas.

Em se tratando de psicanálise nem sempre é possível estudar e escrever de forma tão clara e precisa, mesmo porque, ao se empenhar em seu estudo, acabamos por descobrir que alguns conceitos podem não estar claros nem precisos até para quem os inventou, tal como ocorre na construção do pensamento freudiano. Portanto, tomo a liberdade de indicar que no meu entendimento, essa dissertação, embora já finalizada, pode ser tomada como algo ainda em processo de elaboração.

Não estou com isso indicando que esta dissertação não tenha um objeto de estudo, nem começo, meio e fim, tem sim, mas a grande questão que se impôs é que esse objeto de estudo, não apenas no final, mas no decorrer da caminhada, foi abrindo novas portas de interesse. Posto isso, haverá sem dúvida, ao longo desta dissertação, momentos de muitas interrogações, mas, talvez, com poucas respostas e também momentos outros de puro exercício de pensamento, que demandarão ao leitor a tarefa de ligar partes que estejam apenas implicitamente apontadas. No final deste trabalho, o que se revelou, pra mim, é que uma pesquisa, uma vez iniciada, tende a jamais se fechar! Talvez seja essa a proposta de uma investigação, abrir muito mais que fechar. Espero ter conseguido fazer um pouco disso! Boa leitura!

1. O DESEJO E SUAS ERRÂNCIAS

A maior riqueza do homem
é sua incompletude

Manuel de Barros

1.1 A teoria do desejo em Freud

Nunca volte para o lugar onde um dia fora feliz... Nunca será a mesma coisa.

Em Freud, o conceito de *desejo* vem a público, pela primeira vez, em 1900, na obra *A interpretação dos sonhos* (daqui em diante *A interpretação*), especificamente no Cap. 7. No entanto, pode-se considerar que sua melhor elucidação se dá apenas após a publicação da obra *Projeto de Psicologia* (daqui por diante *Projeto*), que embora concluída em 1895, fora a público apenas em 1950, isto é, cinquenta e cinco anos depois.

De acordo com Antonio Godino Cabas,

[...] toda a obra de Freud pode ser entendida como uma constante e incessante interrogação sobre o desejo. [...] a história da obra freudiana é a história de um esforço por extrair do solo da experiência uma definição do desejo (CABAS, 2009, p. 37).

Em *A interpretação dos sonhos*, como o nome já fala por si, o objetivo de Freud é demonstrar que os sonhos são passíveis de serem interpretados. Mas, além disso, ele quer demonstrar a tese de que “todo sonho é uma realização de desejo” e ele, não apenas demonstra, senão que também a prova, sempre amparado no solo da experiência, pois a experiência clínica está em causa desde o início de suas formulações.

No primeiro capítulo da obra, Freud (1900) faz uma revisão bibliográfica minuciosa de autores antes dele, até 1900, que já haviam tratado da temática da interpretação dos sonhos. Se como afirma ele, dentre esses autores há os que defendem a tese de que os sonhos podem ser interpretados, inclusive até criaram métodos para isso, nenhum deles chega a formular a

tese de que “todo sonho é uma realização de desejo”, sendo esta, portanto, exclusivamente freudiana².

Para provar essa sua tese, Freud parte da interpretação de um sonho “modelo” – o sonho da “*Injeção de Irma*” – cujo sonhador é ele mesmo. O capítulo 2 de *A Interpretação* é dedicado a esse sonho. Freud (1900) o analisa detalhadamente explorando seus sentidos e nexos, demonstrando porque e como esse sonho constitui-se uma realização de seus desejos inconscientes. Não entrarei na análise deste sonho em específico, mas outros trazidos por Freud serão tomados para esclarecimento de sua tese.

Essa sua tese, entretanto, poderá ser facilmente refutada se (e quando) tomamos um sonho, digamos, ao pé da letra... Uma das inovações de Freud (1900), talvez o cerne e a originalidade de sua teoria dos sonhos, e em que ele insiste bastante, é que uma interpretação não deve recair sobre o *conteúdo manifesto* do sonho (as imagens oníricas – aquela historinha que às vezes lembramos quando acordamos do sonho) senão sobre seu *pensamento latente* (justamente aquilo que está por trás das imagens oníricas), ou seja, sobre a implicação desejante do sonhador).

Outra inovação, e algo bem importante para o esclarecimento da tese freudiana, é o fato de que, para Freud, o sonho deve ser interpretado pelo sonhante, devendo este (e não um intérprete qualquer) atribuir (ou restituir) um sentido para seu próprio sonho, porque o que está em xeque é sua própria experiência. O sonhador revela-se o próprio intérprete³.

² No que se refere aos métodos, Freud menciona dois, o *simbólico* e o de *decifração*. No primeiro, “Considera-se o conteúdo do sonho como um todo e procura-se substituí-lo por outro conteúdo que seja inteligível e, em certos aspectos, análogos ao original” (FREUD, 1900a, p. 132); o segundo, “Pode ser descrito como o método de “decifração”, pois trata o sonho como uma espécie de criptografia em que cada signo pode ser traduzido por outro signo de significado conhecido, de acordo com o código fixo” (p. 132), um livro dos sonhos, por exemplo. No que se refere à tese freudiana, a inovação de Freud não está em dizer que os sonhos derivam de desejos, isso autores antes dele já haviam dito, mas sim que *todo* sonho é uma realização de desejo.

³ E podemos perguntar: Mas, em um processo de análise, não é o analista que interpreta o sonho? Não exatamente. O analista, em certa medida, faz alguma interpretação, mas esta deverá recair sobre o que o sonhador trouxe de seu próprio sonho, ou seja, aquilo que vem de sua experiência, não pode vir de fora. Isso significa que o analista não pode ter como referência suas próprias vivências para analisar o sonho de seu analisante. Ele deve levar em conta as considerações do sonhador sobre sua própria vida, aquilo que no sonho se desvela; só assim, para Freud, um sonho é passível de ser interpretado.

Assim, para elucidar como se dá a interpretação de um sonho e demonstrar a tese freudiana de que o sonho é a realização de um desejo, trago um *sonho de conveniência* como primeiro exemplo. Este é o primeiro dos sonhos que faz alusão à teoria da realização do desejo⁴. Foi um jovem colega de Freud, estudante de medicina que compartilhava com ele o gosto pelo dormir, quem lhe contou...

Esse jovem vivia perto do hospital em que estudava e tinha ele uma empregada encarregada de despertá-lo todos os dias pela manhã, mas mesmo assim lhe custava acordar. Certa manhã, o dormir lhe era particularmente agradável. Essa senhora gritou à porta de seu quarto: “Acorde Sr. Pepi, é hora de ir ao hospital!”. Então ele sonhou que estava deitado numa cama de hospital e que acima de seu leito havia um letreiro dizendo “Pepi H., estudante de medicina, idade 22 anos”. Enquanto sonhava, dizia a si mesmo: “Como já estou no hospital, não preciso encaminhar-me a ele”, virando-se para o lado, continuava a dormir.

À interpretação: uma pessoa quer continuar seu sono, mas tem alguma obrigação que lhe chama; seu *desejo* de permanecer dormindo é tamanho que tem uma alucinação de conveniência. Um sonho bem simples e que facilmente demonstra a tese de Freud do sonho como uma realização de desejo. O desejo de Rudi era seguir dormindo, então ele produz um sonho que é conveniente ao seu desejo, o de dormir, criando por meio dele a possibilidade de continuar dormindo. Constitui-se aí uma realização de desejo. Em seu mundo onírico, nada lhe impede de realizar seu desejo de dormir e é isso o que faz o sonho.

Freud faz menção também a sonhos de sede. “Se com um sonho de beber água consigo aplacar minha sede, não necessito levantar-me para satisfazê-la. [...] O sonhar substitui a ação” (FREUD, 1900a, p. 143, tradução minha). O sonhador não apenas realiza seu desejo de beber água como também não tem que despertar-se para tanto.

⁴ Esse sonho aparece pela primeira vez em *As correspondências trocadas entre Freud e Fliess* (1985), reaparecendo em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), sendo retomado em *Esboço de Psicanálise* (1940).

Se o caráter de realização de desejo dos sonhos está bem às claras nos sonhos mencionados, no próximo ele não está tão explícito assim... Trata-se de um sonho de uma paciente de Freud, que é narrado por ela da seguinte forma:

Recorda o senhor que minha irmã tem agora apenas um filho, Karl; o outro, Otto, ela o perdeu quando eu ainda estava em sua casa. Otto era o meu preferido e na verdade eu o criei. Pelo pequeno eu sinto carinho também, mas não tanto como senti pelo morto. Bom, essa noite sonhei que via Karl morto em minha frente. Jazia em seu pequeno caixão, as mãos retraídas, com velas ao redor, mais ou menos como esteve o pequeno Otto, cuja morte tanto me comoveu⁵ (FREUD, 1900a, p. 170, tradução minha).

Em seguida, a paciente interroga Freud: seria ela tão perversa a ponto de desejar a morte do agora único filho da irmã? Ou desejaria que, em vez de Otto, tivesse morrido Karl? Que desejo é realizado nesse sonho? Ela o interpela.

Apenas porque Freud conhece a história da paciente (e, em especial, porque tem a ajuda dela) consegue fazer uma interpretação para o sonho.

À interpretação: desde pequena, a paciente se criara na casa da irmã. Entre os visitantes e os amigos da casa houve um homem que lhe arrebatara o coração. Tudo indicava que acabaria em casamento, mas esse suposto fim foi impedido pela irmã, para o que a paciente nunca tivera explicação. Depois da ruptura, a paciente tentou sem sucesso esquecer o amado. Assim, sempre que se anunciava que ele (um literato) estaria em alguma conferência (ou participaria de algum concerto), lá estava ela tentando revê-lo. Após a ruptura, o amado parou de visitar a casa e apenas na ocasião do enterro de Otto, depois de longa ausência, lá estava ele apresentando suas condolências à família (FREUD, 1900a). Foi nessa circunstância que a paciente teve a felicidade de reencontrá-lo: “[...] essa vez o professor voltou depois de larga ausência e eu o vi de novo em frente ao caixão de Otto” (FREUD, 1900a, p. 171, tradução minha), enfatizara ela.

⁵ Freud dedica a parte D, do capítulo V de *A interpretação dos Sonhos* (1900) para “Sonhos típicos”, entre os quais estão os “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas”.

Depois da revelação da paciente e atento ao fato de que ela lhe contava esse sonho exatamente no dia em que estava prestes a rever seu amado, por ocasião de um concerto pela noite, ele facilmente consegue fazer uma interpretação do sonho para ela:

Se agora o outro sobrinho morresse, isso se repetiria. [...] O sonho não significa outra coisa que o seu desejo de voltar a vê-lo, contra o qual você se debate interiormente. Sei que tem em seu bolso a entrada para o concerto de hoje. Seu sonho é um sonho de impaciência, não fez senão adiantar em algumas horas essa visão fugaz que se produzirá hoje (FREUD, 1900a, p. 171, tradução minha).

Tamanho era o desejo de rever o amado que a paciente precisou em sonho reconstituir a situação real, em que ela, depois de tanto tempo, tivera a felicidade de revê-lo, mesmo a despeito de ser uma situação de luto.

Bem se vê quão comodamente o sonho dispõe as coisas, posto que seu exclusivo propósito é uma realização de desejo, está autorizado a ser um egoísta completo. E realmente o amor à comodidade é incompatível com a consideração pelos demais (FREUD, 1900a, p. 144, tradução minha).

Se ao interpretar o sonho de sua paciente, Freud se ativesse apenas ao conteúdo manifesto, isto é, ao fato em si encenado no sonho: “uma tia sonhando com a morte de um sobrinho”; o desejo aí em causa poderia ser “desejar a morte de uma pessoa querida”. O método freudiano de interpretação de sonhos, ao contrário, como já foi dito, se além ao pensamento latente do sonho, ao que está por trás das imagens manifestas do sonho, levando sempre em conta o historial do sonhador pra desvelar o pensamento (desejoso) que está por trás das imagens oníricas. É assim que a interpretação de um sonho e sua revelação como realização de desejos se tornam possíveis.

O sonho, para Freud, constitui-se, portanto, como a objetivação de um desejo porque no sonho o desejo é cumprido, objetivado. Um desejo que vem desfigurado pelas imagens oníricas e que se revela por trás dos pensamentos oníricos. “É esse o caráter psicológico mais geral e chamativo do sonhar, um pensamento, comumente o pensamento desejado, é

objetivado no sonho, é figurado como cena ou, segundo cremos, é vivenciado” (FREUD, 1900a, p. 528, tradução minha)⁶.

Se o desejo é o propulsor do sonho e este, a realização daquele, por fim, resta perguntar: de onde vem o desejo? Para Freud, o desejo é sexual, inconsciente, infantil e recalçado e seu *start* se dá por via de uma certa vivência: a *vivência de satisfação*. A importância dessa vivência para a fundação do psiquismo, do campo desejoso e pulsional de alguém é o que será tratado adiante.

⁶ Sobre a desfiguração do desejo nos sonhos, assinala Freud (1900a, p. 160, tradução minha) que “Onde a realização de desejo é irreconhecível e está disfarçada, deve existir uma tendência à defesa contra esse desejo, e à consequência dela o desejo não pode expressar-se de outro modo que não o desfigurado”. Essa explicação de Freud torna mais compreensível o sonho de sua paciente, ao considerar que a desfiguração onírica está a serviço da censura.

1.2 A ação específica e a originária vivência de satisfação

Embora a vivência de satisfação não possa ser considerada um conceito em si, não é exagero dizer que essa noção é precursora de uma importante rede conceitual da teoria freudiana. Darei especial atenção a ela a partir de agora porque esta vivência está na base da fundação do aparelho psíquico e dos conceitos: desejo e pulsão; portanto, diretamente relacionada aos pilares da teoria psicanalítica.

A vivência de satisfação é primeiramente descrita e analisada por Freud no *Projeto* (1895), mas é também referida no capítulo 7 de *A interpretação* (1900). As consequências inerentes a ela irão permanecer ao longo da obra de Freud e serão retomadas em diversos de seus escritos (PONTALIS; LAPLANCHE, 1983). Priorizarei o tratamento que lhe foi dado no *Projeto*, complementando-a com *A interpretação*.

Para iniciar, quero antes tratar dos fundamentos do *Projeto*, pois a descrição de alguns de seus elementos se faz necessária para uma melhor compreensão de tal vivência e de sua implicação na formação do aparelho psíquico. Sobre essa obra, assinala Gabbi Junior (1981) que ela “nada mais é do que uma tentativa de constituir uma teoria do aparelho psíquico que justifique as descobertas clínicas e o método psicanalítico utilizado no tratamento das neuroses de defesa” (p. 139).

No *Projeto*, para apresentar sua teoria sobre o funcionamento do aparelho psíquico, Freud faz uso dos seguintes símbolos alfabéticos: **Q** (quantidade de estímulos externos) e **Qn** (quantidade neuronal de excitação interior) que representam, respectivamente, as fontes exógena (mundo externo) e endógena (o próprio corpo) que estimulam o aparelho psíquico. Este é constituído por três sistemas de neurônios: sistema **FI**, sistema **PSI** e sistema **Ômega**, respectivamente representados pelos símbolos gregos: ϕ , ψ e ω (GARCIA-ROZA, 2001).

O objetivo de Freud em seu *Projeto* (1895) é estabelecer uma psicologia científica “precisa” e “livre de contradição” (p. 339) que apresente os processos psíquicos como estados quantitativamente comandados por partes materiais especificáveis. São duas as proposições principais do *Projeto*:

- 1) A diferença existente entre atividade e repouso está numa Q(quantidade) submetida à lei geral do movimento.
- 2) Os neurônios são partículas materiais dotadas da capacidade de estar ou não ocupadas (preenchidas) por uma certa Q(quantidade).

As duas ideias reitoras do *Projeto* são, portanto, a existência dos neurônios e de uma certa Q(quantidade) que os torna ou não ocupados (*besetzt*).⁷

Freud elabora essas proposições inauguradoras do *Projeto* tendo por base observações psicopatológicas extraídas de sua experiência clínica. Garcia-Roza (2001) observa que é “partindo dos casos de histeria e neurose obsessiva, [que] ele [Freud] levanta a hipótese de uma proporcionalidade entre a intensidade dos traumas e a intensidade dos sintomas por eles produzidos” (p. 83). Evidencia-se em sua observação, a hipótese freudiana de uma certa Q(quantidade) de movimento, de um investimento (*Besetzung*).

Todavia, essa hipótese não é exclusiva do *Projeto*, embora nesta obra ela tenha sido profundamente discutida, ela é antes subjacente à teoria da ab-reação referente à gênese do sintoma histérico. Freud (1894) reconhece de maneira mais explícita a necessidade dessa sua hipótese na conclusão do texto “As neuropsicoses de defesa”:

nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo (FREUD, 1984, p. 66).

Salienta Freud (1950 [1895]) que os processos revelados nesses quadros clínicos tais como estímulo, substituição, conversão, descarga sugeriram de maneira mais evidente uma concepção de excitação neuronal como Q(quantidades) em movimento. Tendo esses casos clínicos em seu horizonte, ele elabora ainda a hipótese de que o funcionamento do sistema nervoso é regulado pelo *princípio da inércia*, segundo o qual os neurônios tendem a aliviar-se de Q (FREUD, 1985), isto é, a manter o sistema nervoso em estado de repouso, sem atividade: sem Q, livre de tensão⁸.

Como enfatiza Freud (1895), “o princípio de inércia proporciona o motivo para o movimento reflexo” (p. 340, tradução minha), indicando com isso que o sistema nervoso se orienta tal como o modelo do arco-reflexo: os estímulos externos (Q) captados pela via sensorial deverão ser eliminados em forma de descarga motora.

Segundo Gabbi Jr. (1981), a constatação da existência de Q – do fator quantitativo – é o que leva Freud a postular o princípio da inércia, “cujo papel é o de constituir fundamento

⁷ “Quando algo estiver ocupado [*besetzt*], estará dotado de uma certa quantidade de movimento; quando estiver vazio, estará em repouso” (GABBI JR., 2003, p. 33).

⁸ Para Freud, a tendência do aparelho psíquico é a de evitar o desprazer. Nesse contexto, o desprazer associa-se a uma elevação do nível de Qn ou a um acréscimo quantitativo de pressão no interior do aparelho.

para explicar: a **estrutura** dos neurônios; o **desenvolvimento** do sistema neuronal e a **função** do sistema neuronal” (p. 139-140).

O que viabiliza (e ao mesmo tempo justifica) o princípio da inércia é a estrutura dicotômica dos neurônios. O sistema neuronal é composto por neurônios sensíveis e motores. Cada neurônio “é independente anatomicamente, embora articulado com os demais neurônios por contiguidade, formando uma intrincada rede de conexões” (GARCIA-ROZA, 2001). Cada unidade de neurônio, portanto, isoladamente, é um modelo do sistema neuronal, já que cada uma delas é dotada dessa estrutura sensório-motora. A parte sensorial faz a recepção de Q (quantidade de estímulos externos ao corpo) e a parte motora faz a descarga de Qn (quantidade neuronal de excitações endógenas) (FREUD, 1985).

A diferença entre os neurônios está na existência das “barreiras de contato” (sinapses) que são responsáveis por impedir a passagem de quantidades (Qn) retendo-as, o que possibilitará a constituição de um mecanismo de retenção com vista à manutenção de caminhos preferenciais (facilitações/trilhamento/memória). Embora todos os neurônios sejam dotados de barreiras de contato, apenas nos motores elas funcionam, pois cumprem sua função de resistência e retenção de quantidades (Qn).

Outra diferença está na ligação dos neurônios, na forma como eles se organizam entre si, já que os “motores estão acoplados, de um lado, ao aparelho muscular e, do outro, aos neurônios sensoriais que, por sua vez, estão ligados aos órgãos dos sentidos” (GABBI JR., 1981, p. 142). As extremidades de cada neurônio estão em contato com diferentes “áreas”, o que ajuda a esclarecer o percurso inicial de uma quantidade (Q) no sistema nervoso: antes de uma Q entrar no sistema nervoso ela passa pelos órgãos do sentido, depois pela parte sensorial dos neurônios, sendo então descarregada de forma motora.

De acordo com os termos teóricos do *Projeto* (1985), até agora é possível depreender que “o sistema nervoso se desenvolve através da recepção e descarga de Qn (quantidade presente no sistema neuronal) pela ação conjunta dos neurônios sensoriais e motores” (GABBI JR., 1981).

Os neurônios contam com duas funções. A primária é efetuar a descarga motora de modo a livrar o sistema nervoso de qualquer Q em atividade, diz Freud (1895) e a secundária é produzir a “fuga do estímulo” (p. 341), segundo a qual, entre os caminhos de descarga serão preferidos e mantidos aqueles que levem à cessação de Qn, a essa fuga. Esta função, portanto, consistiria “em reter [manter] os caminhos de descarga que se tornaram preferenciais por acarretar uma interrupção do fluxo de Qn” (GABBI JR., 1981, p. 140, grifo do autor). Embora as duas funções sirvam ao princípio de inércia, pois buscam evitar o acúmulo de Qn no

sistema nervoso, isto é, manter a zero o seu fluxo; a secundária vai um pouco além. Ela atende também ao *princípio de constância*, segundo o qual os neurônios tendem a manter constante uma certa Qn (quantidade neuronal/nervosa).

Entretanto, se é preciso manter constante uma certa quantidade de Qn, mesmo a despeito de que os estímulos que adentram o sistema nervoso sejam eliminados por descarga motora, não significa que conseqüentemente deve haver estímulos que nele se mantêm? E assim o é, pois o que justifica o princípio da constância é a existência de estímulos providos do próprio corpo, estímulos endógenos (Qn) que devem ser descarregados tal como os exógenos (Q). Segundo Freud (1895), estes estímulos são os que dão por resultado as grandes necessidades: fome, respiração, sexualidade, as necessidades da vida (*not des lebens*)⁹.

Freud (1895) salienta que a diferença crucial entre estes estímulos está no fato de que dos endógenos o sistema nervoso não pode fugir, ou seja, não é possível eliminá-los como ocorre com os exógenos, para isso é preciso algo mais, algo que seja exterior ao próprio sistema, pois, diferentemente dos exógenos que atuam no sistema nervoso por impacto, os endógenos atuam por “somação” (acúmulo) e de forma “contínua” (p. 360), sendo que “só cessam sob precisas condições que têm que realizar-se no mundo exterior” (p. 341, tradução minha), exclusivamente sob uma ação chamada “específica” (p. 341). A *ação específica* é a responsável não apenas pela suspensão provisória do processo de somação de Qn, ou seja, pela interrupção provisória do fluxo de Qn no sistema nervoso, mas pela primeira suspensão. O resultado dessa primeira suspensão é a demarcação de um antes e de um depois.

Por mais paradoxal que pareça ser, inevitavelmente, o sistema nervoso precisa suportar o acúmulo dos estímulos endógenos (Qn) para que estes possam ser descarregados por meio da ação específica; algo, portanto, que se coloca efetivamente na contramão do princípio da inércia, já que o sistema é obrigado a abrir mão dessa sua originária tendência.

No entanto, como assinala Torres (2010), “a contraposição da ação específica ao princípio de inércia é ambígua, pois se por um lado não o atende, por outro só o faz para poder atendê-lo” (p. 83). Em contrapartida, a mesma ação parece só ocorrer para gerar o princípio de constância e este, porque aquela ocorreu.

Assim, acompanhando o pensamento freudiano até agora, é possível depreender que “todas as operações do sistema de neurônios devem ser situadas sob o ponto de vista da

⁹ De antemão, esses estímulos endógenos que não cessam, que agem por somação e de forma contínua, é o que mais tarde Freud chamará de pulsão, precisamente as pulsões parciais. No próximo capítulo, é o que será explorado.

função primária ou bem da função secundária, que é imposta pelas exigências da vida [*not des lebens*]” (FREUD, 1985, p. 341).

Como já vimos, a função primária é descarregar quantidades (Q e Qn), isto é, manter o sistema nervoso livre de Q e Qn, livre da tensão (do desprazer) que elas possam causar; a secundária é conservar os caminhos preferenciais de descarga, ou seja, possibilitar a ação específica, tendo em vista que os caminhos de descarga (fuga do estímulo) preferidos e mantidos somente se originarão após essa ação¹⁰.

Gabbi Jr. (1981) salienta que a realização de um trabalho de manutenção de caminhos favoritos – de uma preferência – é indicativo de que há diferenças dentro dos sistemas neuronais. Isso pode ser aproximado ao que Freud enuncia nos seguintes termos:

Existem duas classes de neurônios. Em primeiro lugar, aqueles que deixam passar Qn como se não tivessem nenhuma barreira de contato e, portanto, por detrás de cada passagem de excitação [dos estímulos] ficam no mesmo estado que antes e, em segundo lugar, aqueles cujas barreiras de contato se fazem valer de tal sorte que Qn somente com dificuldade ou somente parcialmente pode passar por elas. Estes, trás cada excitação, podem ficar em um estado diferente que antes, e assim dão por resultados *uma possibilidade de constituir a memória* (FREUD, 1985, p. 343-344, grifo do autor, tradução minha).

Os neurônios que não resistem à passagem de excitação e não retêm Qn são *permeáveis* e condutores, servem à percepção. Os que operam resistência e retêm Qn são *impermeáveis* (ou melhor, parcialmente permeáveis, logo veremos) e retentores, são portadores de memória. Estes compõem o sistema ψ ; aqueles, o sistema ϕ (FREUD, 1985). A diferenciação entre os neurônios de um e do outro sistema está no funcionamento ou não de suas barreiras de contato, das sinapses.

Por conseguinte, a possibilidade de constituição da memória está justamente nessa diferença, na capacidade das barreiras de contato dos neurônios ψ de se alterarem permanentemente pela passagem da excitação (Qn). Tal alteração consiste em que as barreiras de contato desses neurônios se tornem mais suscetíveis de condução de Qn, ou seja, parcialmente permeáveis. Esse grau de alteração é designado por Freud (1985, p. 344) de *Bahnung* (*trilhamento, facilitação*) e ela tem a ver com a absorção de Qn pelas barreiras de

¹⁰ É nesse sentido que se pode falar em um antes e um depois da ação específica. Os caminhos abertos e propiciados por tal ação demarcarão os caminhos posteriores e, uma vez ocorrida esta ação, algo se modifica, o sistema nervoso não se mantém o mesmo, ele se transforma. É como se passássemos de “sistema nervoso” para “aparelho psíquico”. Talvez seja possível até ensaiar dizer aqui que a ação específica, como se verá mais adiante, porque não pode prescindir da figura de alguém externo para sua efetivação, abre para um novo discurso: o psicanalítico. Falar em aparelho psíquico marca uma diferença de discurso, pois saímos de um discurso de ordem fisiológica para um de ordem psíquica. É com a consecução da ação específica por outrem que algo da ordem do discurso, portanto, da ordem da linguagem, impor-se-á.

contato, o que torna os neurônios ψ cheios (investidos) de Qn. Essa *Bahnung* consiste em abrir trilhas, uma vez abertas, facilitará o caminho num momento posterior (TORRES, 2010).

Agora já é possível juntar os elementos tratados até o momento. A função primária dos neurônios (descarregar Qn) e a função secundária (reter caminhos preferenciais de descarga/fuga do estímulo) se referem, respectivamente, aos sistemas de neurônios ϕ e ψ . Uma informação suplementar é que Freud divide este último sistema de neurônios em duas classes: *ψ do pallium* e *ψ do núcleo*. Então, resta saber: como se articulam esses dois sistemas na condução, transmissão e retenção de Qn no sistema nervoso?

Grosso modo, essa articulação se dá assim: os estímulos exógenos (Q) passam primeiramente pelos órgãos do sentido que funcionam como uma tela protetora cujo objetivo é minimizar a incidência de Q, só depois disso é que chegam ao sistema ϕ ; aqui parte deles é diretamente descarregada/liberada pelo aparato muscular e parte outra é conduzida ao ψ do *pallium* e também descarregada/liberada por via motora. O ψ do núcleo, por sua vez, recebe, retém e descarrega Qn provinda do corpo, não estando articulado ao sistema ϕ e tampouco ao ψ do *pallium*. A articulação entre os sistemas se dá de forma a transferir Q(quantidades) entre eles até a sua devida descarga, liberação. O sentido dessa engrenagem de transferência de somas de Q está na minimização do impacto que essa Q pode ter nos sistemas de neurônios. Lembremos que, sob a égide do princípio de inércia e do princípio de constância, o aparato nervoso tenderá a diminuir ou eliminar a carga de Q que lhe adentre, com vistas a manter-se em estado de mínima ou nenhuma tensão ou em estado de constância de estímulos.

Importante colocar, no entanto, que a articulação transferencial entre os sistemas ϕ e ψ do *pallium* e deste com o ψ do núcleo só se efetivará após a ação específica, precisamente depois da vivência de satisfação. De antemão, uma conclusão se impõe: a ação específica constitui-se não apenas como o primeiro dos caminhos preferenciais (*Bahnung*) mantido pelo sistema de neurônios, mas também como a possibilitadora dos ulteriores caminhos preferenciais, já que ela é a base da vivência de satisfação.

O que está em xeque no conjunto da vivência de satisfação é a cessação provisória dos estímulos endógenos acumulados, sua descarga motora. Como já tratado, se os sistemas de neurônios (ϕ e ψ do *pallium*) podem efetuar a descarga dos estímulos exógenos, quanto aos endógenos... eles nada podem fazer.

Sabemos já que o ψ do núcleo é o sistema que lida com os estímulos endógenos e sua primeira responsabilidade é suportar o acúmulo de Qn para fins da ação específica. Antes dessa ação, porém, o sistema nervoso só acumula Qn; quando ela ocorre, entretanto, há a

possibilidade de descarga dessa Qn, ou seja, essa ação tem nada mais nada menos do que uma função de estabilização para o sistema nervoso. Tal é sua importância que ela é tomada por Freud como um genuíno *start* do funcionamento do aparelho psíquico.

Pois bem, nos primeiros momentos de vida de um organismo humano, seu sistema nervoso está funcionando no princípio da inércia, tendendo, portanto, a eliminar os estímulos externos que adentram o sistema e causam tensão. Uma informação complementar é que a incidência desses estímulos causa desprazer, intensificando a necessidade de eliminá-los. Em paralelo a isso, as barreiras de contato dos neurônios do sistema ψ retém Qn mantendo ψ do núcleo cheio, investido. Esse acúmulo, todavia, salienta Freud (1950 [1895]), “terá por consequência um afã de descarga, um esforço (*Drang* [pressão]) que se apressa a um caminho motor” (p. 362).

A primeira via a que o sistema de neurônios recorre é a *alteração interna*, qual seja, a expressão das emoções por meio de choro, gritos, inervação vascular, o que causa desprazer. No entanto, por mais que haja descargas por essa via, a pressão exercida por Qn é contínua e não pode ser cessada. Em outras palavras, tendo agora como base o texto *A Interpretação*:

A criança faminta chorará ou dará pontapés inerme. Mas a situação se manterá imutável, pois a excitação que parte da necessidade interna não corresponde a uma força que golpeia de maneira momentânea, senão a uma que atua continuamente (FREUD, 1900b, p. 557, tradução minha).

É apenas com a intervenção de algo externo ao sistema que a pressão de Qn pode temporariamente ser cessada (FREUD, 1985), ou seja, que pode haver alguma mudança na tensão interna. Para isso, é imprescindível, no entanto, “uma alteração no mundo exterior (provisão de alimento, aproximação ao objeto sexual) que, como *ação específica*, só se pode produzir por caminhos definidos [por outrem]”, já que

o organismo humano é no começo incapaz de levar a cabo a ação específica. Esta se efetua mediante *ajuda alheia* (*Nebenmensch*): em função da descarga através da via de alteração interna, um indivíduo experiente adverte-se do estado da criança (FREUD, 1985, p. 362, tradução minha).

O estado inicial em que se encontra o recém-nascido só pode ser o do desamparo, o *desamparo original* (*Hilflosigkeit*). Esse estado é, por excelência, a condição humana, ao qual

se ligará algo que dará oportunidade ao surgimento do novo. Se até o momento Freud descreve apenas os elementos internos inerentes ao funcionamento do sistema nervoso, ele introduz agora algo novo, que, embora alheio ao sistema, define sobremaneira o seu funcionamento, refiro-me à “ajuda alheia”, *Nebenmensch*. Como enfatiza Torres (2010), “a presença desse *Nebenmensch* (“homem/humano ao lado”, literalmente) é parte integrante da ação específica e ponto inicial de uma série de processos que se desenrolam a partir de então” (p. 85), sendo essa presença indissociável do *Hilflosigkeit*.

Se o adulto auxiliador executa o trabalho da ação específica no mundo exterior para o recém-nascido desamparado, este se torna capaz de consumir no interior de seu corpo a operação requerida para cancelar o estímulo endógeno. “A totalidade do evento [humano desamparado + *Nebenmensch*] constitui então uma vivência de satisfação [Befriedigungserlebnisses], que tem as mais profundas consequências para o desenvolvimento das funções no indivíduo” (FREUD, 1950 [1895], p. 363, tradução minha, grifo meu), já que ela deixa marcas (trilhas) permanentes no sistema ψ .

Freud enfatiza que

Um componente essencial dessa vivência de satisfação é a aparição de uma percepção específica (a nutrição, em nosso exemplo), cuja imagem mnêmica fica, daí em diante, associada a um traço (marca) que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. A próxima vez que esta última sobrevenha, graças ao enlace aí estabelecido, surgirá uma movção psíquica que procurará reinvestir a imagem mnêmica daquela percepção e evocar outra vez a mesma percepção, ou seja, restabelecer a situação da satisfação original (FREUD, 1900b, p. 557, grifo meu).¹¹

Em outras palavras, tal vivência causa um grande impacto no sistema ψ , o que pode ser evidenciado levando em conta três de suas consequências (FREUD, 1985):

- 1) A provisão de alimento pelo *Nebenmensch* ao recém-nascido produz uma descarga duradoura dos estímulos referentes à alteração interna que provocara desprazer.
- 2) O alívio resultante dessa descarga cria no sistema ψ do *pallium* o investimento de um grupo de neurônios que corresponde à percepção do objeto (o alimento, a nutrição em si, o próprio provedor – o outro) que produziu o “apaziguamento do estado de inquietude”, propiciando a partir daí a aparição de uma imagem mnêmica da

¹¹ Ao longo desse capítulo utilizo como equivalentes de “imagem mnêmica”: “imagem-recordação”, “lembança”, “recordação”, “representação” e “representação fantasia”. Há que se deixar em suspenso também que lembrança, percepção e presença real são coisas distintas, para mais adiante, no capítulo 3, tratar de suas consequências e melhor circunscrever tais questões.

percepção desse objeto. Assim, o traço mnêmico da *Befriedigungserlebnisses* (vivência de satisfação) ficará pra sempre registrado no sistema ψ .¹²

3) Em função do investimento dos neurônios do sistema ψ do *pallium*, advém algo bem importante, inauguram-se entre ψ do *pallium* e o núcleo umas *Bahnungen* (trilhamentos) permanentes, por meio das quais eles passarão a se comunicar, a interagir.

É comum às consequências relacionadas a essa vivência um certo caráter de inauguração. No que diz respeito à primeira consequência, em primeiro lugar, e tomando como referência o infante, o que se inaugura é uma primeira satisfação em função da experimentação/experiência por parte do infante de uma baixa significativa de tensão; em segundo lugar e de uma perspectiva exterior ao infante, a inauguração primeira de uma relação dentro/fora, interno/externo, mesmo a despeito de não haver ainda, por parte do bebê, uma consciência acerca dessa relação.

No que tange à segunda, a inauguração de uma primeira percepção de objeto (o alimento e o adulto provedor são tomados como objetos): a presença desse objeto propicia uma percepção de objeto que fica marcada (como marca mnêmica/lembrança) para sempre no sistema nervoso do infante, o que o orientará na atribuição de valores às suas futuras percepções.

E por fim, no que se refere à terceira consequência, a vivência de satisfação é propulsora de algo novo para o sistema de neurônios, ela lhe dá o start. Antes dela os neurônios do sistema ϕ e ψ não se comunicavam e os do ψ estavam bloqueados entre si devido a uma forte resistência em suas barreiras de contato. Depois dela, entretanto, se inaugura uma via de comunicação entre ϕ e ψ , e é criada uma ligação (uma facilitação permanente) entre ψ do *pallium* e o do núcleo. Segundo Torres (2010): “É só a partir daí que o aparelho pode passar a funcionar segundo as relações apontadas [por Freud] entre o sistema ϕ e o sistema ψ ” (p. 86, grifo meu).

Freud (1950 [1895]) indica que as conexões estabelecidas entre os neurônios ψ serão regidas pela lei fundamental da *associação por simultaneidade*.

Segundo ela, toda vez que um conjunto de neurônios é simultaneamente catexizado [ocupado, investido], se estabelece automaticamente maior facilitação entre as suas barreiras de contato. A consequência dessa lei é que,

¹² O que está em xeque aqui é o surgimento primeiro de uma percepção de objeto e de uma lembrança (marca mnêmica) associada a essa percepção. Mas, além disso, o primeiro enlace entre percepção e lembrança.

na segunda vez em que ocorre um processo de somação [de Q_n em ψ], haverá uma tendência em ψ a catexizar os mesmos neurônios, ou seja, a seguir aquele caminho anterior. Surge uma compulsão a repetir o mesmo trajeto, a reencontrar o mesmo objeto que levou à interrupção do processo somatório (GABI JUNIOR, 1981, p. 150).

Assim, todas as vezes que as *not des lebens* se reapresentarem no ψ do núcleo, o sistema nervoso para apaziguar-se, buscará investir o mesmo objeto (nutrição) e a mesma via (a descarga pela ação específica) viabilizados na primeira vivência de satisfação, ou seja, origina-se desde aí uma incessante busca por restabelecê-la. Em outras palavras, “quando o estado de necessidade se repetir, surgirá um impulso psíquico [moção psíquica] que procurará reinvestir a imagem mnêmica [lembrança/representação] do objeto, com a finalidade de reproduzir a satisfação original” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 79, grifo meu).

A moção psíquica que reinveste a representação do objeto primeiro, na tentativa de repetir a situação de satisfação originária, tem um nome:

Uma moção dessa índole é o que chamamos de desejo [*Wunsch*]; a reaparição da percepção é a realização de desejo, e o caminho mais curto para este é o que leva desde a excitação produzida pela necessidade até o investimento pleno da percepção. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era percorrido realmente dessa maneira, e, portanto, o desejar acabava em um alucinar (FREUD, 1900b, p. 557-558, tradução minha, grifo meu).

Após a originária vivência de satisfação nunca será possível o reencontro do objeto primeiro que foi oferecido pelo *Nebenmensch* e nem da descarga motora que o fomentara; o que há a partir daí é a ativação da representação do objeto e da memória motora ligada a esta representação. O resultado disso é uma reconstrução da “presença” do objeto através de uma alucinação, instala-se desde aí um estado de desejo. Dito de outra forma, o objeto originário está **para sempre perdido**, nunca será (re)encontrado; o que resta é seu eterno retorno em forma de alucinação, nunca será o objeto de fato, senão a sua re-apresentação simbólica, sua representação simbólica. O objeto se reapresenta simbolicamente, ele retorna apenas alucinatoriamente.

Faz-se necessária aqui uma ponderação sobre o estatuto do objeto. Em última instância, o objeto nunca será de fato real e (re)encontrado na realidade. Entendamos o porquê. A vivência de satisfação funda o objeto por excelência. Daí em diante, estabelece-se uma relação objetal para o infante, pois este, ao ser alimentado pela mãe, terá a sensação de que recebeu O objeto dA satisfação. Assim, sentindo-se totalmente satisfeito, colocar-se-á a

partir daí numa ligação (relação) alucinada com esse objeto. É nesse sentido que Freud (1895) marca a existência de um desapontamento seguido à vivência de satisfação. Isso significa que ao sentir-se satisfeito nessa primeira vivência, buscará nas posteriores o tal dO objeto que supostamente o complementara, porém, não o encontrará, desapontando-se. Há aí uma suposição de completude que faz com que o infante permaneça o resto da vida na tentativa de (re)encontrar O objeto dA satisfação. A questão toda se manifesta nesse vínculo primevo com o objeto, um vínculo que não o é em essência e que se desvela como uma verdadeira hiância. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que o infante tem sua primeira relação objetal – que se inaugura para ele um objeto – ele perde pra sempre o vínculo com esse objeto (suposto real e existente), pois este jamais será reencontrado; a relação do infante com o objeto de satisfação está pra sempre frustrada. Mesmo que ele esteja fadado, desde a vivência de satisfação, a tentar resgatá-lo em suas vivências posteriores, isso não será possível. Aqui se esboça uma consequência importante: o estatuto do objeto, em Freud, é o da perda. O objeto está pra sempre perdido. Perdido porque o objeto real nunca existiu (isso será entendido à frente quando do tratamento da questão da demanda); perdido porque o infante jamais encontrará na realidade um objeto que de fato o complete, o satisfaça completamente. Na alucinação, o objeto será sempre confundido com um objeto real, representado enquanto tal; na realidade, ele será percebido enquanto tal, ou seja, nem na alucinação e tampouco na realidade se chega ao objeto real de fato¹³.

Enfatiza Torres (2010) que “depois da experiência de satisfação associada [...] ao *Nebenmensch*, forma-se um circuito primeiro de *bahnungen* no aparelho dirigido à tentativa de satisfação alucinatória do desejo” (p. 87). O estado de desejo (*Wunsch*) é o que resta, é o rastro dessa vivência, é, digamos, sua maior consequência. “Para Freud, não há funcionamento do aparelho em paralelo à experiência de satisfação, ao contrário, o modelo se apoia em uma experiência original que funda o funcionamento primeiro do aparelho” (TORRES, 2010, p. 87). O desejo é, portanto, inaugurador do aparelho psíquico.

Concluindo esse conjunto de ideias, o que se instala depois da vivência de satisfação é o desejo, e em função deste funda-se um modo peculiar de funcionamento do aparelho psíquico que é o alucinatório, o qual será nomeado por Freud (1950 [1895]) de *processo primário*. Este fornece a base de sustentação do *processo secundário*, que, ao contrário do primário, se ampara na realidade, ou melhor, em signos de realidade e não na alucinação. Em

¹³ Isso ficará mais claro quando do estudo do conceito de pulsão (*Trieb*). Esta, tal como o desejo (*Wunsch*), não tem um objeto que a satisfaça.

suma, as consequências da vivência de satisfação são: o start do desejo e o funcionamento do aparelho psíquico em seus processos primário e secundário.

O que está em xeque entre um e outro processo pode ser buscado no estatuto do objeto. Grosso modo é possível diferenciar um processo do outro dizendo que no primário o objeto é alucinado, trata-se pois de uma lembrança/representação do objeto, e no secundário ele tem presença real, trata-se de uma percepção. No primeiro o que está em xeque são os processos alucinatorios nos quais se confundem “fantasia” e realidade; no segundo, os processos de pensamento em que o pensar é mediador da relação do sujeito com a percepção do objeto, e do sujeito com a realidade. Alucinar *versus* pensar, como se articulam com o desejo freudiano?

1.3 As vivências de satisfação e de dor e os processos primário e secundário

Já indiquei anteriormente que, para Freud, o aparelho psíquico é composto por três sistemas de neurônios: sistema ϕ (**FI**), sistema ψ (**PSI**) e sistema ω (**Ômega**). Dos dois primeiros já tratei um pouco, resta o terceiro. Este último sistema vai permitir a diferenciação entre o processo primário e o secundário e, em consequência disso, a distinção entre *percepção* e *lembrança* (representação). Para isso, antes vejamos em que se constitui esse sistema.

De acordo com Freud (1950 [1895]), os processos psíquicos quantitativos que ocorrem em ϕ e ψ são inconscientes. No caso do sistema ω , os processos são qualitativos e conscientes, já que ele é responsável pela *percepção-consciência*. Tal sistema trabalha sob o registro das qualidades e não das quantidades como os dois outros. A qualidade é a característica essencial desse sistema, ela se refere aos aspectos sensíveis da percepção, aos signos de qualidade das sensações, em outras palavras, aos signos de realidade.

A consciência nos dá o que se chama *qualidades*, sensações que são diferentes dentro de uma ampla gama de diversidade e cuja alteridade é distinguida segundo os nexos com o mundo exterior. Nesta alteridade existem séries, semelhanças, etc.; na verdade, quantidades aqui não há (FREUD, 1985, p. 352, grifo meu).

Explica Garcia-Roza, “uma cor, um som, uma textura apresentam-se como séries, como semelhanças e diferenças, como sínteses das impressões elementares” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 103), é este o universo da qualidade. E “onde se originam as qualidades?” (1985, p. 352), se pergunta Freud.

Sua resposta é que os sistemas de neurônios contam internamente com um dispositivo que transforma as quantidades em qualidades, o que se harmoniza perfeitamente com a tendência originária do aparelho de afastar as quantidades, a contar com o fato de que em ω chegam quantidades muito pequenas, apenas quantidades que já foram transformadas em qualidade (FREUD, 1985).

Até o momento, sabemos que a passagem de Qn no sistema nervoso se dá por meio da transferência de Qn entre os sistemas ϕ e ψ . Uma diferença crucial, porém, é que em relação a ω o que é transferido não é exatamente as quantidades de Qn, mas seu fator temporal. Esse fator é chamado por Freud de *período*. Para ele, “os neurônios ω são incapazes de receber Qn,

em compensação, se apropriam do período de sua excitação” (1985, p. 354), de sua temporalidade. Enfatiza Garcia-Roza que “essa temporalidade não é redutível à quantidade, trata-se do tempo puro, de uma temporalidade descontínua ou periódica, pura qualidade” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 110). Essa descontinuidade remete à diferença na intensidade das excitações, o que é convertido em diferentes qualidades, ou seja, em sensações *conscientes* de prazer e desprazer.

A noção de período esclarece as diferentes qualidades, as sensações de prazer e desprazer, sendo elas enunciadas quando Freud trata das vivências de satisfação e de dor. Retomo em resumo as consequências da primeira vivência e acrescento em seguida as da segunda, para que daí seja possível entender como Freud postula a diferenciação entre processo primário e secundário, lembrança e percepção.

Vimos que o funcionamento do aparelho psíquico é norteado por dois princípios, o de inércia e o de constância. O primeiro tem por finalidade afastar toda Q que adentre o sistema nervoso, eliminando-a pela via motora na sempre tentativa de manter o sistema nervoso em repouso, livre de Q. No entanto, isso é impossível, dado que o sistema nervoso será necessariamente desestabilizado por um acúmulo de Qn que não provém de fora, mas de dentro, por ser gerado pelo próprio organismo em função das exigências de vida (*not des lebens*). Assim, um segundo princípio virá em auxílio do primeiro, visando manter em constância a quantidade de Qn. Já vimos que o organismo, com vistas à ação específica e contra o princípio de inércia, paradoxalmente, acumulará Qn em seu interior. Tal acúmulo será eliminado pela ação específica, responsável ela por restituir ao sistema nervoso o equilíbrio de outrora, uma constância de Qn.

Em função do acúmulo de Qn no ψ do núcleo, aparecerá uma sensação de desprazer em ω ; em outras palavras, esse acúmulo provocará desprazer, será sentido como tal em ω . É graças à ajuda alheia (*Nebenmensch*) que a ação específica será efetuada, dela resultando uma sensação de prazer em ω , já que neste sistema acontece “a passagem de um estado de mais movimento para um de menor movimento, ou seja, aparece uma sensação consciente de prazer” (GABBI JR., 2003, p. 55). A ação específica efetuada pelo *Nebenmensch* será tomada como uma vivência de satisfação e, como já vimos, desta decorrerá:

- 1) a cessação duradoura do processo de somação de Qn em ψ , pondo fim à tensão que produzira desprazer em ω ;

- 2) o aparecimento de uma percepção de objeto (alimento e *Nebenmensch*) e de uma descarga motora associada a essa percepção, restando dessa percepção e descarga suas respectivas imagens mnêmicas (lembranças) quando da repetição da vivência, e
- 3) uma facilitação (*Bahnung*) se formará entre os neurônios ϕ e ψ , dando origem à memória, podendo esta ser traduzida nesse momento como a possibilidade de as barreiras de contato dos neurônios serem permanentemente modificadas em função da passagem da excitação.

Da vivência de satisfação, vimos, sua maior consequência é a inauguração de um estado de desejo – o desejo (*Wunsch*) freudiano, pois, depois de vivê-la, o bebê, ao sentir outra somação de Q_n em seu organismo, tentará livrar-se dela descarregando-a pelas mesmas vias utilizadas na/pela ação específica, isto é, alucinando o objeto e a descarga que o arrancaram do desamparo. O bebê fica desde aí fadado a buscar repetir a satisfação primeira. Em função dessa vivência, o bebê, num outro momento de acréscimo de Q_n , se ocupará de reinvestir a imagem mnêmica amistosa, isto é, a lembrança do objeto de desejo, sendo esse processo cunhado por Freud (1950 [1895]) de *atração primária*.

Antes de adentrar à conceitualização da vivência de dor propriamente dita e às suas consequências, indico que, textualmente no *Projeto*, Freud (1950 [1895]) trata em primeiro lugar do fenômeno da dor para apenas em seguida falar sobre a vivência de satisfação. Isso é no mínimo curioso. A partir disso não seria possível pensar que, ao menos em alguma instância, Freud não estaria colocando a dor como um fator-causa predisponente do funcionamento do sistema nervoso?

Na dor há uma completa invalidação dos dispositivos de proteção do organismo, em função dela os limites de eficácia desses dispositivos são ultrapassados. Entendamos: “O sistema ϕ de neurônios é dotado de um dispositivo que impede a invasão de grandes Q exteriores, o mesmo ocorrendo com o sistema ψ de neurônios, tanto no que diz respeito às Q_n provenientes de ϕ como das provenientes de fonte endógena” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 138-139). Além disso, o organismo humano dispõe ainda de outros dispositivos que o protegem de altas de excitação, tais como os órgãos do sentido, as barreiras de contato dos neurônios e as telas antiestímulos, todos funcionando como uma espécie de filtro contra os estímulos agressores. Assim, a invasão do organismo por uma excessiva Q rompe seus dispositivos protetores. A irrupção da dor é fruto do fracasso de todos esses dispositivos (FREUD, 1895).

Embora Freud (1895) ressalte que, em consonância com o princípio da inércia, “o sistema de neurônios [ϕ e ψ] tem a mais decidida inclinação a *fugir da dor*”; ele não deixa de enfatizar também que “a dor põe em movimento tanto o sistema ϕ quanto o ψ , para ela não existe nenhum obstáculo de condução, é o mais imperioso de todos os processos. Os neurônios ψ parecem permeáveis a ela; a dor consiste, pois, na ação de uma Q de ordem da mais elevada” (p. 351, grifo meu).

Segundo Freud (1895), a dor é resultado da irrupção de Q hipertróficas em ϕ e ψ , sendo essa Q muito mais elevada que a Q normalmente mediada por ϕ e transferida a ψ . Isso significa que essa Q que irrompe em ψ , por ser muito alta, não pode ser mediada por ϕ , não sendo por ele filtrada e transferida em quantidade dissipada para ψ , ou seja, essas Q hipertróficas agem diretamente em ψ e, em consequência disso, são sentidas como desprazer em/por ω .

Assim, nesse primeiro momento, é possível dizer, que um desajuste na *quantidade* de estímulos vindos de fora produz severos ecos no interior do organismo, acarretando desprazer e culminando em dor. “É indiscutível que a dor possui uma qualidade particular que se faz reconhecer junto ao desprazer” (1985, p. 365), dirá Freud. Estaria ele aqui equivalendo dor a desprazer? Não exatamente.

O desprazer aparece aqui como uma qualidade da dor. Segundo Gabbi Jr. (2003), “A dor não é idêntica ao desprazer. Toda dor é desprazível, mas nem todo desprazer tem origem na vivência dolorosa, podendo decorrer do acúmulo de quantidades endógenas” (p. 58).

Pergunto se não haveria nas palavras desse autor o oposto do que coloca Freud, afinal, a dor não é a irrupção de estímulos externos em ψ que provocam desprazer em ω ? Não apenas, se levarmos em conta que Freud, depois de tratar textualmente da vivência de satisfação, estabelece uma diferenciação entre vivência de dor e reprodução da vivência de dor. A primeira estaria ligada, sim, a uma quantidade excessiva de Q que irrompe no aparelho psíquico; a segunda, às quantidades endógenas que em excesso provocam desprazer.

Tal como a vivência de satisfação, a vivência de dor também tem três consequências. A dor produz:

- 1) um grande acréscimo de Q_n que é sentido como desprazer em ω ;
- 2) uma tendência à descarga que pode ser modificada segundo certas direções; e
- 3) uma facilitação (*Bahnung*) entre a descarga e a imagem mnêmica (lembrança) da percepção do objeto que provocara a dor (FREUD, 1985) – o objeto hostil.

Em outras palavras, o acréscimo de Q_n em ψ vem da percepção do objeto hostil (e, depois, de sua lembrança/representação), sendo sentido/percebido como desprazer em ω , isto é, no sistema percepção-consciência. Como a tendência do sistema nervoso é livrar-se do excesso de Q_n , mantendo-a constante em ψ , serão abertos caminhos de descarga em diversas direções, o que Freud chama de “investimento colateral”. Surge depois dessa descarga uma forte tendência ao desinvestimento da imagem mnêmica que ocasionou a dor, esse desinvestimento vai produzir uma “*defesa primária*” ou “*recalque*” (FREUD, 1985, p. 367), isto é, uma espécie de aversão a manter investida a imagem mnêmica do objeto hostil.

No entanto, salienta Freud (1895):

se a imagem mnêmica do objeto (hostil) é investida de novo, é estabelecido um estado que não é de dor, mas tem semelhanças com ele. Esse estado contém desprazer e a tendência à descarga correspondente à vivência de dor [...]. Na vivência genuína de dor era a Q exterior irruptiva que aumentava o nível de tensão em ψ . Na reprodução da vivência – *no afeto* – só sobrevém a Q que investe a lembrança (FREUD, 1895, p. 365, tradução minha).

O termo *afeto*, segundo Garcia-Roza (2001, p. 140), “está sendo empregado aqui para designar a reprodução de uma vivência de dor, o que implica desprazer e não dor” (p. 140, grifo meu). Assim, se na genuína vivência de dor o desprazer é provocado pelo acréscimo de Q que vem do exterior, de um objeto hostil externo ao corpo; na reprodução é desprendido desprazer em função de acréscimo desde o próprio corpo, provocado pelo investimento na lembrança do objeto hostil.

Mas se o sistema nervoso faz de tudo para fugir da dor e do desprazer, como entender que na reprodução da vivência de dor há desprendimento de desprazer desde o próprio corpo?

Para explicar esse mecanismo de desprendimento, Freud (1950 [1895]) lança mão da seguinte correlação: assim como há neurônios motores que investidos conduzem Q_n aos músculos e a descarregam, existem “neurônios secretores” que, quando excitados, produzem no interior do corpo estímulos que agem sobre as conduções endógenas de ψ , esses neurônios influenciam na produção de Q_n endógenas, aumentando ainda mais a tensão interna de ψ .

Os neurônios secretores (também chamados neurônios-chave) somente são ativados dado um certo nível de tensão em ψ . Após a genuína vivência de dor abre-se uma via de ligação privilegiada entre a imagem mnêmica do objeto hostil e estes neurônios. É a vivência de dor, portanto, que inaugura o funcionamento destes últimos. Assim, se essa imagem for

reinvestida, os neurônios secretores entrarão em ação, liberando desprazer – que é “mais fácil” de o sistema administrar, ao contrário da dor, que desregularia o seu funcionamento¹⁴.

No entanto, tendo em vista ainda que o sistema nervoso esforça-se por manter constante o fluxo de Qn em ψ , na tentativa de barrar ou eliminar o aumento de tensão que pode ocasionar desprazer, como o sistema lida com essa liberação de desprazer?

Resgatando o que já fora colocado, Freud (1895) indica que há no sistema uma tendência à *defesa primária* (recalque), podendo esta ser entendida da seguinte maneira: uma imagem mnêmica hostil é sempre desinvestida, tão rápido quanto for possível. Freud justifica esse desinvestimento partindo da suposição de que as vivências primárias de dor teriam sido barradas mediante defesa reflexa, isto é, “o aparecimento de outro objeto no lugar do hostil foi o sinal de que a vivência de dor havia terminado, e o sistema ψ tenta, instruído biologicamente, reproduzir em ψ o estado que definiu a cessação da dor” (p. 367).

Nas palavras de Freud:

Os restos das duas variedades de vivência [dor e satisfação] que temos tratado são os afetos e os estados de desejo [desiderativo]; comum a ambas é que há uma elevação da tensão Qn em ψ , produzida no caso do *afeto* por desprendimento repentino, no do *desejo*, por somação. Ambos estados são da maior importância para o decurso [de quantidades] em ψ , pois deixam como seqüela uns motivos compulsivos. Do estado de desejo se segue diretamente uma *atração* ao objeto de desejo, respectivamente por sua marca mnêmica (traço); da vivência de dor resulta uma *repulsão*, uma desinclinação a manter investida a imagem mnêmica hostil. São estes os motivos: a *atração de desejo primária* e a *defesa primária* (FREUD, 1985, p. 366-367).

O que Freud indica com isso é que servem ao funcionamento do aparelho psíquico dois movimentos essenciais: desejar e recalcar. Em outras palavras, como salienta Gabbi Jr. (2003), “os dois caminhos preferenciais de eliminação, os dois motivos fundamentais de toda

¹⁴ “Posto que o desprendimento de desprazer pode ser extraordinário com um investimento ínfimo da lembrança hostil, é lícito concluir que a dor deixa como seqüela umas facilitações [*Bahnung*] de particularíssima amplitude” (FREUD, 1985, p. 366, tradução minha). No entanto, também a vivência de satisfação, como vimos, não deixa *Bahnungen* particularíssimas? Qual seria então a diferença entre as *Bahnungen* de uma e outra vivência? Para isso me apoio em Garcia-Roza (2001), para ele, “enquanto a vivência de satisfação é diferenciadora, a vivência de dor é desdiferenciadora” (p. 141), ou seja, se da primeira restam *Bahnungen* diferenciadoras; da segunda, desdiferenciadoras, já que a dor torna os neurônios inteiramente permeáveis à condução da excitação (Qn). Isto é, “deixa de haver caminhos diferenciados e estabelece-se como que um só caminho que, na verdade, é um não caminho, já que qualquer percurso é possível” (p. 142). “A dor é o que desorganiza o aparelho psíquico, provocando uma perturbação tal que suspende, enquanto ela durar, as diferenciações estabelecidas” (p. 141). Em contrapartida, na vivência de satisfação, o que há é o estabelecimento de caminhos preferenciais, caminhos que marcam uma diferenciação (uma diferença) dentro do caos sensitivo que o infante vive em seus primeiros meses de vida, marcam um direcionamento ao infante com base no objeto que lhe fora oferecido (alimento + *Nebenmensch*) e o lançara à satisfação.

conduta humana, têm como consequência ignorar todo objeto hostil e transformar todo objeto em objeto desiderativo” (p. 60, grifo meu). Nisso se reitera a ideia freudiana de que é tendência do aparato psíquico empenhar-se sempre em afastar toda e qualquer tensão que possa atrapalhar seu funcionamento. Entretanto, quem é que faz especificamente esse trabalho de afastamento? É aqui que Freud introduz em seu quebra-cabeça teórico uma outra importante peça: uma organização chamada *Eu*.

Esta organização está intimamente ligada à possibilidade de distinção entre percepção e lembrança/recordação (representação do objeto), portanto, à diferenciação dos processos primário e secundário, em consequência, à diferenciação entre interno e externo.

Freud (1950 [1895]) indica que a *atração desiderativa primária* e a *defesa primária* são frutos dessa organização chamada *Eu*: “uma organização cuja presença perturba decursos que uma primeira vez se consumaram de maneira definida [ou seja, acompanhados de satisfação ou de dor]” (p. 368).

A função dessa organização é inibir a descarga de Q_n quando da ausência do objeto, a partir dos signos de realidade provenientes do sistema ω , dando lugar à distinção entre processo primário e processo secundário (GARCIA ROZA, 2003, p. 148).

Assim, uma vez que as vivências de dor e de satisfação se consumaram, uma organização *Eu* começa a se estruturar. Assinala Freud (1959 [1985], p. 369) que “Se existe um *Eu*, por força, inibirá processos psíquicos primários”, isto é, o *Eu* inibirá o investimento excessivo de uma imagem mnêmica (lembrança/recordação), seja ela um objeto de desejo (amistoso) ou um objeto hostil. Em outras palavras, é o *Eu*, que atento aos signos de realidade oriundos de ω , indicará a ψ se um objeto tal é uma alucinação ou se ele tem presença na realidade. Porém, como o *Eu* faz isso? Em que se constitui o *Eu* pra fazê-lo?

Pormenorizando, é ainda importante dizer em relação ao *Eu* que:

- O *Eu* está dentro do sistema ψ , consiste em um conjunto de neurônios ψ constantemente investido (ψ do núcleo), portador do reservatório requerido pela função secundária do sistema nervoso.
- Atua na configuração de investimentos colaterais – caminhos preferenciais – que, através da facilitação de uma rede de neurônios, inibem o livre escoamento da Q_n na repetição das duas vivências.

- O Eu influi inibitoriamente sobre a repetição das duas vivências: sua forma de ação “consiste em inibir o processo alucinatório, evitando, no caso da repetição da vivência de satisfação, que o agente persiga automaticamente as cadeias associativas e alucine o objeto desiderativo, e, na repetição da vivência dolorosa, pelo rompimento dos vínculos associativos, deixe de dar-se conta do objeto hostil” (GABBI JR, 2003, p. 63, grifo meu).
- Ante a um novo investimento da imagem mnêmica hostil, o Eu possui um mecanismo de orientação de *atenção*, isso faz com que ele consiga inibir, mediante um vasto investimento colateral, o decurso excitatório que vai da imagem mnêmica hostil ao desprendimento de desprazer.
- Em função do Eu o aparelho psíquico é obrigado “a considerar tanto condições internas quanto externas e a estabelecer uma mediação entre as mesmas”, servindo o Eu, enfatizo, “para diferenciar percepção de recordação, isto é, para garantir que os caminhos percorridos levem em conta as indicações [signos] de realidade” (GABBI JR, 2003, p. 64).

Por conta do que foi exposto acima, é possível proceder a uma primeira distinção entre os processos primários e secundários. O critério que possibilita tal distinção são os signos de realidade e, como indica Freud (1950 [1895]), esse critério provém de ω , pois “a raiz de cada percepção exterior gera-se uma excitação-qualidade [prazer/desprazer] em ω , que, entretanto, carece de significação para ψ ” (p. 371, tradução minha). A excitação em ω implica numa descarga em ω , da qual se chega notícia em ψ . Essa notícia é, pois, o “*signo de qualidade ou realidade objetiva para ψ* ” (p. 371, tradução minha). Entendamos como esse signo atua e qual sua função no momento da reprodução das vivências de satisfação e dor.

O signo de realidade indicará ao Eu se o que ele está investindo é uma percepção ou uma lembrança; precisamente, indicará que ele não deve investir excessivamente a lembrança de um objeto desiderativo ou hostil. Destarte, todo o esforço do Eu está em barrar um investimento demasiado, em evitar que uma lembrança seja confundida com uma percepção.

Em suma, o Eu, à mercê dos sinais (de realidade) enviados por ω , terá como função investir moderadamente a imagem mnêmica do objeto de desejo e evitar o investimento na imagem mnêmica do objeto hostil, pois ambas, se investidas em excesso, provocam um desprendimento de desprazer que será sentido como tal em ϕ , em ω , em ψ como um todo e essencialmente na organização Eu.

No caso da repetição da vivência de satisfação, quando no estado de desejo a imagem mnêmica do objeto de desejo é investida de novo, sendo então decretada uma descarga, a satisfação não acontece, pois o objeto não tem de fato presença na realidade senão que é apenas uma *representação-fantasia* [lembrança/recordação/representação] (FREUD, 1985, p. 370). É nesse ínterim que é preciso um critério de realidade para que a organização Eu possa distinguir a real presença de um objeto de desejo de sua alucinação.

No caso da reprodução da vivência de dor, o signo de realidade chamará a atenção da organização Eu pra que ela não reinvesta a imagem mnêmica do objeto hostil, “a fim de prevenir [inibir], mediante investimento colateral, o desprendimento de desprazer que de tal imagem se seguirá” (FREUD, 1985, p. 370, tradução minha). Conforme Garcia Roza (2001, p. 153), “essa inibição pelo eu acontece quando um investimento colateral impede o livre curso da Qn”. Se essa inibição é empreendida a tempo, não se produz desprendimento de desprazer e a defesa é mínima; do contrário, se desprenderia um desprazer enorme e sobreviria uma defesa primária excessiva. Logo, o signo de realidade também serve para distinguir a a presença real da sua alucinação de um objeto hostil.

É o investimento moderado do objeto, por efeito da inibição por parte do eu, que permite reconhecer esse objeto como não sendo real. Se a inibição não ocorresse, a intensidade do investimento seria semelhante à produzida pelo objeto externo e a distinção seria impossível (GARCIA-ROZA, 2001, p. 155).

Mas por que, pra Freud, é tão importante empreender uma distinção entre percepção de objeto e sua lembrança? Bem, primeiro, porque embora, para ele, o start do funcionamento do aparelho psíquico se dê de forma alucinatória, não é possível que o aparelho continue a funcionar nesses moldes, pois ele não suportaria, haja vista o princípio neuronal da inércia. Segundo, porque é através disso que ele empreenderá a importante diferenciação entre alucinar (alucinação) e pensar (pensamento).

Como na repetição da vivência de satisfação e na reprodução da vivência de dor se trata da alucinação do objeto desiderativo e hostil, respectivamente, ambas as experiências são descritas, por Freud, como processos psíquicos primários.

O pensar – a possibilidade de que a organização Eu invista moderadamente, nunca além de um certo limite, a imagem mnêmica do objeto desiderativo e desinvista a imagem mnêmica do objeto hostil – está amparado nos signos de realidade (que mais tarde se configurarão

como o Princípio de realidade) estando alocado nos processos psíquicos secundários. Vejamos a distinção proposta pelo próprio Freud:

Chamamos de *processos psíquicos primários* o investimento desiderativo até a alucinação, o desenvolvimento total de desprazer que acarreta o gasto total de defesa; por outro lado, chamamos *processos psíquicos secundários* àqueles outros processos que são possibilitados somente por um bom investimento do Eu e que constituem uma moderação dos primeiros. A condição dos secundários é, como se vê, uma valorização correta dos signos de realidade subjetiva, somente possível com uma inibição por parte do Eu (FREUD, 1985, p. 372, tradução minha).

Assim, uma vez que tenha havido, por parte do eu, uma inibição no investimento excessivo do objeto de desejo, isto é, um investimento moderado no objeto de desejo, o que permite discernir entre um objeto real ou alucinado, estamos no campo dos processos psíquicos secundários, conseqüentemente, para Freud (1950 [1895]), no campo dos *processos de pensamento*.

1.4 O tripé do desejo freudiano e a instalação do circuito “demanda-desejo”

Os processos primário e secundário constituem juntamente com o desejo e o recalque que os possibilitam a engrenagem do aparato psíquico, sua estrutura. Entretanto, essa estruturação não se faz sem a instalação de um circuito que por ora nomearei *circuito demanda-desejo*.

Sabendo já que Freud postula as vivências de satisfação e de dor como formadoras do aparelho psíquico e como inauguradoras da organização Eu, e sabendo ainda que ele toma essas vivências como função estruturante para o movimento desejante do humano, será preciso voltar especificamente a uma delas – a de satisfação – agora, entretanto, em termos diferentes daqueles utilizados no *Projeto*, mas, como dito, mantendo-o ainda em nosso horizonte.

Assim, quero inicialmente recuperar três pontos cruciais levantados por Freud nessa obra. Tais pontos se referem ao *Nebenmensch* (homem ao lado), ao *complexo do próximo* e à *das Ding* (a coisa), que, a meu ver, se entrelaçam, e amarrados formam o que nomearei aqui de tripé do desejo freudiano.

O que se segue é a tentativa de demonstrar que esses pontos se articulam tendo em vista as noções de *outro* e de *objeto*, que remetem necessariamente à questão da alteridade, que está necessariamente implicada nos processos de sublimação.

Nesse primeiro momento, esse *outro* do qual falo se trata de um *outrem*; algo/alguém que não é o infante, que se difere dele; algo/alguém que inscreve para o infante a primeira diferença entre *dentro* e *fora*; aquele objeto provedor da satisfação da ação específica na integralidade da vivência de satisfação.

Vamos aos três pontos e às suas consequências...

No que se refere ao primeiro ponto em questão, quem seria o *Nebenmensch* senão a mãe, esse outro que se prostra ao lado do infante – *o humano ao lado*, recebendo-o em seus braços, nutrindo-o, acariciando-o, falando-lhe, desejando-o, e com isso possibilitando-lhe a experimentação de uma satisfação nunca dantes vivenciada?

O encontro boca-seio dá lugar a uma tripla descoberta: a psique do bebê descobre uma experiência de prazer e o corpo, uma experiência de satisfação; a mãe um dom necessário para a vida de seu bebê. Afeto, sentido, cultura estão copresentes nesses primeiros sorvos de leite (HORNSTEIN, 2009, p. 41).

A consequência imediata desse *Nebenmensch*, já sabemos, é a inauguração para o infante da satisfação, de uma satisfação primeira. Tal satisfação lança o infante a um estado de desejo, ao movimento desejante: a buscar repetir essa vivência, que, no entanto, repete-se apenas de forma alucinada, já que não é possível o resgate daquele suposto objeto que supostamente completara o infante nessa primeira vivência. A percepção objetual que é fundada nessa vivência não se apresenta só, vem acompanhada de uma lembrança/representação mnêmica e deixa um rastro de memória; uma representação mnêmica ao nível do aparelho psíquico.

Importante perguntar-se aqui sobre isso que acalma e satisfaz o bebê nesses primeiros momentos vitais, sobre esse objeto que é capaz de tão cedo lançar o infante a um movimento desejante. É possível sustentar que tal objeto é apenas alucinado e não real de fato, mesmo considerando que o bebê recebe de sua mãe o leite (o objeto *mãe* em si) que o acalenta? Sim. Vejamos o porquê.

Talvez ajude se pensarmos que, no início, há de fato uma experiência de satisfação e também um objeto – o leite materno. No entanto, talvez o alucinado em primeira instância seja a *relação confusa* estabelecida pelo infante com objeto a partir dessas primeiras vivências de satisfação, ou melhor, uma vivência que causa a ilusão de uma satisfação, já que embora o bebê experimente satisfação, esta não é absoluta, é apenas temporária, dura apenas até o próximo momento em que o corpo do bebê for novamente premido pelas *Not des Lebens*, necessidades vitais. Essa relação é caracteristicamente uma relação alucinada, por isso confusa, pois no momento seguinte a essa vivência, quando o infante for premido novamente pelas *Not des Lebens*, ele esperará pelo objeto primeiro, mas este não virá, pois é impossível que lhe seja ofertado novamente o objeto primeiro, e a isso se seguirá, portanto, um desapontamento.

Como aponta Joel Dor (1989), “[...] a criança irá confundir num primeiro tempo, a *evocação mnésica da satisfação passada com a percepção do acontecimento presente*” (p. 140, grifo do autor). Ela associará a imagem mnêmica ligada à vivência de satisfação com a reaparição da excitação produzida pelas *Not des Lebens*, confundindo-as, daí o desapontamento.

A confusão, portanto, se dá entre o *objeto representado* da satisfação passada e o *objeto real* suscetível de proporcionar uma satisfação presente; pois, segundo Freud, um investimento exagerado da imagem mnêmica provoca o “mesmo índice de realidade que uma percepção real” (DOR, 1989, p. 140).

A confusão está feita: todas as vezes que as *Not des Lebens* se reapresentarem, a imagem mnêmica da satisfação será reativada. Se num primeiro tempo, o infante tende a satisfazer-se de forma alucinada, isto é, confundindo percepção e lembrança do objeto, é apenas num segundo tempo, após uma certa repetição de experiências sucessivas de satisfação, que a imagem mnêmica da satisfação será distinguida da percepção real de satisfação. A imagem mnêmica tem um papel fundamental, pois é ela que orientará o infante em suas buscas em direção ao objeto real, “na medida em que este objeto real de satisfação está supostamente em conformidade com a imagem mnêmica” (DOR, 1989, p. 140).

O reinvestimento de uma tal imagem é um processo dinâmico, visto que, por outro lado, pode antecipar a satisfação de um modo alucinatório. Assim também, a essência do desejo [para Freud] deve ser procurada neste dinamismo. Ele tem por modelo a primeira experiência de satisfação e, para além desta experiência, permite orientar dinamicamente o sujeito na busca de um objeto suscetível de proporcionar esta satisfação (DOR, 1989, p. 141).

Insistamos: o objeto primeiro, o objeto propiciador da vivência de satisfação é real ou é alucinado? A vivência de satisfação é fatídica?

É possível considerar que objeto é real para o bebê porque de fato lhe é oferecido algo que, embora lhe apazigüe apenas temporariamente, lhe dá a sensação de satisfação absoluta, mas, na psique do bebê, esse objeto se re-apresenta alucinado¹⁵. Talvez seja apropriado dizer que entre o objeto primeiro e os que vêm a seguir há um *gap*, uma hiância: caem o objeto primeiro e a ilusão de satisfação absoluta. A vivência de satisfação existiu de fato porque ao bebê lhe foi oferecido um objeto capaz de apaziguá-lo ao menos temporariamente. No entanto, quando premido novamente por necessidades, o novo objeto que será oferecido ao bebê nunca o saciará como o que fora ofertado das primeiras vezes. Assim, embora seja possível falar na presença inicial e factual de um objeto, tal objeto só pode apaziguar momentaneamente as necessidades do bebê e nunca total e plenamente. É possível dizer que a ideia de um objeto alucinado se constitui no *après-coup*, no só depois. Talvez fique mais claro se levarmos em conta que o objeto constitui-se como alucinado no *après-coup*, porque é somente nas experiências de satisfação posteriores à primeira que ele “perceberá” que o objeto que lhe está sendo ofertado não lhe causa o mesmo contentamento

¹⁵ A grande questão está na confusão que se faz em relação a esse objeto primeiro. Ele e todos os outros que virão posteriormente não podem ser vistos, encarados como o objeto absoluto, como aquele que viria satisfazer a alguém em caráter absoluto, pois em se tratando do ser humano, não existe objeto dotado dessa propriedade, não há objeto capaz de propiciar satisfação absoluta.

que o primeiro. Para Freud, ao bebê, só é possível relacionar-se alucinatoriamente com o objeto, pois seu aparelho psíquico ainda não está totalmente formado. É esse modo de operar “alucinatório” que orientará o bebê em suas buscas iniciais de objetos.

Todo esse dinamismo inicial que orienta as buscas de alguém em direção a objetos de desejo passa necessariamente pelo outro, é intermediado pelo *Nebenmensch*. Assim, aqui se apresenta o segundo ponto, o complexo do próximo (ou do *semelhante*). Segundo Freud (1950 [1895]), esse outro intermediador é, para o bebê, o seu primeiro objeto de satisfação, seu primeiro objeto hostil e o único poder auxiliador. “Sobre o próximo, aprende o ser humano a discernir” (p. 376), enfatiza ele. É com as percepções que são inauguradas em função do próximo que o bebê humano opera; ele “aprende a identificar-se por meio do outro com base em determinados indícios” (p. 77), aponta Gabbi Jr. (2003).

Tal é a importância desse próximo que é possível dizer que ele não apenas é o responsável pelo forjar da primeira satisfação do infante, mas também é o propulsor de sua primeira frustração. Essa frustração instala, digamos, uma primeira “estruturação” de uma distinção dentro/fora, uma primeira noção de alteridade e extimidade. Nesse sentido, digamos que o *Nebenmensch* corporifica essa alteridade, esse fora, já que ele faz adentrar algo exterior, alheio a esse caos sensitivo interno em que está mergulhado o infante; algo que o apazigua, tira-o do turbilhão em que está mergulhado. Esse *humano ao lado* traz ao infante notícias do mundo de fora, contribuindo pra que, aos poucos, vá se estabelecendo pra ele uma diferença entre dentro/fora, entre o mundo e ele, e isso repercutirá sobremaneira em sua possibilidade ou impossibilidade de enlaçamento social, impulsionando-o ou não ao laço social, à busca de objetos na sociedade.

Sabemos que todo bebê humano se encontra no início de sua vida num estado de desamparo original (*Hilflosigkeit*) e se mantém durante certo tempo dependente de outras pessoas. Para esse bebê, é indispensável alguém que satisfaça suas necessidades vitais, é nisso em que participa o *Nebenmensch*. Caso esse “alguém” não se apresente, o bebê está certamente fadado à morte, pois todo ser humano é desde o princípio dependente desse *Nebenmensch* para se manter vivo, e para que, no futuro, a depender da encruzilhada estrutural que tenha sido possível tomar, ele possa devir um sujeito desejante.

É no momento em que Freud trata do complexo do próximo, que ele, a meu ver, introduz uma noção cara à questão da alteridade, refiro-me ao terceiro ponto: *Das Ding*. Ele fala de *Ding*, a coisa do mundo, algo que ele descreve como parte constante do complexo do próximo. A constância de *Das Ding* está em sua não representabilidade, em sua extimidade/exterioridade. “*Das Ding* é o não-representável, mas ao mesmo tempo, aquilo em

torno do qual se organizam as representações” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 163) para o humano. O que está em xeque aí é algo de irrepresentável, O objeto por excelência, aquele que supostamente apaziguou em absoluto o infante na vivência de satisfação, o objeto que jamais será reencontrado.

E por que é impossível um reencontro? Um reencontro com/d o objeto da satisfação, uma revivescência da própria satisfação originária? Por que o reencontro de tal objeto é impossível? “Reencontrá-lo não seria outra coisa que usufruir uma satisfação equivalente àquela originária; em tal situação haveria uma identidade de percepção entre a satisfação atual e o traço mnêmico da ‘original’” (LAJONQUIÈRE, 2007, p. 156). Em outros termos, tal impossibilidade pode ser entendida se considerarmos que na satisfação originária, o que faz trabalhar o desejo é o encontro, no momento inaugural da vivência de satisfação, de dois campos: *necessidade* e *demanda*. Depois de tal vivência, o que se configura é a sobreposição da demanda à necessidade. Para entendê-lo vamos nos amparar em conceitos que foram trabalhados por Lacan¹⁶.

Freud trata da noção de necessidade ao falar sobre o desejo, remetendo-a a *Not des Lebens*, embora ele não a identifique com o desejo. E Lacan, ao falar sobre o desejo, relendo Freud, introduz uma conceitualização sobre esse novo campo, o da demanda, articulando-a com a necessidade. Grosso modo, esta faz remissão às necessidades fisiológicas do organismo, à fisiologia; já a demanda, à satisfação pulsional e ao desejo. Para Lacan, a diferença entre a necessidade e a demanda, o que resta é o desejo. Não o *Wunsch* “freudiano”, senão o *Begierde* “lacaniano” (ROUDINESCO, 1998).

Elisabeth Roudinesco (1998), no *Dicionário de Psicanálise*, contribui pra que entendamos em que se difere um desejo do outro. O desejo da psicanálise de Freud, o *Wunsch* – conceito empregado no contexto de uma teoria do inconsciente – significa *voto* ou *anseio*, sendo descrito, ao longo da obra freudiana, em especial em *A Interpretação*, como desejo inconsciente e realização de desejo, “uma propensão e a realização da propensão” (p. 146). “Em outras palavras, é no sonho que reside a definição freudiana do desejo: o sonho é a realização de um desejo recalcado e a fantasia é a realização alucinatória do desejo em si” (p. 147).

Dizer que o desejo se realiza no sonho, significa dizer que há no sonho uma articulação das marcas mnêmicas do sonhador; é nisso em que compreende a realização do

¹⁶ Saliento, no entanto, que não está no escopo dos objetivos desta dissertação empreender um trabalho enfático com as teorizações deste autor, para isso seria necessário um outro trabalho. Entretanto, na medida de minhas possibilidades de leitura de suas teorizações e com o fim de melhor circunscrever o que está sendo trabalhado, Lacan se fará presente.

desejo: uma realização no plano onírico, inconsciente, fantasioso e não no plano concreto ou numa realidade empírica; se há uma realidade em xeque no desejo, só pode ser a psíquica. O desejo é, pra Freud, irrealizável no plano da realidade concreta e, de antemão, sempre fadado à insatisfação.

Lacan, além de ter em vista a definição freudiana de desejo, se ampara também numa tradição filosófica para propor sua concepção de desejo. Ele faz dela a expressão de uma *cobiça* ou *apetite* “que tende a se satisfazer no absoluto, isto é, fora de qualquer realização de um anseio ou de uma propensão” (ROUDINESCO, 1998, p. 146), o *Begierde*.

De acordo como Roudinesco (1999), *Begierde* faz remissão à filosofia da consciência e do sujeito desenvolvida no século XIX, a partir da publicação da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel.

[...] a consciência, no sentido hegeliano, reconhece o outro na medida em que se reencontra nele. A relação com o outro passa, pois, pelo desejo (*Begierde*): a consciência só se reconhece num outro, isto é, num objeto imaginário, na medida em que, através desse reconhecimento, instaura esse outro como objeto de desejo. O outro, portanto, é o objeto do desejo que a consciência deseja [...]. A consciência tem de passar pelo outro para retornar a si mesma sob a forma do outro. [...] A consciência só pode dizer “eu” em relação a um outro que lhe serve de apoio [...] (ROUDINESCO, 1998, p. 146).

Begierde remete à ideia hegeliana de reconhecimento. E como é dessa fonte filosófica que Lacan parte, para ele, *Begierde* passa a significar reconhecer-se no desejo de outrem. Assim, *Begierde* é sempre no sentido de desejo de um desejo. É tendo essa ideia de reconhecimento hegeliano em mente que, segundo Roudinesco (1998), entre 1953 e 1957, Lacan faz trabalhar junto à necessidade e ao desejo a *demanda*. A demanda pressupõe a dinâmica do reconhecimento. Ela parte de um reconhecimento no/do Outro, já que alguém demanda porque se vê reconhecido no desejo de outrem.

[A demanda] é endereçada a outrem e, aparentemente, incide sobre um objeto. Mas esse objeto é inessencial, porquanto a demanda é demanda de amor. Em outras palavras, na terminologia lacaniana, a necessidade, de natureza biológica, satisfaz-se com um objeto real (o alimento), ao passo que o desejo (*Begierde* inconsciente) nasce da distância entre a demanda e a necessidade (ROUDINESCO, 1998, p. 147).

Freud e Lacan não identificam a necessidade com o desejo. E a necessidade, também na terminologia freudiana, encontra satisfação em objetos específicos. O que muda substancialmente é o concernente ao desejo, pois o desejo, em Freud, está ligado a traços mnêmicos, a lembranças, à realização inconsciente e nunca se satisfaz; sendo remetido, em Lacan, ao campo do reconhecimento. Importante salientar, entretanto, que Lacan endossa o *Wunsch* freudiano:

Esse *Wunsch*, nós o encontramos, em seu caráter particular irreduzível, como uma modificação que não supõe outra normatização senão a de uma experiência de prazer ou de penar, mas uma experiência derradeira de onde ele jorra, e a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irreduzível. O *Wunsch* não tem o caráter de uma lei universal, mas, pelo contrário, da lei mais particular – mesmo que seja universal que essa particularidade se encontre em cada um dos seres humanos (LACAN, 1959-1960/2008, p. 35).

Na verdade, Lacan explora duas diferentes fontes para criar a sua concepção de desejo. Ele “estabelece um elo entre o desejo baseado no reconhecimento (ou desejo do desejo do outro) e o desejo inconsciente (realização no sentido freudiano)” (ROUDINESCO, 1998, p. 147). Assim, do elo entre duas tradições, a psicanálise de Freud e a filosofia de Hegel, é que nasce o desejo lacaniano: desejo como desejo do desejo do Outro, *Begierde*.

Assim, considerando que o *Begierde* nasce da distância entre demanda e necessidade, amparada portanto na concepção lacaniana de desejo, proponho uma articulação com a impossibilidade de reencontro do objeto da satisfação. Essa impossibilidade pode ser vista nessa distância, numa certa hiância que se abre entre necessidade e demanda em função de uma realidade que é apresentada pelo *Nebenmensch* ao infante.

Isso pode ser entendido da seguinte forma: o estado de tensão que se apresenta ao recém-nascido nos seus primeiros momentos de vida é ocasionado, tal como proposto por Freud (1895), pelas *Not des Lebens*. Lacan (1959-1960), em seu seminário *A ética da Psicanálise*, chama a atenção para o sentido de tal expressão, assinalando que, no texto alemão, se trata a *Not des Lebens* de uma “fórmula infinitamente mais forte [que necessidades vitais]. Alguma coisa que quer. A necessidade (*besoin*) e não as necessidades (*besoins*). A pressão, a urgência. O estado de Not é o estado de urgência da vida” (p. 74, grifos meus). Lacan enuncia com isso uma certa “discrepância” entre algo que se localiza na ordem das necessidades fisiológicas e algo que ultrapassa essa ordem, algo no campo da Necessidade, isto é, da demanda, uma remissão ao campo da satisfação pulsional.

Ao ressaltar o caráter de urgência de tal estado inicial, Lacan acaba por destacar algo da ordem de uma exigência, de uma necessidade pura: o caráter impelente da vida. Ou seja, um recém-nascido se encontra numa situação de Necessidade que clama por satisfação, caso contrário, ele pode ir a óbito. Aqui talvez se revele algo: em primeira instância, não é o recém-nascido que clama por satisfação, ele é lançado em uma situação de “alguma coisa que quer”. Não há, nesse momento inicial, *alguém* que quer algo, o que há é uma tensão urgente que exige ser apaziguada, satisfeita.

Assim, não é exatamente o infante que pede/demanda um objeto, senão que “esse algo pede/demanda” uma satisfação. “Consequentemente, somos levados a aceitar que o objeto que lhe é então proposto para a satisfação lhe é proposto *sem que ela o busque* e sem que lhe seja dado ter uma representação psíquica dele” (DOR, 1989, p. 141, grifo do autor), ou seja, sem mediação psíquica. Em outras palavras, as manifestações corporais (choro, grito, desconforto, etc.) da criança só têm sentido porque o outro lhes atribui um sentido.

Não se pode dizer que a criança utiliza estas manifestações corporais para significar alguma coisa ao outro. Ao nível dessa primeira experiência de satisfação, não existe nenhuma *intencionalidade* da criança no sentido de mobilizar o estado de seu corpo em manifestações que teriam valor de mensagem destinada ao outro. Em contrapartida, se essas manifestações fazem imediatamente sentido para o outro, isto implica que a criança é de imediato colocada num universo de comunicação, onde a intervenção do outro se constitui como uma *resposta* a algo que foi, de antemão, suposto como uma *demanda*. Por sua intervenção, o outro, portanto, refere imediatamente a criança a um universo semântico e a um universo de discurso que é o dele. Deste ponto de vista, o outro que *inscreve a criança neste referente simbólico* investe-se, por sua vez, junto à criança, como um outro privilegiado: o Outro (DOR, 1989, p. 144, grifo do autor).

É apenas a partir daí que a criança poderá, orientada pelas percepções e marcas deixadas por esse Outro (*Nebenmensch*), entrar num circuito de demanda-desejo. Assim, na medida em que a criança é cativa dos significantes do Outro, ela está irredutivelmente inscrita no universo do desejo do Outro, no universo da linguagem. Se em princípio, ela factualmente não tem possibilidade de demandar/pedir algo ao adulto, nos momentos seguintes é o que ela mais fará, é como ela se apresentará. Enfim, é quando a demanda se sobrepõe à necessidade, portanto, apenas quando o campo da demanda se instala, é que o desejo passa a operar.

É na medida em que a demanda está para além e para aquém de si mesma, que, ao se articular com o significante, ela demanda sempre outra coisa, que, em toda satisfação da necessidade, ela exige outra coisa, que a satisfação

formulada se estende e se enquadra nessa hiância, que o desejo se forma como o que suporta essa metonímia, ou seja, o que quer dizer a demanda para além do que ela formula (LACAN, 1959-1960/2008, p. 344-345).

No seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan (1958-1959/2002) esclarece que “o que caracteriza a demanda, não é unicamente que é uma relação de sujeito a um outro sujeito, é que essa relação se faz por intermédio da linguagem, quer dizer por intermédio do sistema dos significantes” (p. 54). Em *A subversão do sujeito e a dialética do desejo*, ele é enfático ao dizer que “é impossível [...] negligenciar o fato de que não há demanda que não passe de algum modo pelos desfiladeiros do significante” (LACAN, 1960/1998, p. 827, grifo meu).

[...] nada se articula e se constrói na experiência [...] senão a partir do momento em que o sujeito entra numa ordem que é ordem de símbolos, ordem legal, ordem simbólica, cadeia simbólica, ordem da dívida simbólica (LACAN, 1956-1957/ 1995, p. 102).

Por uma necessária submissão ao desejo do outro, por uma submissão à linguagem, ao Outro – o tesouro dos significantes – o que se contrai é uma dívida simbólica. *Desejo* seria um outro nome para essa “dívida”, desejar, estar em constante falta. Para Lacan, a demanda, para além do que formula, ela é a metonímia do desejo, portanto, metonímia da falta. “Toda demanda se sustenta de uma falta no sujeito que pede testemunha de que lhe falta algo” (MILLER, 1997, p. 445). Isso que falta não pode ser preenchido por um objeto, pela satisfação das necessidades. O que essa falta revela é que a demanda nunca é demanda de objetos de necessidades, senão demanda de amor. O que se demanda é ser amado, e ser amado é ser desejado pelo outro, é estar no desejo do outro. “Encontramos aqui a dimensão essencial do desejo, sempre desejo ao segundo grau, desejo de desejo” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 26). O homem, ao demandar, põe em movimento a engrenagem do desejo; conclusão: **a demanda movimenta o desejo.**

O homem deseja, porque a satisfação de suas necessidades vitais passa pelo apelo dirigido a um Outro, o que de imediato altera a satisfação, transformada assim em demanda de amor. [...]. O que distingue a demanda de amor de toda necessidade constitui portanto o primeiro paradigma da inadequação constitutiva do desejo (KAUFMANN, 1996, p. 118, grifo meu).

Portanto, ao dizer que o desejo nasce da distância entre a necessidade e a demanda, dessa hiância, o que aponta Lacan não é justamente esse paradigma da inadequação constitutiva do desejo? Para entendê-lo, tomo novamente a vivência de satisfação como exemplo.

O bebê ao nascer é premido pelas *Not des Lebens*, grita, chora, sacode seu corpo. O adulto provedor interpreta/significa os gestos do bebê como uma demanda de alimento, como se o bebê lhe pedisse que alguma necessidade fosse satisfeita. Ao ser alimentado pela primeira vez, o bebê experimenta uma sensação de apaziguamento, algo que o retira daquela tensão caótica inicial; ao vivenciar isso, guarda essa experiência na memória, e daí, todas as experiências que se assemelharem àquela desorganização inicial, ele ficará na expectativa de que um apaziguamento lhe vá ser proposto.

Quando a necessidade reaparece, esta criança grita outra vez, porém, “agora”, à diferença daquela “primeira” ocasião, o grito é o significante de uma demanda de alimento. Mais ainda, e fundamentalmente, esse grito exige que se repita aquela experiência originária de satisfação, isto é, demanda-se a presença incondicional desse outro. Porém, “agora” o outro não responde na mesma medida da vez anterior: demora, exagera, oferece menos, etc. Em resumo, o que se lhe oferece agora não é bem o que lhe demanda. Assim, entre um e outro oferecimento “cai” um resto, uma diferença, que deixa pra sempre o sujeito com uma falta (LAJONQUIÈRE, 2007, p. 156, grifo meu).

Esse resto, essa hiância é o desejo. O desejo é causado por essa hiância, por uma falta, é um estar em falta. E essa falta é ocasionada por uma falta de objeto. A questão que se instala é que esse objeto, em sua origem, é faltoso, é perdido, pois o adulto provedor nunca responde à altura que é demandado; em suma, o que ele oferece nunca é bem o que a criança necessitava.

O que o organismo necessita está prescrito desde sua exterioridade, desde um outro que, no momento em que se esboça o menor grito [...], acaba oferecendo um objeto feito, desde sempre de cultura, ao invés daquele suposto da Necessidade. O objeto dA Necessidade perdeu-se na origem” [...]. Assim, com sua perda, esfumou-se também toda possibilidade de ter lugar uma experiência originária de satisfação completa dA Necessidade (LAJONQUIÈRE, 2007, p. 156).

O objeto dA satisfação absoluta, o objeto “dA Necessidade” está para sempre perdido. “Alguma coisa, com efeito, se perdeu na diferença que se instaura entre o que é dado

imediatamente à criança, sem mediação psíquica, e o que lhe é dado mediatamente, como devendo ser demandado” (DOR, 1989, p. 146). Isso que se perde nessa diferença, se configura como o desejo. O surgimento do desejo fica suspenso à busca, à tentativa de reencontro do objeto perdido da primeira vivência de satisfação. Esse objeto perdido, causa do desejo, trata-se de *Das Ding* (a coisa).

Talvez seja possível dizer que *Das Ding* é o solo comum entre as conceitualizações de Freud e Lacan quanto ao desejo. Uma ressalva, entretanto, se faz necessária. Embora Freud seja o primeiro a fazer considerações sobre *Das Ding*, é Lacan o responsável por forjar uma teoria sobre *Das Ding*, sobre esse objeto causa do desejo. Ao se dedicar a explorar as consequências de *Das Ding* nas construções freudianas do *Projeto* e nas elaborações freudianas sobre a pulsão, Lacan inventa o objeto *a* (*L`objet petit a*).

Segundo Roudinesco (1998), trata-se o *objeto pequeno a* de

[...] o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo (ROUDINESCO, 1998, p. 551).

O *objeto a* configura-se como o objeto causa do desejo, perdido para sempre, e também como o objeto da pulsão, também nunca alcançado, embora sempre contornado, que será abordado no próximo capítulo.

Chegado o fim deste capítulo, é importante que fique claro que, pela perspectiva psicanalítica, o homem está fadado a errar de lugar em lugar, de objeto em objeto em busca de uma “certa” felicidade (completude) perdida, e mesmo que ele acredite “reencontrar” esse lugar, esse objeto perdido, tal como ecoa do provérbio chinês do início: a tal felicidade nunca será a mesma... *Nunca volte para o lugar onde um dia fora feliz... Nunca será a mesma coisa*. Esse provérbio revela a essência – “o substancial” – do que é o desejo para a psicanálise. Assim, conclui-se que a substância do desejo não se resume apenas numa *errância*, senão também na impossibilidade de se resgatar o suposto “lugar” (momento/objeto) em que um dia julgamo-nos absolutamente satisfeitos, o lugar em que “fôramos felizes”.

2. A PULSÃO (*Trieb*) E SEUS PARADOXOS

Por isso uma força me leva a cantar,
por isso essa força estranha no ar.
Por isso é que eu canto,
não posso parar.
Por isso essa voz tamanha.

***Força estranha* – Caetano Veloso**

2.1 Preâmbulo

Tal como o desejo (*Wunsch*), o conceito de pulsão (*Trieb*) também permeia toda a obra de Freud. Assim, tendo em nosso horizonte chegar às possíveis relações entre desejo e pulsão na configuração dos processos de sublimação, farei uma breve apresentação do conceito de pulsão (*Trieb*), trabalhando em especial com alguns dos textos que trazem esse conceito de forma mais emblemática, são eles: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914), *Pulsões e destinos da pulsão* (1915).

A escolha destes textos não é sem efeito, justifica-se pelo fato de que, por meio deles, é possível acompanhar a construção da teoria pulsional de Freud: suas descobertas iniciais, a evolução do conceito, os avanços e retrocessos em seu pensamento teórico. Adentrar a estes textos, analisando-os, torna possível acompanhar de perto como criteriosa e criticamente Freud vai tecendo a sua teoria pulsional para, no capítulo 3 desta dissertação, ser possível compreender como o conceito de pulsão e o de desejo estão imbricados nos processos de sublimação.

2.2 Do termo pulsar ao conceito pulsão (*Trieb*)

Ao buscar o termo pulsão em dicionários da língua portuguesa não o encontrei. Constatei que ele não é de uso corrente em nossa língua, mas que remete, especificamente, à teoria psicanalítica. Entretanto, nessa busca, deparei com outros termos correlatos à pulsão, a saber: pulsação, pulsar, pulsativo, pulsear, pulso, impulsão.

Detenhamo-nos em um deles: pulsar. Para ele temos as seguintes acepções: latejar, bater, palpitar, impulsionar, impelir, tocar, agitar, impedir, repelir, ferir, tanger, abalar. Notemos que essas acepções giram em torno de dois campos semânticos aparentemente contraditórios, pois ora elas remetem a algo que impele, outrora a algo que repele.

Apesar dessa aparente contradição, há entre elas um solo comum: o caráter impelente de uma força que coloca em movimento, não importando a direção, se é para trás ou para frente, mas importando sim uma certa característica: a de impulsionar constantemente. Peculiaridade esta não só do termo pulsar, mas também da concepção psicanalítica de pulsão. Assim, também na perspectiva da psicanálise, pulsão é uma força que impele, que estimula, que empurra, portanto, a pulsão toma para si, faz suas as acepções de pulsar.

De acordo com o *Dicionário de Psicanálise*, o termo pulsão (*pulsion* em Francês) surgiu na França em 1965 e, do ponto de vista etimológico, é derivado do latim *pulsio*, que designa o ato de impulsionar (ROUDINESCO, 1998). Já no *Vocabulário da Psicanálise* consta que “o termo *pulsion* foi introduzido nas traduções francesas da obra de Freud como equivalente do alemão *Trieb* e para evitar as implicações de termos de uso antigo como *instinct* (instinto) ou *tendance* (tendência)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 506). Portanto, o termo pulsão, utilizado em português no âmbito da teoria psicanalítica, pode ser considerado um neologismo oriundo do francês.

Os termos *Instinkt* e *Trieb* existem na língua alemã, o que ajuda a esclarecer porque em diversas traduções das obras de Freud figura-se *Trieb* como instinto ou como pulsão. Entretanto, apesar disso, é importante considerar algumas diferenças de significado entre os dois termos. A esse respeito, coloca Luis Alberto Hanns (2004), tradutor e organizador de uma das novas edições brasileiras das Obras de Freud:

Em alemão, *Trieb* e *Instinkt* são sinônimos ocasionais, mas *Instinkt* padece do problema de enfatizar a articulação entre o biológico e o fisiológico com o psíquico como um imperativo, ao passo que o termo *Trieb*, além desse imperativo presente na vida das espécies e dos seres humanos, engloba

outros elementos. [...] o arco de *Trieb* abrange também a esfera mais volitiva ligada ao pensamento e às representações e ultrapassa as determinações “naturais”. *Trieb* não é representado apenas por imperativos compulsivos, mas também por desejos, carências e outras representações e afetos menos investidos e mais deslocáveis (HANNS, 2004, p. 143-144).

Assim, enquanto *Instinkt* estaria relacionado às esferas biológica e fisiológica, *Trieb* está numa intersecção entre o psíquico e o somático, pois a pulsão (*Trieb*) refere-se à esfera psíquica sem, contudo, jamais desligar-se da esfera biológica. É em termos de *Trieb* e não de *Instinkt* que Freud aborda a temática da pulsão.

Como é precisamente no estudo da sexualidade que Freud delineia o conceito de pulsão, passemos a analisar, nesse primeiro momento, o texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Deste texto, reuniremos argumentos para descrever, analisar e discutir uma primeira configuração da pulsão sexual e suas consequências para a constituição dos processos de sublimação.

2.3 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)

Três ensaios sobre a teoria da sexualidade é, senão o mais importante, porque um texto de base, é um dos mais importantes no que se refere à temática da sexualidade e da pulsão e, pode-se dizer, é o texto mais inacabado, mas paradoxalmente um dos mais completos que Freud já escrevera, prova disso são as inúmeras reedições (1910, 1915, 1920 e 1924) empreendidas por Freud desde sua publicação em 1905. À medida que a teoria psicanalítica de Freud vai se estruturando e que novos conceitos vão sendo criados e outros, mais bem circunscritos, o autor volta aos *Três ensaios* para complementá-lo, ora acrescentando notas de rodapé, outrora, seções inteiras. Não seria exagero nem antitético dizer que num único texto há cinco diferentes textos com visões que ora se aproximam e se reiteram, mas também ora se afastam e se contradizem. As inúmeras reedições de *Três ensaios* revelam uma tensão própria do texto freudiano.

No primeiro ensaio, Freud (1905), por meio do estudo da inversão e da perversão sexuais, descreve diferentes formas de satisfação sexual consideradas perversas. No ensaio seguinte discute e caracteriza a sexualidade infantil e dela extrai a noção de pulsões parciais, os elementos constitutivos da pulsão. E no terceiro, enfoca a pulsão sexual no seu “estágio último de desenvolvimento”, quando, na puberdade, há uma organização genital, na qual os genitais se colocam a serviço da reprodução ou do prazer orgástico e do encontro do objeto sexual. Os três ensaios conjuntamente contribuem para uma primeira delimitação conceitual da pulsão (*Trieb*).

2.3.1 Primeiro ensaio

No primeiro ensaio, Freud (1905) se dedica a expor e a interrogar as teorias médicas sobre a sexualidade existentes até sua época. Assim, inicia colocando em primeiro plano a existência de necessidades sexuais nos homens e nos animais: a “pulsão sexual” – e estabelece para tanto uma comparação entre a pulsão sexual e a “pulsão de nutrição”¹⁷. Se para esta está a fome; para aquela, a libido. Fome e libido são as energias que

¹⁷ Vem entre aspas, pois embora Freud fale aqui de “pulsão de nutrição”, mais tarde, em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), ele frisar a impossibilidade de se admitir tantos tipos de pulsões.

movem/impulsionam a vontade de comer e a pulsão sexual, respectivamente. Sobre a pulsão sexual, salienta Freud:

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção (FREUD, 1905, p. 128, grifo meu).

Freud (1905) questiona tal definição dizendo ver nela “uma imagem muito infiel da realidade” (p. 128) e a critica, considerando-a repleta “de erros e imprecisões e conclusões apressadas” (p. 128). Tal crítica se embasa em estudos teóricos e em observações clínicas de Freud que indicam a existência de inversões e perversões na pulsão sexual, representadas no e pelo exercício da sexualidade humana.

Para combater a opinião popular sobre uma certa fixidez e regularidade da pulsão sexual, Freud (1905) lança mão da descrição de dois termos: objeto sexual e alvo sexual, para com eles travar um estudo sobre as inversões e as perversões da pulsão sexual. O primeiro refere-se à “pessoa de quem provém a atração sexual” e o segundo, à “ação para a qual a pulsão impele” (FREUD, 1905, p. 128). A definição de objeto e alvo sexuais se justifica na medida em que a concepção popular de sexualidade prega a existência de objeto e alvo sexuais fixos e previamente determinados, ou seja, nessa concepção “homem atrairia mulher” / “mulher atrairia homem” (objeto sexual) e tal “atração irresistível” impulsionaria à união genital para a reprodução (alvo sexual). Porém, o que Freud constata em suas pesquisas teóricas e clínicas é que esse comportamento sexual dito fixo está longe de ser uma regra.

O caráter de não regra desse comportamento sexual está justamente na comprovação da existência da inversão sexual, ou seja, no fato de que “há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem e sim a mulher representa o objeto sexual” (p. 129). É por meio de tal constatação que Freud chega a uma importante conclusão: a pulsão sexual não traz consigo um vínculo com o objeto.¹⁸

Ainda no primeiro ensaio, Freud (1905) traz uma minuciosa descrição dos diferentes tipos de inversão: quanto ao objeto (homossexuais, bissexuais, invertidos ocasionais) e quanto ao alvo (masturbação, sexo anal, sexo oral, fetichismo, etc.) e conclui que “falta à inversão o caráter de exclusividade” (p. 129). E dedica ainda algumas páginas à inversão, na tentativa de

¹⁸ Dissociar a pulsão sexual de um objeto específico reverbera o que foi trabalhado no capítulo 1 quanto ao caráter de perda do objeto: o objeto perdido. Estamos diante de uma outra forma de abordar a mesma questão: o estatuto do objeto em Freud, que é o da perda.

defini-la e não deixa de se perguntar sobre a qualidade de sua origem: Inata? Degenerativa? Acidental?

Apesar de certa especulação quanto a sua qualidade, ele rejeita seu caráter inato, pois questiona o vínculo da pulsão sexual com o objeto e rejeita também sua possível aquisição acidental, uma vez que desconfia que a inversão seja factível sem que algo do indivíduo vá ao encontro dela. Embora Freud (1905) se veja impossibilitado de esclarecer satisfatoriamente a origem da inversão, mesmo a despeito de inúmeros exemplos que recolhe da literatura médica e de sua própria clínica, é estudando-a que revela a desvinculação entre a pulsão sexual e seu objeto sexual, acrescentando ainda que tal revelação talvez seja mais importante que chegar a origem da inversão.

Para Freud (1905), “há entre a pulsão sexual e objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto” (p. 140, grifos meus). E a complementa: “é provável que de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste” (p. 140, grifos meus). Essa revelação, ao mesmo tempo em que é intrigante, pois abre a possibilidade de desconfiarmos da dita regularidade e normalidade da escolha heterossexual de objeto, é também esclarecedora quanto à ética da psicanálise, que desde sua origem não incorre em julgar as pessoas por suas escolhas objetais. É digno de nota que Freud, em 1915, salienta esse caráter ético da psicanálise no que tange à pulsão sexual, acrescentando à edição de 1905 dos *Três Ensaio*s a seguinte nota:

A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo normal como o invertido. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma influência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química (FREUD, 1905 [1915], nota 1, p. 137-38, grifo meu).

Retomando a analogia entre a pulsão sexual (Eros) e a fome (nutrição), tendo em vista os vários tipos de inversão que apresenta no primeiro dos *Três Ensaio*s, Freud (1905) enfatiza o quanto é esclarecedor o fato de a pulsão sexual “admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, mais energicamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos” (p. 140). Haveria, portanto, entre a pulsão e o objeto apenas uma solda, um hiato e entre a nutrição/fome e seu objeto uma espécie de fusão? Se

respondermos positivamente, seria possível disso extrair que o objeto que serve à pulsão está para a indefinição/indeterminação/variação/inconstância tal que o que serve à fome está para a indefinição/determinação/fixidez/constância? Em relação à pulsão o objeto seria inespecífico e quanto à nutrição, específico?¹⁹

Freud enfatiza que “[...] numa grande quantidade de condições e num número surpreendentemente elevado de indivíduos, a índole e o valor do objeto sexual passam para segundo plano. O essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa” (FREUD, 1905, p. 141, grifos meus).

E o que seria essencial e constante na pulsão sexual? A simples solda entre pulsão e objeto? A satisfação que um objeto pode acarretar? O objeto em si?

O essencial e constante na pulsão sexual parece ser a libido, é a própria pulsão e não o objeto em si o mais importante, tal como ressalta Freud, em nota de rodapé acrescida aos *Três Ensaio*s (1905) em 1910:

A diferença mais marcante entre a vida amorosa da Antiguidade e a nossa decerto reside em que os mais antigos punham a ênfase na própria pulsão sexual, ao passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto (FREUD, 1905 [1910], p. 141).

Tal nota destaca não apenas que os antigos celebravam a própria pulsão e que nós celebramos o objeto, mas também, a ênfase de Freud na atividade pulsional em si, na vida pulsional, na sexualidade. E como a atividade pulsional não se restringe ao objeto sexual, mas se estende ao alvo sexual, Freud (1905) passa a interrogar-se sobre os desvios da pulsão sexual quanto ao alvo.

Ele indaga-se sobre os desvios da pulsão sexual quanto ao objeto ao estudar as inversões, como vimos; já quanto ao alvo, ao estudar as perversões. Antes de adentrarmos a uma discussão sobre a perversão, é importante interrogar a palavra “desvio” nesse contexto da teoria freudiana.

No *iDicionário Aulete*²⁰, desvio trata-se de a “ação ou resultado de desviar(-se) do caminho ou posição inicial”. No que tange à pulsão sexual, de que caminho ou posição inicial

¹⁹ Cabe aqui uma relativização quanto à natureza dos objetos em questão. Embora a pulsão admita tão ampla variação de seu objeto e Freud enfatize aqui o caráter ‘indefinido’ do objeto da pulsão, não é qualquer o objeto escolhido pelo sujeito para apaziguar/acalmar provisoriamente a sua pulsão. O objeto da pulsão não é qualquer objeto e não é um objeto qualquer. Da mesma forma, não é de fato qualquer objeto que satisfaz a fome. Os objetos da pulsão e da fome, embora essencialmente diferentes um do outro, vêm antes marcados por uma escolha de cunho narcísico, engendradora nos alicerces do desejo.

²⁰ *iDicionário eletrônico Aulete*, disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/desvio>>. Acesso em: maio/2014.

se trataria? O que estaria implícito na palavra ‘desvio’, utilizada por Freud senão a preexistência de um determinado caminho? Tal caminho é, nesse contexto, a sexualidade dita normal que almeja pra si objeto e alvo definidos. Atentemos, no entanto, que se trata do senso comum quanto à sexualidade, de sua concepção popular.

Porém, se, por um lado, ao incluir a inversão e a perversão como elementos constitutivos da pulsão sexual, Freud acaba por combater tal concepção, por outro, ele parece, em suas formulações sobre a sexualidade, estar sempre numa tentativa insistente de dialogar com tal concepção. E esse diálogo talvez se esclareça se pensamos que a noção de desvio só pode ser concebida em relação a uma norma. Desvia-se de uma norma preestabelecida: vagina + pênis = reprodução.

Mas quem estabeleceu tal norma senão a sociedade? Trata-se de uma norma, uma regra social embasada sobretudo no moralismo. Freud o combate, mas dele não pode deixar de prescindir para estabelecer sua concepção de sexualidade: a psicanalítica. Para isso, Freud precisa levar em conta a concepção popular de sexualidade vigente em sua época e é partindo daí que ele se lança ao estudo das perversões.

No *Vocabulário da Psicanálise* (1983), Laplanche e Pontalis assinalam que é difícil conceber a noção de perversão sem ser em referência a uma norma. No *iDicionário Aulete*, o verbete perversão significa em senso comum: “ação ou efeito de perverter”; “mudança do bem em mal”; “corrupção”; “desmoralização; depravação”, já no que se refere ao campo da medicina: “desvio de uma função normal”; “qualquer anomalia do instinto sexual”. Portanto, se encarada pelo viés do senso comum e da medicina, a perversão aponta àquilo que não segue uma ‘norma’, que se distancia de algo estabelecido como “normal”, não desviante de uma regra firmada como verdade pela sociedade.

Encarando a perversão num sentido biológico, ela pode ser lida como aquilo que na vida sexual se manifesta contrariamente ao ato sexual (o coito) que visa à reprodução – a relação genital entre pessoas de sexos opostos a fim da conservação da espécie humana. Neste sentido, esta seria a “norma” – algo biologicamente pré-estabelecido (definido) – e, portanto, tudo que dela se afasta, na perspectiva em questão, é então visto como perversão. Entretanto, numa mirada psicanalítica a perversão toma outros sentidos, não devendo ser tomada como um desvio.

Antes de Freud, Krafft-Ebing com *Psychopathia sexualis* (1893) e Havelock Ellis com *Studies in the psychology of sex* (1897) na medicina, já haviam feito um estudo sistemático das perversões sexuais. Portanto, Freud, com os *Três Ensaio*s (1905), não é o primeiro a tratar das perversões sexuais em si, mas o é no modo como ele o faz. Laplanche e Pontalis (1983)

asseveram que “a originalidade de Freud foi encontrar no fato da perversão um ponto de apoio para pôr em causa a definição tradicional de sexualidade” (p. 433, grifos meus).

Freud chama a atenção para o fato de que atividades sexuais perversas, tais como: o sexo anal; o sexo oral; a masturbação; olhar ou ser olhado na execução de atos íntimos; a exibição de partes do corpo; submeter-se à dor (sadismo) ou infligir dor a outrem (sadismo); ou ainda, tomar como objeto sexual algo inanimado (fetichismo), também são frequentes na vida sexual dos heterossexuais. Este é um momento crucial da teoria da sexualidade pensada por Freud (1905), pois é quando ele constata que os comportamentos sexuais perversos não são exclusivos de um grupo, mas que há uma persistência de tendências perversas integradas no ato sexual dito normal (heterossexual) sob a forma de prazeres preliminares.

Assim, em que consiste a perversão e a sexualidade para a psicanálise?

A perversão não apenas faz parte da sexualidade humana, senão que ela está na base da sua constituição (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 433). E é por isso que a visão psicanalítica se diferencia da visão popular de sexualidade, pois na primeira são consideradas como integrantes da sexualidade humana também os atos sexuais chamados perversos e não só a união dos genitais com vistas à reprodução, como se defende na segunda das visões. A psicanálise propõe um sentido muito mais amplo para a sexualidade na medida em que nela engloba as perversões²¹, ao passo que a visão popular as excluiu e muitas vezes as toma como anomalias.

O estudo das perversões sexuais é um marco da teoria freudiana não apenas porque ele resulta na elaboração de uma nova concepção de sexualidade – a psicanalítica – mas porque permite a Freud reunir os principais elementos para elaborar sua concepção de pulsão, uma vez que, segundo ele, “seria impossível enunciar algo convincente sobre as pulsões se a menção a esses pressupostos fosse omitida” (Freud, 1905, p. 159-160, nota de rodapé 4). É nisso embasado que Freud apresenta sua célebre definição, qual seja:

Por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, pra diferenciá-la de “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindos

²¹ Importante ressaltar, no entanto, que Freud (1905) ao falar de perversão se refere à parte integrante da atividade sexual em si, diz respeito, portanto, à qualidade perversa da pulsão sexual, ao seu caráter sumamente errático (perverso-polimorfo), já que, como visto, a pulsão pode se satisfazer com variados objetos sexuais e de diversos modos. Se por um lado, tal característica seria, para Freud (1905), o comportamento comum da pulsão sexual, por outro, se há na perversão sexual as características de “exclusividade” e “fixação”, ela passa a ser considerada por ele como um sintoma patológico.

de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico (FREUD, 1905, p. 159, grifos meus).²²

Tal definição de pulsão mais que célebre é também bastante complexa. Um conceito-limite parece ser “estar no entre”, fazer fronteira entre um e outro “lugar”, se assim o for, a pulsão se faz presente no “entre”. A pulsão está no entre: entre o corpo e o psíquico, isto é, paradoxalmente está nos dois lugares, mas ao mesmo tempo em nenhum deles. A pulsão é aquilo que do corpo afeta o psíquico e por isso nele estará representado como força contínua. Segundo Freud (1905), “a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico” (p. 159). A satisfação da pulsão, isto é, seu alvo, consiste no apaziguamento do estímulo orgânico. Portanto, a pulsão parece se manifestar à medida que estímulos originados no corpo, por sua grande intensidade, passam a agir como pressão (força) no aparelho psíquico, impulsionando-o para frente, a trabalhar, já que a pulsão é considerada “uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica” (p. 159).

Mesmo a despeito da tentativa de esclarecimento do conceito de pulsão, ele ainda soa bastante nebuloso. É assim que Freud (1905), no *Primeiro ensaio*, depois de constatar que é plausível reconduzir os atos perversos a uma série de pulsões parciais que integram a pulsão sexual em si, passa a desconfiar que “os germes de todas as perversões só é demonstrável na criança, mesmo que nela todas as pulsões [parciais] só possam emergir com intensidade moderada” (p. 162) e é apostando nisso que ele enfocará, no *Segundo ensaio*, as manifestações sexuais infantis, pois vê nelas a possibilidade de evidenciar a origem da perversão, extrair os traços essenciais da pulsão sexual, desvendar sua evolução e também sua composição a partir de diversas fontes, pois como enfatiza, “o que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos” (p. 159).

2.3.2 Segundo ensaio

Freud (1905) afirma com todas as letras que “nenhum autor”, ao que ele saiba, “reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância” (p. 163). Seria o mesmo dizer que nenhum autor antes dele cogitou a possibilidade de existência de

²² Tal definição, nos moldes como aparece, é apresentada pela primeira vez aqui, no final do primeiro ensaio, no entanto, em outros termos, ela já aparece na obra de Freud desde o *Projeto*.

sexualidade nas crianças? Em certa medida sim, já que Freud coloca ainda que o assunto “desenvolvimento sexual” costuma ser omitido dos inúmeros escritos sobre o desenvolvimento infantil. Para ele essa estranha negligência para com o “capítulo” sobre o desenvolvimento sexual infantil ocorre não apenas em função “das considerações convencionais que os autores respeitam em consequência de sua própria criação” (p. 164), mas também em função de uma espécie de esquecimento ou encobrimento dos acontecimentos dos primeiros anos de infância, até os seis ou oito anos de idade, que a maioria das pessoas, mas não todas, costuma sofrer, trata-se do fenômeno psíquico “amnésia infantil” (p. 164).

Como não se surpreender com esse fenômeno, já que “em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância” (FREUD, 1905, p. 164)? E, no entanto, quando crescemos só lembramos, e com a ajuda dos adultos, de fragmentos, às vezes incompreensíveis, de acontecimentos isolados da infância. É comum quando crianças a demonstração de dor, alegria, amor, ciúmes e paixões outras de uma forma vivaz e a formulação de “frases [...] registradas pelos adultos como uma boa prova de discernimento e de uma capacidade incipiente de julgamento. E de tudo isso, quando adultos, nada sabemos por nós mesmos” (p. 164). Por que ocorre esse fenômeno? Quais são as forças que impulsionam ao recalçamento das impressões infantis? Não estaria a amnésia infantil relacionada justamente às moções sexuais da infância?

Freud (1905) esclarece que a amnésia infantil oferece um ponto de ligação entre a vida anímica das crianças e a dos psiconeuróticos, pois “a sexualidade dos psiconeuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele” (p. 165), o que remete a já famosa fórmula freudiana: “os histéricos sofrem de reminiscências” (FREUD, 1893-1895).

Para o autor, a amnésia histérica pode ser explicada pelo fato de uma pessoa já ter em si um acervo de traços anêmicos que, depois de passada a infância, não está mais à disposição da consciência e sim recalçado, mas que retorna, posteriormente, de forma mnêmica e associativa, influenciando na vida anímica de todos e, com mais força, na vida anímica dos psiconeuróticos.

“Sem amnésia infantil não haveria amnésia histérica” (p. 165), esta última reveste-se da essência da primeira. Ambas as amnésias são resultado do recalçamento²³ de

²³ “No sentido próprio: operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalçamento produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de por si mesma proporcionar prazer – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências. O recalçamento é especialmente patente na histeria, mas desempenha também

representações de caráter sexual. E por isso, a amnésia infantil é, para Freud (1905), a responsável por converter a infância de cada um “numa espécie de época pré-histórica” (p. 165) e ocultar de nós os primórdios de nossa própria vida sexual, as nossas impressões sexuais da infância, e conseqüentemente é também “a culpada” por não se atribuir o devido valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual, salienta.

Importante notar que a existência da amnésia infantil anuncia em cada um de nós, embora esquecida, uma pré-história sexual. Robert Lévy (2008) em *O infantil na Psicanálise* coloca que “essa ‘pré-história’ infantil é muito próxima, no que diz respeito à modalidade de recalque (cuja conseqüência é a amnésia), da dimensão do recalque no neurótico” (p. 24-25). Esta amnésia infantil historiciza a vida de cada um de nós, revelando-a marcada, desde o início, por manifestações sexuais que, no entanto, tiveram de ser recalcadas.

Algo importante ainda de se ressaltar é que a primeira referência de Freud ao caráter infantil da sexualidade não está exatamente nos *Três Ensaíes*. Em 1896, em seu artigo sobre a etiologia da histeria, ele já havia alçado ao primeiro plano o fator infantil da sexualidade. Aqui, no segundo dos *Três ensaios*, o que ele faz é explicitá-lo, já que ele traz uma descrição detalhada das manifestações da sexualidade infantil, levando-nos a reconhecer já no período da infância os germes das moções sexuais.

Freud (1905) toma como modelo das manifestações da sexualidade da criança o chuchar, que “consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição” (p. 169, grifos meus). Interessante notar que embora o chuchar à primeira vista referencie o contexto da amamentação, Freud, dissocia o ato de chuchar do propósito de nutrição. Ou seja, embora o chuchar seja propiciado pelo ato de mamar, ele está além do propósito de nutrir-se, portanto, tal ato reserva em si algo a mais. “A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer” (p. 171). Assim, “o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado” (p. 171). Vivenciado na primeira experiência de satisfação e lembrado daí em diante nas posteriores buscas de objetos para sua satisfação.

Mas como se isso não bastasse, ele complementa colocando que “o sugar com leite [o chuchar] alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo” (p. 169, grifos meus). E, além disso, o

um papel primacial nas outras afecções mentais, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente como domínio separado do resto do psiquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 553).

chuchar, não raro, é acompanhado da fricção de alguma parte sensível do corpo, evoluindo muitas vezes para a masturbação.

Sugar sem propósito de nutrição? Absorção da atenção numa espécie de orgasmo? Masturbação infantil? Conclusões escandalosas?

Se ainda hoje isso causa furor na maioria das pessoas que o escutam, quem dirá como foi sua recepção na época em que fora a público! No mínimo desconcertante! E essa revelação de Freud é de suma importância para a caracterização da sexualidade como um todo, que, tal como vimos, está aquém e além da genitalidade, relacionando-se, nesse primeiro momento da teoria pulsional freudiana, ao deleite, ao prazer²⁴. Dentro de tal perspectiva, o chuchar é uma prática sexual, uma manifestação da sexualidade infantil.

Os primeiros impulsos sexuais infantis aparecem sempre ligados a funções vitais, mas depois delas se desvincilham. O chuchar é um exemplo disso, pois ele nasce apoiado na função da nutrição, indispensável à preservação da vida e, no entanto, deixa de estar vinculado a ela passando a relacionar-se à busca de algo que é mais do que alimento. É a pulsão sexual, apoiando-se sobre o somático, que se apresenta em seu princípio. Apoiar-se sobre as funções funcionais para agir é uma peculiaridade da pulsão. Entendamos.

A teoria pulsional de Freud é sempre dualista. Num primeiro momento dessa teoria, ele divide as pulsões em pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. As últimas estariam no campo da busca de prazer; as outras, no das necessidades vitais que visam à conservação do indivíduo. Assim, ao se falar em pulsão, importante diferenciar “necessidade” de “vontade”, “necessidade” de “ânsia”; nos termos de Freud, há que se opor a “fome” ao “amor”. Assim, ao falarmos em necessidade ou fome, estamos no âmbito funcional, na preservação do organismo, ao passo que se falamos em termos de “vontade”, “ânsia”, “demanda” e “amor” nos situamos no campo da pulsão. Ora, é o mesmo dizer que necessidade e satisfação não coincidem²⁵.

Uma vez que as manifestações sexuais da criança apenas se apóiam nas funções vitais, Freud (1905) vê no chuchar não apenas a busca pela satisfação da função de nutrição, senão a busca do prazer. No chuchar, o bebê, mesmo depois de mamar e já estar saciado,

²⁴ Na primeira tópica pulsional, Freud entende que há dois grupos de pulsões: pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. É apenas no contexto da primeira tópica que podemos relacionar a sexualidade, a pulsão sexual em si, com a busca de prazer, pois depois haverá uma virada na teoria pulsional de Freud que o fará questionar essa premissa da busca do prazer.

²⁵ E por que não coincidem? Porque as “necessidades” pedem, e podem ser satisfeitas, por um objeto adequado, específico e real (por exemplo, o alimento); já a satisfação, por referir-se à ordem da pulsão, apontará para uma contingência de objetos, sem nunca chegar ao objeto específico da satisfação. Como tratado no capítulo 1, a satisfação absoluta não existe. A Satisfação com s maiúsculo é impossível.

permanece no seio materno sugando-o, chuchando, simplesmente para deleitar-se. Embora esse sugar com leite, como visto, remeta inicialmente ao ato de mamar do lactente, ele é disso desvinculado e pode ser vislumbrado, mais tarde, no adulto, em atividades como o beijar, ou o sexo oral, etc., cujo objetivo principal é reviver aquele *plus* de prazer experimentado no mamar.

se um bebê pudesse falar, ele indubitavelmente afirmaria que o ato de sugar o seio materno é de longe o ato mais importante da vida. [...] nesse único ato [ele] está satisfazendo de uma só vez as duas grandes necessidades vitais [nutrição e a satisfação sexual]. [...] Sugar ao seio materno [ou seu substituto] é o ponto de partida de toda a vida sexual, o protótipo inigualável de toda satisfação sexual ulterior (FREUD, 1915-1916, p. 319).

Ou seja, a experiência de prazer que a criança busca repetir no chuchar, ou em outras atividades sexuais quando adulta, estaria relacionada a esse primeiro ato de prazer: o de mamar. Por outro caminho, chegamos exatamente ao mesmo lugar que fomos levados no decorrer do capítulo 1 deste trabalho: exatamente na importância da “repetição” da vivência de satisfação²⁶.

Tendo em vista tais observações quanto ao chuchar e quanto a sua natureza de manifestação sexual, é possível extrair três de suas características: 1) nasce apoiando-se numa das funções vitais (no exemplo do chuchar, a nutrição), 2) não conhece inicialmente objeto sexual, é autoerótica, portanto, satisfaz-se no próprio corpo e 3) acha-se sob o domínio de uma zona erógena (que se trata de uma parte da pele ou mucosa escolhida, em que certo tipo de estimulação causa uma sensação prazerosa)²⁷.

Ao falar em “manifestações sexuais infantis”, Freud, em outros termos, está falando justamente da pulsão sexual, ou melhor, de seus componentes – as pulsões parciais. Lembremos que seu objetivo ao analisar as manifestações sexuais na criança era o de evidenciar a origem da perversão, extrair os traços essenciais da pulsão sexual, desvendar sua evolução e também sua composição, destacando para isso a relação de suas fontes e alvos. As manifestações sexuais infantis são o protótipo da pulsão sexual, pois elas apresentam de maneira clara as características próprias da pulsão sexual.

²⁶ As referências de Freud quanto à natureza do chuchar remetem, de um outro ângulo, à vivência de satisfação inauguradora do desejo.

²⁷ “Trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (FREUD, 1905, p. 172). A caracterização de uma zona erógena está ligada à estimulação de alguma parte do corpo. Freud (1905) coloca que qualquer parte do corpo pode ser uma zona erógena, embora ressalte que algumas delas, como por exemplo, a língua, a boca, mamilos e genitália, sejam mais propícias a serem erógenas, isto é, a produzir prazer quando estimuladas.

Tragamos à mente que Freud havia lançado, já lá no Primeiro ensaio, uma definição de objeto sexual e alvo sexual. Objeto sexual seria a “pessoa de quem provém a atração sexual” (p. 128), no caso da pulsão infantil, a própria criança, o próprio corpo infantil, porque tal pulsão é autoerótica, se satisfaz no próprio corpo. O alvo sexual seria “a ação para a qual a pulsão impele” (p. 128), no caso em questão, alcançar a satisfação com a estimulação apropriada da zona erógena escolhida. Freud (1905) conclui que “uma vez compreendida a pulsão vinda de uma única zona erógena, não temos muito mais coisas importantes a aprender sobre a atividade sexual das crianças” (p. 174). E uma vez que o alvo sexual da pulsão infantil é alcançado com a estimulação apropriada da zona erógena escolhida, “as diferenças mais significativas dizem respeito às providências necessárias à satisfação, que, no caso da zona labial, consistiam no sugar, e que terão de ser substituídas por outras ações musculares conforme a posição e a natureza das outras zonas” (174). Tais zonas erógenas são a anal e a genital, as quais chegarão ao alvo sexual, isto é, à satisfação pela estimulação apropriada do ânus e dos genitais. Tal como a zona oral (bucal/labial) se apóia numa função orgânica, qual seja a nutrição, as zonas anal e genital também o fazem. No entanto, é válido ainda acrescentar que

A vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exhibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exhibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, mas já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da atividade sexual erógena (FREUD, 1905, p. 180-181).

As pulsões parciais podem ser descritas a partir de fontes somáticas (por exemplo, pulsão oral, pulsão anal) ou a partir de alvos (pulsão de ver, pulsão de se apossar ou de crueldade). Uma vez que a atividade sexual infantil é definida pelo “funcionamento inorganizado das pulsões parciais”, “a teoria freudiana supõe que as pulsões começam por funcionar no estado anárquico para secundariamente se organizarem” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 517). Tal estado anárquico das pulsões parciais que domina o corpo infantil evidencia a característica perverso-polimorfa da sexualidade infantil. E como as pulsões parciais, como vimos, são parte integrante da pulsão sexual em si, esta é também perverso-polimorfa. Freud (1905) resgata aqui o que já viera afirmando ao longo do Primeiro ensaio: “a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual

humana” (p. 218, grifo meu), haja vista que “a inclinação para todas as perversões é demonstrável na qualidade de forças inconscientes e se denuncia como formadora de sintomas” (p. 218).

Assim, do estudo das perversões sexuais e das manifestações sexuais infantis, Freud traz à luz a característica maior da pulsão sexual, a sua disposição perverso-polimorfa, afirmando, portanto, que a sexualidade humana, cuja energia é a libido, busca atingir seu alvo – a obtenção de prazer – de diversas maneiras, por meio de diversas fontes e objetos.

2.3.3 Terceiro ensaio

Em seu último ensaio, Freud (1905) traz considerações sobre a nova configuração da pulsão sexual, que se coloca agora a serviço da função reprodutora, “torna-se altruísta, por assim dizer” (p. 196). Se na sexualidade infantil, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica, portanto desprovida de objeto, e seu alvo era a obtenção de prazer; na puberdade, a pulsão sexual dita “normal” e “adulta” encontra o objeto sexual e consiste seu novo alvo “na descarga dos produtos sexuais” (p. 196). Na primeira configuração da pulsão sexual, o alvo está no “pré-prazer”, num prazer advindo da excitação das zonas erógenas; na segunda, no “prazer final”, o prazer produzido pela expulsão das substâncias sexuais.

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital (FREUD, 1905, p. 196).

Tal conjugação e subordinação refletem no centramento das pulsões parciais e fomentam o processo do encontro do objeto. A chegada da puberdade, que traz diversas transformações, resulta em importantes consequências para os destinos da pulsão sexual.

É claro que nem todas as pessoas, depois da puberdade, terão sua constituição sexual orientada para o mesmo fim, ou seja, para a dita sexualidade normal. Freud (1905) indica que “o processo de determinação [sexual] prossegue e surgem outras possibilidades, conforme as vicissitudes por que passam as correntes tributárias das sexualidades provenientes das diversas fontes” (p. 223). Para ele, “cada passo nesse longo percurso de desenvolvimento

[sexual] pode transformar-se num ponto de fixação, cada ponto de articulação nessa complexa montagem pode ensejar a dissociação da pulsão sexual” (p. 222). Assim, com o despontar da puberdade, o que se despona também é a possibilidade de uma “elaboração ulterior” que decidirá em termos definitivos a constituição sexual.

Freud (1905) enumera três diferentes desfechos para a pulsão sexual humana: a vida sexual perversa, o recalcamiento e a sublimação.

Grosso modo, o primeiro desfecho tem como representantes os perversos, sobre os quais tratamos quando do estudo do Primeiro Ensaio, cujo amadurecimento sexual reforça uma fixação (uma adesividade) às zonas erógenas, resultando numa vida sexual em que preponderam as pulsões parciais, quando a preferência por uma das zonas erógenas – a atividade perversa em si – se estende para além da maturidade.

Já os representantes do segundo desfecho são os (psico)neuróticos. Aqui, algumas pulsões parciais que tinham força excessiva na infância são recalçadas. “Nesse caso, as excitações correspondentes continuam a ser produzidas como antes, mas são impedidas por um obstáculo psíquico de atingir seu alvo e empurradas para muitos outros caminhos, até que consigam se expressar como sintomas” (FREUD, 1905, p. 224). O resultado aqui é a vida sexual dita normal.

Os representantes do último dos desfechos são aqueles cuja disposição sexual perversa transforma-se pelo processo de sublimação numa “disposição artística”. Segundo Freud (1905), aqui “as excitações hiperintensas provenientes das diversas fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos” (p. 225). Ele localiza aqui o grupo das “pessoas altamente dotadas”, em especial “as de disposição artística” (p. 225)²⁸.

Interessante notar que cada desfecho marca a intensidade e a força da energia pulsional decorrentes dos componentes parciais perversos da pulsão sexual. Se no primeiro desfecho o que está em questão é uma superintensidade da disposição perversa, pois quem vence são as pulsões parciais; no segundo a grande maioria desses componentes “perde” sua energia, isto é, tal energia é recalçada, mas lucra-se com a vida sexual dita normal. No último dos desfechos a energia é utilizada em sua superintensidade, mas para outros fins que não o explicitamente genital/sexual. Tais desfechos podem ser equacionados da seguinte maneira: 1º desfecho: vida sexual perversa = uso hiperintenso dos componentes perversos da sexualidade infantil (dissociação da pulsão sexual); 2º desfecho: vida sexual normal = uso “moderado” dos componentes perversos da sexualidade infantil, porque recalçados (conjugação das pulsões

²⁸ O último dos desfechos terá tratamento mais enfático no **Capítulo 3**.

parciais na pulsão sexual normal) e 3º desfecho: vida sexual latente (sublimação) = uso hiperintenso, mas deslocado, dos componentes pulsionais perversos (valorização social e cultural da pulsão sexual).

Tal equacionamento, embora talvez indevido, visa mostrar que os componentes perversos da pulsão sexual, como Freud (1905) defendeu ao longo de seus *Três Ensaio*s, prevalecem de uma ou outra maneira na vida sexual de todos os seres humanos. Tal equação motiva indagações: o que estaria em xeque na determinação de cada um desses desfechos? O que está por trás desses desfechos? Embora não seja possível responder de fato ou prontamente a essas questões e nem mesmo seja o objetivo deste trabalho, elas servem como um ensejo para caminhar um pouco mais.

Seria possível dizer que por trás de tais desfechos o que se reitera é a importância do encontro do objeto? Sim, mas, no entanto, com uma ressalva quanto à natureza desse encontro e desse objeto. Para Freud, “encontro do objeto” significa uma consumação psíquica de escolha de um objeto. “Encontrar” resvala no sentido de “ir ao encontro de”, “em busca de”, na verdade, encontro com um objeto e não com o objeto. A ênfase deve recair aqui na possibilidade de “um ir ao encontro de” e não num encontro factual, em que um objeto específico viria a completar alguém. Trata-se de uma possibilidade psíquica de ir em busca de um objeto, em detrimento de um investimento apenas no próprio corpo, ou seja, trata-se em suma da possibilidade de escolher enveredar-se para outros corpos, outros possíveis objetos de amor, o amor objetal.

É tal a importância do amor objetal que isso é algo que começa bastante cedo na vida de alguém.

Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do próprio corpo, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo [...]. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro (FREUD, 1905, p. 210).

Muito embora Freud (1915-1916), na conferência “A vida sexual dos seres humanos”, assinala que o chuchar “importa em fazer o seio materno como primeiro objeto da pulsão sexual” (p. 319), a diferença entre a relação objetal na infância e após a puberdade parece estender-se ao caráter do objeto. Se na primeira busca-se a obtenção de prazer no seio materno, tal satisfação também se dá no próprio corpo, daí a caracterização da sexualidade infantil como autoerótica. O que se revela aí é, em verdade, uma espécie de equivalência entre

corpo infantil e seio/corpo materno, sendo este uma extensão daquele. Após a puberdade, o objeto passa a ser buscado, procurado externamente ao próprio corpo, tendo em vista que estamos aqui considerando o que Freud (1905) nomeia como configuração “normal” da pulsão sexual. “A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto” (FREUD, 1905, p. 216). Assim, embora o processo de escolha objetual seja algo enunciado bem cedo, ele só se estabelece enquanto tal após a puberdade.

E a título de finalização dessa parte, tenhamos em mente daqui em diante, de toda a discussão em torno dos *Três Ensaaios sobre a teoria da sexualidade*, três importantes consequências: 1) a disposição perversa é a disposição originária universal da pulsão; 2) tal disposição tem origem na infância, momento em que as pulsões parciais estão dissociadas e agem de forma perversa e polimorfa sobre o corpo infantil e 3) a subordinação das fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo de busca do objeto ocorrem com o advento da puberdade. Tais consequências são a base da teoria pulsional freudiana e são de suma importância para a compreensão do que vem a seguir, o narcisismo.

2.4 Do narcisismo aos avatares da pulsão

Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar.
(FREUD, 1914, p.106).

2.4.1 Narcisismo: do termo ao conceito

Em 1887, o psicólogo francês Alfred Binet, descrevendo uma forma de fetichismo que se caracteriza por tomar-se a si mesmo como objeto sexual, emprega pela primeira vez o termo *narcisismo*. Onze anos depois, em 1898, em um artigo, Havelock Ellis, médico britânico, utiliza a expressão *narcissus-like* (como Narciso) para caracterizar uma atitude psíquica que relaciona ao mito de Narciso. Em 1899, em comentário ao artigo de Ellis, o criminologista Paul Näcke introduz o termo em alemão para descrever uma perversão sexual (ROUDINESCO, 1998; KAUFMANN, 1996). E é por meio de Näcke que o termo narcisismo chega a Freud.

O narcisismo se insere no contexto deste capítulo sobre a pulsão, na medida em que, na psicanálise, ele é tomado, num primeiro momento, como um estágio da evolução da libido (1910) e, num segundo, como algo estrutural que diz respeito à constituição do Eu enquanto instância psíquica (1914). A entrada desse conceito no arcabouço teórico freudiano, na medida em que põe em causa a questão da alteridade enunciada pelos avatares da pulsão sexual, contribui para uma problematização do EU e para um questionamento e uma reformulação da primeira tópica pulsional: pulsões de autoconservação x pulsões sexuais, que, no devir, passa a ser reelaborada em termos de segunda tópica: pulsões de vida x pulsão de morte.

É na reedição de 1910 dos *Três Ensaio*s na nota de rodapé transcrita a seguir que o termo narcisismo aparece pela primeira vez na obra de Freud, sendo empregado no contexto de estudo das inversões para explicar a escolha de objeto dos invertidos, que:

[...] tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com a sua própria pessoa, a quem eles

devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1905 [1910]), p. 137, nota 1, grifos meus).

Nesse primeiro momento, o narcisismo se define, portanto, como um modelo de identificação próprio dos invertidos, cuja imagem de si mesmos exerce grande influência em suas escolhas objetais futuras. Uma “escolha objetal do tipo narcísica”, diria Freud mais tarde, em 1914.

O termo narcisismo, como se é de desconfiar, tem sua referência primeira na mitologia grega, bebe de sua fonte, portanto, enseja aqui a lembrança do mito de Narciso²⁹.

Narciso ao ver pela primeira vez a própria imagem nas águas de um rio se apaixona por sua entorpecente beleza e ali, debruçado ante o reflexo da própria imagem, perde o viço, definha e morre. Mais tarde, à beira do mesmo rio nasce uma bela flor que ganha o nome de Narciso. Assim, o modelo de identificação mencionado por Freud refere-se ao apaixonar-se pela própria imagem e, em consequência disso, buscar-se a si mesmo como objeto de amor.

Algo importante a se colocar é que a inclusão da nota de rodapé na reedição dos *Três Ensaíos* em 1910 se dá poucos meses antes, mas no mesmo ano da publicação do caso de Leonardo da Vinci (1910), no qual Freud traz uma referência maior à problemática do narcisismo referindo-se à suposta homossexualidade de Leonardo:

O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele [Leonardo] transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao autoerotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo [...] (FREUD, 1910a, p. 106).

O narcisismo é aqui apresentado como uma espécie de “retorno ao autoerotismo”, momento em que Leonardo teria sido amado por sua mãe, mas cujo amor precisou ser recalçado e só pôde prevalecer conservado em seu inconsciente. Assim, Leonardo permaneceu fixado à imagem mnêmica da mãe, na verdade, à imagem que a mãe tinha dele quando criança. É assim que Freud (1910a) faz a ressalva de que o que “o leva a classificar

²⁹ Dentre as muitas versões do mito grego de Narciso, a minha escolha foi puramente afetiva e de ouvido, pois a reproduzida acima se trata de uma versão veiculada em ambiente pré-universitário, época em que me preparava para o vestibular. Independentemente de qual versão seja, o mais importante é que a personagem principal Narciso se enamora da própria imagem e por isso definha e morre.

alguém como invertido não é o seu comportamento real, porém a sua atitude emocional” (p. 95), é o caso de Leonardo.

Se, em 1910, Freud considera o narcisismo como um estágio intermediário do desenvolvimento da libido entre o auto-erotismo e o amor objetal, portanto, configurando-se como uma espécie de passagem de um momento a outro; em 1911, ele passa a repensar tal configuração, pois descobre que “muitas pessoas se demoram por tempo inusitadamente longo nesse estado” (FREUD, 1911, p. 68-69). E isso se torna evidente na análise que faz do caso Schreber, cuja paranoia acaba sendo formulada por Freud em termos “de uma regressão ao estágio narcísico, chegando até a um abandono completo do amor objetal e à retomada de um modo de satisfação autoerótica infantil” (KAUFMANN, 1996, p. 68). Dessa forma, aquilo que parecia subsequente no desenvolvimento sexual normal, isto é, deixar de ter o próprio corpo como objeto de amor (autoerotismo) e passar a buscar outra pessoa que não o próprio corpo como objeto amoroso (amor objetal), não se manifesta de tal forma em Schreber.

Freud (1911) reconhece na paranoia, no centro de seu conflito, uma defesa contra o desejo homossexual, mas revela que de maneira alguma sua etiologia sexual é óbvia. No caso Schreber, “caracteristicamente paranóico na doença foi o fato de o paciente, para repelir uma fantasia de desejo homossexual, ter reagido precisamente com delírios de perseguição desta espécie” (p. 67)³⁰.

Operar uma escolha de objeto homossexual, como mostra a análise do presidente Schreber, ou, em outras palavras, agir de modo a se voltar para a pessoa mais parecida consigo mesma, ou ainda de voltar as costas ao mundo externo num fechamento total em si mesmo, tais são [...] as imagens clínicas que estimulam Freud a postular a existência de uma libido do eu, inversamente proporcional à libido do objeto [...] (KAUFMANN, 1996, p. 348).

Por trás de tais menções iniciais ao narcisismo o que está em xeque é o investimento libidinal. E é em *À guisa de introdução ao narcisismo* que a distinção entre “libido narcísica” ou do Eu e “libido objetal” se fará de forma mais estruturada e esclarecedora. E tendo em vista que as contribuições de Freud nesse texto são fundamentais para o entendimento de como a pulsão sexual pode ir de um plano egoico e individualista para um plano coletivo e social, e haja vista que esse entendimento será também importante para a compreensão do que

³⁰ É sabido que o Caso Schreber é um trabalho importantíssimo na obra de Freud, já que se constitui ele como uma especial contribuição deste autor ao estudo e análise da paranoia. No entanto, como está longe do escopo deste trabalho a caracterização de tal estrutura subjetiva e sendo o objetivo aqui apenas o de fazer uma pequena historização do conceito de narcisismo na obra de Freud, justifica-se a breve passagem pelo caso em questão.

sejam os processos de sublimação, algo a ser tratado no capítulo 3, adentremos ao texto em questão.

2.4.2 Narcisismo: o conceito

É a partir do estudo e análise dos processos neuróticos (neurose de transferências: histeria e neurose obsessiva) e dos psicóticos (paranoia e esquizofrenia) que Freud cunha os conceitos libido do eu e libido objetal. E essa diferenciação entre uma libido que se adere ao Eu, que lhe é própria, e outra que se adere aos objetos consiste em uma ampliação da distinção anterior entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação.

Já nos *Três Ensaio*s, Freud (1905) esboça uma distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, estas últimas ligadas exclusivamente à satisfação de necessidades primárias/biológicas e as outras à satisfação sexual. E já aí reverbera a distinção entre fome e amor tão citada por ele ao longo de seus estudos sobre as neuroses de transferência, que é também recapturada no texto *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910b).

Neste texto, inclusive, é a primeira vez que Freud, em vez de utilizar “pulsões de autoconservação”, passa a usar a nomenclatura pulsões do Eu, ressaltando a “[...] inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do Eu” (FREUD, 1910b, p. 223), assim, não há dúvida aqui sobre a primeira dualidade pulsional freudiana.

Em seguida, em 1911, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, um breve e denso ensaio sobre os modos de funcionamento do aparelho psíquico, tal dualidade prevalece. Aí as pulsões sexuais estão a serviço do princípio de prazer e as pulsões do Eu a serviço do princípio de realidade, ocasião em que Freud faz menção à transformação do Eu-prazer em Eu-real e também a uma fase de desenvolvimento do Eu e da libido. Se até 1910 a libido era reservada às pulsões sexuais, a partir de então ela começa a se delinear também como parte do Eu, o que terá desdobramentos a partir de 1914. Mas mesmo aí, Freud não deixará de ressaltar que há, no princípio, uma relação necessária de apoio entre as pulsões sexuais e de autoconservação, estas dão e são o suporte para a satisfação daquelas.

Contudo, o desenvolvimento do conceito de narcisismo em 1914 acaba por subverter tal dualismo pulsional, pois Freud constata que nas formas patológicas analisadas (as

parafrenias: esquizofrenia e paranoia), ele está diante de “uma retirada da libido dos objetos externos e de uma reversão dessa libido pra o eu, que assim se transforma, ele próprio, em objeto de amor” (ROUDINESCO, 1996, p. 630). A subversão estaria, portanto, numa redistribuição das pulsões sexuais, cuja libido é agora investida no eu – libido do eu (ou narcísica) e também no objeto – libido objetual, explica Roudinesco (1996).

É assim que em 1914, a atenção de Freud recai sobre o caráter dessa libido. Que energia é essa que ora pode está direcionada aos objetos, outrora ao eu? Porém, que em seu estado máximo de desenvolvimento pode estar totalmente depositada nos objetos, esvaziando e emprobecendo o eu, é o caso do apaixonamento, ou o contrário, totalmente voltada para o Eu, inflando-o, como nos delírios da paranoia. “Quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia” (p. 99), constata Freud. E embora ele veja uma oposição entre os dois tipos de libido, considera, entretanto, que no princípio essas diferentes energias coexistem no estado de narcisismo e são indiscerníveis. Sua distinção só é possível a partir do momento em que “passa a ocorrer um investimento nos objetos” (FREUD, 1914, p. 99).

Freud se pergunta quanto à relação desse estado de narcisismo (ao qual faz referência agora em 1914) e o autoerotismo que descrevera como um estado inicial da libido nos *Três Ensaio*s. Para explicá-lo, ele chama a atenção para a necessidade da suposição de que, desde o início, não existe no indivíduo uma unidade comparável ao Eu. É preciso que este Eu seja antes desenvolvido, só então haverá a possibilidade de investimento nos objetos.

Todavia, as pulsões autoeróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo (FREUD, 1914, p. 99, grifos meus).

Tal nova ação psíquica não soa familiar? Não teria alguma relação com a ação específica abordada no Projeto (1985)?

O familiar entre os dois momentos parecer estar justamente nesse caráter de novo, de inauguração: nova ação aqui, em termos da constituição do narcisismo que possibilitará a ulterior escolha de objetos; nova ação lá, em termos de inauguração de uma vivência de satisfação, de uma primeira percepção de objeto e da ligação entre os sistemas fi e psi e ômega, responsáveis pelo funcionamento do aparelho psíquico. Aparentemente são dois momentos distintos, no entanto, pode-se considerar que apenas na forma teórica de dizê-lo. Caminhando por estes dois pontos de partida da teoria freudiana, o que se revela é o mesmo lugar de chegada: a constituição psíquica.

Lá em 1985, Freud descrevera a constituição psíquica em termos de sua teoria neuronal ou econômica, articulando a vivência de satisfação à inauguração do funcionamento dos sistemas fi, psi e ômega do aparelho psíquico. Tal momento de satisfação foi considerado no capítulo 1 como o esboço de uma primeira configuração de uma relação objetal, mesmo que tênue. Na mesma obra também indicara que, uma vez que as vivências de satisfação e dor ocorreram, uma organização nos molde de Eu começa a se estruturar. Nas palavras de Hornstein:

O ego se constitui sobre a base das ligações entre sistemas de representações pré-existentes, que consistem em investimentos colaterais. No início da vida, este ego que produz inibições e propicia ligações do decurso excitatório está no outro. Outro que não apenas provê os recursos para a vida, mas que inscreve estes recursos em sua potencialidade de “pulsão de vida” (HORNSTEIN, 2009, p. 41).

Este outro a que se refere o autor, lá no Projeto, pode ser vislumbrado na figura do *Nebenmensch*, o “humano ao lado” e aqui, em 1914, no amor parental, o narcisismo dos pais. O outro primordial – em primeiríssima instância, a mãe ou seu substituto – aquele que investe o corpo infantil, que com o seu desejo o nutre, o protege, o erogeniza, o deseja e, assim o fazendo, projeta um “sujeito como devir” (HORNSTEIN, 2009), constituindo, portanto, o narcisismo de seu filho.

O amor, que favoreceu o surgimento da vida pulsional, agora tem por meta contê-la. Para que essa contenção seja possível um “ego deve advir” como uma rede de investimentos de nível constante. Mas não advém somente por maturação, requer a tarefa de ligação do outro primordial, que cuida e ao mesmo tempo propicia a identificação (HORNSTEIN, 2009, p. 41).

Como marca Hornstein (2009), não se trata de um processo de maturação como se todas as pessoas fossem necessariamente percorrer e, passando de etapa a etapa, um Eu pudesse advir. Trata-se de um verdadeiro processo de estruturação psíquica, que, como ressaltou o autor, pede um trabalho de ligamento que é feito pelo outro primordial. Isso significa que, se uma criança for enlaçada num circuito pulsional e desejoso dos pais, isso será definidor pra que ela possa sair de um estado de indiferenciação de excitações, uma espécie de fragmentação corporal, e chegar a um estado em que sua libido possa ligar-se a pessoas e objetos, possa, em outras palavras, transitar no mundo. O trajeto é do Eu para o nós. Sair de um momento de indiferenciação pra assumir um lugar de identificação no mundo.

Se o olhar materno é constitutivo do Eu, “o processo identificatório tem uma determinação simbólica presente no inconsciente dos pais” (HORNSTEIN, 2009, p. 44). A nova ação psíquica, portanto, tem estreita ligação com o investimento libidinal e desejoso que os pais dedicam aos seus filhos, ou seja, o que está em pauta é a constituição do narcisismo dos filhos via narcisismo dos pais. É o narcisismo dos pais que incidirá sobre o autoerotismo inicial do corpo infantil, transformando-o em narcisismo e possibilitando as ulteriores identificações.

Mas é importante colocar que Freud também faz referência a um inicial estado de narcisismo que estaria antes de o autoerotismo transforma-se em narcisismo, o que causa certa dificuldade de entendimento. Como compreender, portanto, a relação entre esses dois tipos de narcisismo com a libido do eu e a libido objetal?

Para compreender essa dificuldade aparente, é preciso distinguir o “Eu como reserva libidinal”, ligada ao narcisismo primário, do Eu como instância psíquica (narcisismo secundário), cuja elaboração Freud acabará em O eu e o isso. O isso será então definido como o reservatório das pulsões (p. VALLAS, 2001, p. 14).

O inicial estado de narcisismo indicado por Freud trata-se do narcisismo primário, em contrapartida, o em questão agora, é o narcisismo secundário. Mas como se edificam?³¹ Para entendê-los minimamente, acompanhemos o raciocínio de Freud.

O que levou Freud a se ocupar da ideia de um narcisismo primário [eu como reserva libidinal] e normal foi a tentativa de compreender, sob a ótica da teoria da libido, o delírio de grandeza e em especial o desligamento do interesse pelo mundo exterior (coisas e pessoas) que ocorre nas parafrenias (esquizofrenia e/ou paranoia)³². O que é o delírio de grandeza? E qual o destino da libido que foi retirada dos objetos?

O delírio de grandeza evidencia um estado de narcisismo que já existia antes, digamos que todas as pessoas já passaram por uma “espécie de delírio de grandeza infantil”, já se

³¹ Para responder esta pergunta, sem dúvida seria necessário ao menos um doutorado e talvez nem assim fosse possível. Isso pra marcar aqui que, visto que tais conceitos são bastante complexos e que encontram diversas acepções na teoria psicanalítica, farei apenas um recorte, no texto de 1914, que se circunscreva não apenas nos limites da discussão travada no texto de 1914, mas em especial, nos limites de precisão desta dissertação.

³² Embora Freud prefira o termo parafrenia, ora utiliza-se de parafrenia, outrora, esquizofrenia (Bleuler) e outra, demência precoce (Kraepelin), assim, não é possível ver um consenso no uso que faz. Segundo, Laplanche e Pontalis (1983), o termo *parafrenia* é utilizado por Freud “para designar o grupo paranoia-esquizofrenia [...] para mais, *parafrenia* aproxima-se de *paranoia*, sublinhando assim parentesco das duas afecções” (p. 424). Tendo-se em vista que hoje no interior da psicanálise essas afecções podem ser tomadas como diferentes entre si, portanto tampouco há um consenso quanto a elas, não é a minha intenção entrar na diferenciação das duas afecções, assim, preferi manter como Freud e para evidenciar o quadro que está descrevendo: delírio de grandeza e desligamento de interesse pelo mundo.

sentiram grandiosas, haja vista o investimento parental sobre a maioria dos bebês. No início o Eu é investido de libido e depois uma parte dessa libido é repassada aos objetos, mas, essencialmente a libido permanece retida no Eu.

O delírio de grandeza é uma maneira que o aparelho psíquico encontrou de lidar com o alto volume de libido recolhido no Eu. Se nas afecções narcísicas recorre-se ao delírio, nas neuroses de transferências [histeria e neurose obsessiva], às fantasias.

Situo a diferença entre essas afecções e as neuroses de transferências no fato de que nas primeiras a libido – que se tornou disponível devido a um impedimento à satisfação – não permaneceu nos objetos na fantasia, mas recolheu-se ao Eu (FREUD, 1914, p. 106).

Outras vias além do estudo das parafrenias contribuem para uma aproximação ao campo do narcisismo: a observação da doença orgânica, da hipocondria e da vida amorosa entre os sexos.

No que se refere às duas primeiras vias, tanto a doença orgânica quanto a hipocondria exercem influência sobre a distribuição da libido. Ambos os enfermos dedicam grande ou total atenção ao seu sofrimento, deixando de se interessar pelas coisas do mundo que não têm relação com ele. Ambos recolhem seu interesse libidinal dos objetos de amor e deixam de amar enquanto estão sofrendo. Em outras palavras, retiram sua libido dos objetos (pessoas e coisas) e a recolhem no Eu.

Análogo à doença orgânica e à hipocondria está o sono e consequentemente os sonhos. Ambos os processos requerem e implicam um recolhimento da libido no Eu, um recolhimento narcísico.

A conclusão que pode ser extraída em face do exposto é que a hipocondria e a parafrenia dependem da libido do Eu, ao passo que as neuroses de transferência, da libido objetual. E enquanto nestas, o adoecimento e a formação dos sintomas ocorrem por um represamento da libido objetual, naquelas, por um represamento da libido do Eu. O que se mostra é que tanto nas neuroses narcísicas quanto nas de transferência, o represamento da libido é motivo de desprazer.

E “por que um represamento como esse no Eu precisa ser sentido como desprazeroso?”, pergunta-se Freud. E a resposta vem por uma via econômica e, de certa forma, já fora antecipada no capítulo 1 deste trabalho. No estudo do *Projeto* de Freud, vimos que um montante excessivo de excitação, uma quantidade alta de tensão é sentida como qualidade psíquica de desprazer e que o aparelho psíquico tem como primeiro objetivo

esquivar-se desse acúmulo de tensão, para evitar, portanto, o desprazer. Como vimos, essa tendência, leva o nome de princípio da inércia.

E como é impossível manter o aparelho psíquico sem tensão, haja vista que ele já traz em si excitações endógenas – que agora podemos renomear para as excitações pulsionais, a pulsão – o que lhe resta é manter em constância estas excitações e as que por ventura adentrem ao aparelho psíquico e, pra isso, outro princípio age em consonância com o de inércia, o de constância. “Este trabalho psíquico que o aparelho psíquico realiza presta um inestimável serviço ao escoamento interno de excitações que não podem sofrer remoção imediata para ao exterior, ou cuja remoção imediata seria indesejável naquele momento” (FREUD, 1914, p. 106).

Assim, a vida psíquica se verá obrigada a superar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos quando “o investimento de libido no Eu ultrapassar determinada quantidade” (FREUD, 1914, p. 106). O investimento objetual, portanto, decorreria de uma necessidade econômica do próprio aparelho psíquico de dominar as excitações que podem ser dolorosas, desprazerosas ou patogênicas.

É a partir da observação da vida amorosa entre os sexos que vem uma constatação sobre o investimento objetual. Freud aponta que o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida, os quais revelam, respectivamente, duas formas de escolha objetual: conforme o tipo narcísico e conforme o tipo por veiculação sustentada. No primeiro dos tipos estão os que escolhem seu objeto de amor conforme a sua própria imagem, e no segundo, conforme a imagem da mãe.

Freud observa que ao postular a existência desses dois tipos de caminhos rumo à escolha objetual não está senão pondo em evidência o fato de que “ambos os caminhos para a escolha de objeto estão franqueados a todo ser humano e de que um ou outro caminho acabará sendo privilegiado”. Em outras palavras, o narcisismo primário que há em todo ser humano “eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto” (FREUD, 1916, p. 108).

E esse narcisismo primário só poder ser confirmado por uma dedução retroativa: pela observação da atitude afetiva de pais para com os seus filhos. Trata-se de uma revivescência e de uma reprodução do narcisismo dos pais. Estes acabam por tratar seus filhos como “majestades” (*His majesty the baby*), centro e essência do mundo, tal como um dia se sentiram, e assim encobrem ou tendem a esquecer seus defeitos e lhe atribuem toda a perfeição do mundo. Nesse sentido, cabe à criança a exímia tarefa de satisfazer os sonhos e desejos nunca realizados de seus pais, isto é, a abrigar em si seus ideais narcísicos. “O ponto

mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, refúgio seguro abrigando-se na criança” (p. 110).

No entanto, o narcisismo original da criança uma hora ou outra acaba por ruir e dará origem ao narcisismo secundário, que possibilita o investimento libidinal nos objetos. E o narcisismo primário é posto em xeque pelo complexo de castração. Tal complexo refere-se à intimidação sexual precoce sofrida pela criança, que pode ser vislumbrada não apenas em uma ameaça real ou fantasiosa da perda dos genitais no caso do menino e na inveja do pênis na menina, como também por uma realidade de impedimentos à vontade da criança, que se impõe pelos pais ou por um discurso carregado de “nãos”. Assim,

O desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal (FREUD, 1914, p. 117).

Se antes Freud perguntava-se sobre o destino da libido que foi retirada dos objetos nas parafrenias, na observação do indivíduo de constituição normal, ele se pergunta pelo destino da libido do Eu. E a resposta vem pela teoria do recalque, pois “quando as moções pulsionais libidinais entram em conflito com as moções culturais e éticas dos indivíduos o destino das moções será o recalque” (FREUD, 1916, p. 112).

O recalque ocorre justamente a partir do Eu, tem como origem um ideal erigido/formado pelo Eu. As escolhas do Eu serão norteadas por este ideal e sua formação é a prova de que o Eu foi obrigado, em função dos ideais culturais e éticos, a abrir mão de suas formas primordiais de satisfação pulsional (seus ideais narcísicos, quando sua libido era endereçada ao próprio Eu) para enveredar sua libido aos objetos. Assim, este *ideal*, erigido sobre a instância Eu, canaliza parte da libido do Eu para o investimento em objetos, enquanto a outra parte é recalçada.

Conforme Kaufmann (1996),

Essa instância ideal, para a qual o eu não cessa de tender, se apresenta [...] seja como um eu ideal (*Ideach Ich*), dotado da antiga onipotência de que desfrutava o eu real (*wirkliche Ich*), seja como um ideal do eu (*Ich-ideal*), dotado de um estatuto de modelo e cujo objetivo faz intervir necessariamente a função de juízo. A distinção dessa instância ideal em *eu ideal* e *ideal do eu* já pode ser percebida em Freud segundo ele evoque apenas a exaltação das qualidades de um eu em posição de superlativo absoluto (eu ideal) ou a perfeita conformidade de um eu com os valores herdados das instâncias

parentais e da sociedade em geral (ideal do eu) (KAUFMANN, 1996, p. 351-352).

Nesse caminho de desenvolvimento do Eu, em outras palavras, na passagem do investimento libidinal, circunscrito nos âmbitos do Eu, para o objetal, há ao menos dois momentos. Um primeiro que se configura como o narcisismo primário, momento em que a criança passa a investir sua libido pautando-se numa imagem narcísica e levando em conta a idealização narcísica dos pais sobre ela, portanto, estando mais presa à libido do Eu, e um segundo, o narcisismo secundário, em que ela passa a deslocar seus investimentos para fora do Eu, para os objetos do mundo e, portanto, põe a funcionar a libido objetal. A passagem do narcisismo primário para o secundário vai marcar não apenas a estruturação do Eu enquanto instância psíquica, como também a estruturação de um ideal, segundo os moldes do qual o Eu passaria a funcionar e que possibilitará o investimento da libido em objetos do mundo. Essa possibilidade de investir em objetos mundanos é fundante dos processos de sublimação.

2.5 Pulsões e seus destinos e a instação do circuito pulsional

No texto “Pulsões e Destinos das Pulsões” (1915) volta a célebre definição de pulsão (Trieb):

A “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915, p. 148).

A manifestação da pulsão se dá na medida em que estímulos originados no corpo, por sua grande intensidade, passam a agir como pressão (força) no aparelho psíquico, impulsionando-o para frente, a trabalhar.

Neste texto de 1915, a pulsão é tomada na conexão entre os termos que a compõem, são eles: meta [Ziel], fonte [Quelle], objeto [Objekt] e pressão [Drang], os quais participam da montagem pulsional.

A meta (ou alvo) de toda pulsão é sempre a mesma: a obtenção de prazer pela diminuição de uma tensão, isto é, a satisfação. Ainda que os modos (as formas, os caminhos) de se alcançar tal meta sejam diversos.

A fonte da pulsão é somática, é uma zona erógena, entendida como uma parte excitável do corpo onde se origina uma tensão.

O objeto é aquilo em que, ou pelo que, a pulsão busca atingir sua meta. Pode ser ele uma parte do próprio corpo ou estar fora dele. Sendo o corpo ou algo fora dele, a maior qualidade do objeto é ser contingente e variável e não está ele originalmente vinculado à pulsão, “sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação” (1915, p. 149). Assim, não importa tanto o objeto em si, razão pela qual ele é bastante variável, mas que ele se configure como uma espécie de trampolim para ajudar a atingir o alvo.

A pressão (ou impulso) é caracterizada por ser uma força constante que tem por caráter impulsionar. Esta força (que impulsiona) consiste numa propriedade universal das pulsões.

Os termos que compõem a pulsão se articulam entre si num circuito pulsional. Como fonte, pressão, objeto e meta se enlaçam e produzem uma montagem pulsional que impele ao avançar? Apoiemo-nos nas palavras de Kupfer (1990), para quem a

A pulsão é uma construção teórica que não prescinde do apoio biológico – já que a fonte da pulsão é biológica – mas se faz nitidamente independente desse plano quando institui a necessidade de ser representada pelas identificações. Ou seja, não há simplesmente uma maturação de instintos em jogo, é preciso que intervenham experiências com outras pessoas para que a pulsão seja construída e revele sua eficácia no plano psíquico. A pulsão, como diz Godino é “pilotada” pelos outros, já que, no princípio, uma criança é indefesa na busca dos objetos necessários à sua satisfação (KUPFER, 1990, p. 12).

Kupfer, com suas palavras, oferece pistas de como se dá a montagem pulsional. A pulsão não é inata e tampouco natural, senão constituída nas relações com os outros. O que me leva a conclusão de que talvez não seja meramente sobre o somático que a pulsão se apoia para “construir-se”, ela se apoia, antes, no outro, dele deriva, porque nele se apoia para “ter um corpo”.

Assim, Freud (1915), ao observar que a pulsão funciona “como representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique” parece estar assinalando que não é propriamente a pulsão que atua no psíquico mas sim suas representações. E de onde vêm essas representações? O que são elas?

É neste momento que entram os outros. É graças ao contato com os outros, em especial com o Outro primordial – a mãe ou seus substitutos, que se construirão as primeiras representações que levarão a uma satisfação da pulsão, o que impulsionará à vida. Assim Kupfer (1990) coloca:

Para que o alvo seja atingido, torna-se necessário ir “buscar” um “objeto” através do qual se possa obter a “satisfação” [...]. A busca de objetos [...] pode existir em parte graças à construção das identificações, uma espécie de “acervo” que o sujeito adquire no contato com os outros, ao longo de seu processo de estruturação, [...] que o “ensina” como ir buscar o objeto, para onde dirigir a energia produzida pela fonte (KUPFER, 1990, p. 11).

É o investimento desejoso e pulsional dos outros (pais) sobre o bebê que torna possível a construção das identificações, graças às quais a pulsão poderá atuar. A construção das identificações se dá no seio de um circuito de investimento desejoso e pulsional, portanto, no seio da linguagem.

Tal circuito já vem sendo abordado desde o capítulo 1, com as discussões em torno da inauguração do desejo e também no estudo sobre o texto *À guisa de introdução ao narcisismo*, por meio do qual foi possível evidenciar o percurso libidinal que alguém acaba por empreender até que chegue a depositar sua libido nos objetos.

Este circuito de atividade da pulsão foi aberto em função da vivência originária de satisfação; aberto então pelo desejo e sempre reaberto por sua realização. Em outras palavras, é o desejo, na exata medida em que ele nunca é satisfeito, que reabre o circuito pulsional: a eterna busca do sujeito por objetos “mais ou menos terrenos” (LAJONQUIÈRE, 2007, p. 159), na tentativa de reencontrar àquele (miticamente) satisfatório e perdido na experiência originária.

Pois bem, se o desejo abre o circuito da pulsão, e este, por sua vez, abre a busca por objetos, é o Outro quem possibilita tudo isso. Dito de outro modo, é o Outro que, com seu desejo, pulsiona a criança a viver, a manter-se na vida e a avançar nela. Nas poéticas palavras de Lajonquière, “as pulsões, que perambulam tão silenciosas como infatigáveis no sujeito, são o efeito do pulsionar do Outro” (2007, p. 159). Conclusão: um bebê só se constitui no campo do Outro, por meio de um obrigatório assujeitamento à linguagem e ao (desejo do) Outro:

Não só antes de falar e de caminhar, mas antes mesmo de nascer empiricamente à vida, o sujeito já é objeto do discurso, do desejo e das fantasias de seus genitores que, por sua vez, são sujeitos assujeitados às estruturas linguísticas, psicanalíticas e histórico-sociais (LAJONQUIÈRE, 2007, p. 151).

Nesse sentido, o que dá lugar a uma criança no mundo é o olhar dos *outros* sobre ela. O olhar aqui, em primeira instância, representa o desejo dos pais sobre os filhos. A criança, no princípio, se agarrará (alienará) no olhar da mãe para ocupar um lugar.

Na constituição do sujeito o olhar é uma metáfora para o desejo, para isto que nos edifica como seres *desejantes*. Se é o desejo desse Outro que torna alguém *sujeito do desejo*, isto é, alguém desejante, pode-se dizer que o desejo que habita uma pessoa, no limite, nunca é dela mesma, é sempre do Outro; daí o dizer lacaniano: uma pessoa é sempre sujeito do desejo do Outro e que seu desejo maior é ser desejado por esse Outro.

Um bebê só pode saber de si pelo outro. Se a mãe não lhe enuncia “Tu és meu filho”, não há como um principiante “*não ser*” tornar-se um “ser”. É através da mãe que o bebê (este *não ser*) poderá formar uma imagem de si e então formar-se sujeito. O bebê se vê no olhar da mãe e a partir dele poderá ou não constituir-se enquanto alguém desejante.

Na teoria psicanalítica duas são as encruzilhadas lógicas que alguém deve atravessar para constituir-se como um ser desejante: o *estádio do espelho* (Lacan) e o *complexo de Édipo* (Freud), os quais, pode-se dizer agora, estão em cerne relacionados à temática do narcismo, abordado anteriormente em termos do desenvolvimento libidinal: a passagem do autoerotismo

para escolha objetal ou a passagem da libido do Eu para uma libido objetal, ou ainda, do narcisismo primário para o secundário.

Se Freud abordara o desenvolvimento libidinal e a estruturação do Eu pela teoria do narcisismo, Lacan o faz pelo viés do “enlaçamento pulsional”, melhor dizendo, por suas formulações a respeito do estágio do espelho.

De forma sucinta, já que não está no escopo deste trabalho enveredar-se pelas estradas da teoria lacaniana, podemos entender o estágio do espelho³³ como um “momento” em que graças à presença da mãe, o bebê tem a chance de sair de um estado de indiferenciação (no qual só há dados dispersos ainda não organizados) e passar a um estado de unificação corporal. É possível ver aqui exatamente a passagem do autoerotismo ao amor objetal, considerada por Freud no texto sobre o narcisismo.

Simone Kubric (2007) precisa que o estágio do espelho não dever ser visto como “um processo balizado por um desenvolvimento cronológico”, ressaltando que, na verdade, consiste ele em três momentos lógicos, portanto, “momentos nos quais certos efeitos estruturais – e não contingenciais – se precipitam” (p. 92). Ela o descreve da seguinte forma:

Em um primeiro momento, ao ver seu próprio reflexo a criança pequena acredita que se trata de um outro real; em um segundo momento, a criança descobre que o outro do espelho não é real, mas uma imagem; só em um terceiro momento a criança se reconhece, isto é, identifica a imagem que vê com a própria imagem e conquista a representação do corpo como unidade (KUBRIC, 2007, p. 92).

O estágio do espelho possibilita estruturalmente a formação de uma imagem especular, que consiste no fato de que o bebê, graças ao efeito do olhar materno (metaforizado pelo espelho), se reconhece jubilarmente na imagem especular que a mãe lhe propõe como sua e com ela se identifica. É o mesmo dizer que é através da imagem especular, proposta e ratificada pelo outro, que o bebê passa a ter uma imagem totalizante de seu corpo e poderá se reconhecer como *Eu-especular*, podendo a partir daí experienciar uma unidade corporal.

Dito de outra forma, a mãe, trocando, alimentando, acarinhando (isto é, erogenizando o corpo do filho), e principalmente falando com ele, inserindo-o no mundo da linguagem, vai lhe dizer que este que está a sua frente, a quem ela se endereça como “seu tesouro” é seu

³³ O Estádio do espelho de Lacan não deve ser entendido como uma fase e nem exatamente como uma real vivência que ocorreria factualmente em frente a um espelho também real, mas deve ser visto como uma “encruzilhada estrutural” (Lacan) da subjetividade. A mãe funcionaria como uma espécie de espelho no qual o bebê vê refletida sua imagem, ou melhor, os olhos da mãe são o próprio espelho. Conforme Lajonquière (2007, p. 164). “trata-se de um processo de identificação que possibilita ao sujeito funcionar como Um num sistema de intercâmbios com a mãe, o pai, ou, simplesmente, os outros (os intercâmbios têm lugar no seio do Outro)”.

objeto mais precioso porque objeto de seu desejo, em quem os pais depositam seu narcisismo. O pequeno corpo, ainda puro caos de excitação, ainda num estado de indiferenciação, escuta atentamente essa mãe e aos poucos começa a se identificar, a se reconhecer naquilo que ela lhe diz, isto é, aliena-se a sua fala. Trata-se aí da formação de uma imagem especular de onde derivará um *Eu*, um *eu* alienado ao desejo materno. Tal imagem, o Eu-especular, resultante do estádio do espelho, corresponde ao *ideal* proposto por Freud em 1914. Um ideal que é fruto do narcismo dos pais e que origina o narcisismo primário do filho.

Trata-se, neste estádio, dos efeitos do olhar e do falar de uma mãe sobre o corpo de seu filho. “Trata-se aqui do olhar no sentido da presença; o olho sendo o signo de um investimento libidinal” (LAZNIK-PENOT, 1991, p. 32). É, portanto, mais que uma presença física, é, antes, a presença de um olhar investido de libido. Ou seja, não basta que a mãe esteja presente apenas zelando pela satisfação das necessidades fisiológicas do filho, é necessário que ela (em função de seu desejo) invista libido (vida) neste pequenino corpo.

É a mãe nutrindo seu filho de libido (o verdadeiro alimento que vai *pulsioná-lo* à frente) que possibilitará a emergência de um corpo unificado, não mais vítima de pulsões anárquicas e, portanto, desligadas. A libido é o combustível que dá “liga”, que força ao enlaçamento pulsional: às condições mesmas de uma parcial satisfação pulsional.

Para entendermos um pouco mais como se dá o enlaçamento pulsional seguiremos algumas considerações de Laznik-Penot apresentadas nos textos: “Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta” (1991) e “Por uma teoria lacaniana das Pulsões” (1997).

Pensar o enlaçamento pulsional, isto é, o circuito da pulsão, implica abordar a questão mesma da satisfação pulsional, de seu percurso ao alvo, pois “a satisfação da pulsão não é outra coisa que a execução de um trajeto em forma de circuito que vem se enlaçar sobre o ponto de partida” (LAZNIK-PENOT, 1991, p. 42).

O circuito pulsional é cíclico. A pulsão se movimenta em círculo, pois do mesmo modo que ela inicia seu percurso numa *fonte* corporal excitada (e por apoio às funções fisiológicas); para encerrar seu circuito é para o corpo que ela retorna, isto é, ela “encerra” seu circuito buscando como objeto outra fonte corporal que possa satisfazê-la.

Laznik (2007) destaca que Freud “trabalha essa questão do circuito pulsional a partir do sadismo-masiquismo e da pulsão escópica do voyeurismo-exibicionismo” sendo em *Pulsão e destinos da Pulsão* que ele dá indícios de que a instalação do enlaçamento pulsional ocorre em três tempos.

Em seus textos, a autora nos apresenta uma leitura lacaniana da instauração do circuito pulsional, indicando que Lacan, no *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, dedica-se a trabalhar detalhadamente o circuito pulsional descrito por Freud, no entanto, por meio da introdução da noção do “*surgimento do sujeito da pulsão*” (LAZNIK-PENOT, 2007, p. 214). Tal noção, por sua vez, parte da conceitualização de Lacan sobre a *pulsão*. E para ele, a *pulsão*

não é mais um conceito de articulação entre o biológico e o psíquico mas sobretudo um conceito que articula o significante e o corpo. Porém esse corpo não é organismo, é uma construção que implica uma imagem totalizante, i(a), em cuja composição o olhar do Outro desempenha um papel importante (LAZNIK-PENOT, 2007, p. 214, grifos meus).

Se, nas palavras da autora, Lacan articula em sua noção de pulsão o significante e o corpo, portanto, o simbólico e o imaginário, de antemão, não seria possível depreender que no circuito pulsional articula-se desejo e pulsão?

A partir do estágio do espelho vimos surgir algo nomeado como Eu-especular, esse mesmo Eu-especular pode aqui ser entendido como o sujeito resultante da alienação ao Outro (na linguagem) num circuito pulsional (pulsão), portanto, uma articulação entre corpo e linguagem.

Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no momento em que a pulsão pode fechar seu curso circular. É somente com a sua aparição ao nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão. (LAZNIK-PENOT, 1997, p. 215).

Assim, para que se chegue ao que é da função da pulsão, o agora então sujeito deve poder colocar-se ao nível do outro como objeto (do desejo do Outro). É nesse sentido que Freud menciona três tempos na instauração do circuito da pulsão:

Um primeiro ativo indo em direção a um objeto externo, um segundo reflexivo tomando como objeto uma parte do corpo próprio, e um terceiro, dito passivo, onde a pessoa concernida se faz ela mesma o objeto de um outro (LAZNIK-PENOT, 1991, p. 43-44).

É somente assujeitado ao outro, isto é, sujeito ao que o outro diz sobre ele e para ele, que um bebê poderá aceder ao campo do Outro como um primeiro sujeito. Mas para que advenha aquele sujeito que poderá enunciar-se por si, é necessário que aquele bebê no início tão apegado, agarrado à mãe, dela se separe.

Grosseiramente podemos entender que o desejo do bebê é continuar sendo objeto de desejo da mãe. O pai, então, deve entrar nessa relação dual (mãe-bebê) para interditá-la (complexo de Édipo). É isso que ele faz ao enunciar com gestos e palavras que a mãe lhe pertence, isto é, que a mãe é o objeto de desejo dele (do pai) e que o pai é objeto de desejo da mãe; assim, impõe ao filho e à mãe a lei máxima da interdição: A lei universal da proibição do incesto, a lei organizadora do desejo.

Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, Lacan (1960/1998) afirma que “o desejo do homem é o desejo do Outro”. Se o desejo é sempre do Outro, como entender que alguém para ser desejante tenha que se desalienar, separar-se do desejo do Outro?

Talvez a resposta possa ser buscada na dialética mesma do desejo: um sujeito só se constitui como desejante se assujeitar-se ao desejo do Outro, se houver um assujeitamento ao Outro. Mas isso que é o assujeitamento implica duas operações: *alienação* e *separação*. A dialética está nisso: aliena-se, mas necessariamente separa-se. Em outras palavras, primeiro alguém deseja por nós pra que depois possamos desejar por nós mesmos. “É muito simplesmente como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma”, esclarece Lacan (1960/1998, p. 828). “O desejo do homem é o desejo do Outro, [...] ou seja, é como Outro que ele deseja” (p. 829, grifo meu). Será que com esse “como Outro” Lacan não evidencia a própria dialética do desejo, qual seja, a de que não há sujeito desejante sem alienação ao Outro e tampouco o há se não houver separação desse Outro? Como tendo a pensar que sim, proponho mais uma volta pra tentar esclarecer.

Alguém se aliena à fala de um outro acreditando que este tenha a chave para o seu desejo, que ele tudo sabe, que tudo pode e que poderá lhe oferecer a verdade última do desejo. Porém, esse outro sendo já assujeitado ao Outro (o tesouro dos significantes) não pode responder pelo desejo desse “alguém”, assim, o que este “outro” acaba transmitindo a esse alguém é a *castração*. Isso que Lacan expressa com o “não há relação sexual”, “não há Outro do Outro”, é da *falta* que se trata.

Como esse outro não pode responder à demanda feita, essa falta retorna na forma de uma pergunta “do Outro”: a famosa: “*Che vuoi?*”, a pergunta pelo desejo. Essa pergunta “Que quer você?”, enfatiza Lacan (1960/1998), “é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo” (p. 829). Esse alguém, ao perceber que o outro não pode responder pelo desejo, não pode lhe completar – pois que o desejo é sempre insatisfeito – é lançado a se perguntar pelo próprio desejo: “Que quer ele de mim?”, “Que quero eu?”.

Conforme Laznik-Penot (1992):

O desejo deve, necessariamente, passar pelo fato de que o Outro está, ele próprio, submetido à operação de simbolização. Dito de outra forma, que ele seja reconhecido como necessariamente faltante. A operação de representar o Outro como faltante de algo mostra-se indissociável da própria possibilidade, para o sujeito, de se posicionar como desejante em seu fantasma (LAZNIK-PENOT, 1992, p. 10).

Assim, para que um sujeito possa ir além do perguntar-se pelo desejo (do Outro); para ele que tenha a chance de escolher não estar conforme o desejar dos outros (na ilusão de lhe completar a falta ou na de que eles lhe dariam a verdade última); pra que ele não viva toda a vida referenciado ao desejo dos outros se preocupando com o que eles querem e esperam dele; enfim, para que possa verdadeiramente implicar-se com o próprio desejo, autorizar-se do próprio desejo, ele deve poder atravessar (“desconstruir”) a *fantasia* (a ficção) que criou com vistas a burlar a falta, isto é, a fantasia que inventou para não lidar com o fato de que, não apenas ele, mas também os outros, estão todos condenados a faltar, posto que são todos seres de linguagem e por isso fadados ao equívoco, à incompletude.

Porém, o processo de atravessamento dessa fantasia não é nada simples, pois que sua criação foi deveras importante pra que ele pudesse começar a desejar, mesmo que esse desejo fosse o de ser reconhecido pelo outro. Uma pessoa se submete à palavra do Outro (e por extensão ao seu desejo) porque julga que essa é a maneira de se satisfazer totalmente e de satisfazer o Outro. A grande questão é que submeter-se totalmente ao Outro pode causar muito sofrimento e torná-la um objeto de gozo. Mas por mais que ela esteja sofrendo com a fantasia que criou, abrir mão de suas satisfações primordiais é bastante penoso, porque abrir mão delas é, em certa medida, abdicar do reconhecimento do Outro.

No entanto, é quando da percepção de que o Outro não tem como responder à sua demanda, é exatamente aí nessa descoberta, na descoberta da castração, que poderá haver a decisão (a escolha) pela não escravidão ao reconhecimento do Outro. Se esse Outro não pode lhe dar a verdade, não pode lhe dar as respostas para suas perguntas, então, por que continuar totalmente aliado, alienado a ele? Disso é possível extrair que é só, e somente se o desejo enquanto reconhecimento se frustra, quando ele é questionado, é a partir daí que pode haver a possibilidade da emergência de um sujeito desejante.

Alienação e separação podem ser tomadas como processos que refletem a dinâmica do desejo, dentro de um processo de enlaçamento pulsional, do circuito pulsional, que propiciará ao sujeito descolar-se do Outro primordial e avançar para uma posição desejante, lançar-se à invenção de novos objetos de satisfação pulsional, portanto, tais processos são pilares para a configuração da sublimação.

3. PROCESSOS DE SUBLIMAÇÃO

A disposição sexual universalmente perversa da infância pode ser considerada como a fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que, através da formação reativa, impulsiona a criação delas.

Freud - *Três Ensaio*s

3.1 Do termo ao conceito

O *iDicionário Aulete*, traz as seguintes acepções para a palavra sublimação:

1. ato ou efeito de sublimar(se); 2. transição do estado sólido diretamente para o gasoso; 3. purificação, por meio do aquecimento, de substâncias voláteis; 4. engrandecimento, enaltecimento; 5. processo inconsciente de reorientação da energia da libido para outros fins mais elevados pela sociedade.

Como é possível notar são muitas as acepções para a palavra sublimação, remetendo à química: “transição de um estado a outro”, à alquimia: “purificação, elevação”, a um sentido figurado: grandiosidade e, ainda, a um sentido psicanalítico: “um processo inconsciente”. Se, de antemão, no dicionário já encontramos, diga-se, muitas (in)definições para o termo, na teoria psicanalítica não é muito diferente. Porém, essa “indefinição” no que tange ao conceito não deve ser tomada como algo ruim e sim como a revelação de uma tensão própria da construção da teoria psicanalítica freudiana. Assim, eliminar essa tensão seria eliminar justamente a maior riqueza da teoria: o conflito, que, como tal, é mobilizador, é propulsor de movimento.

É assim que evocando “sublime”, utilizado no contexto das belas-artes para designar algo grandiosamente belo em que a leveza e a grandeza estariam presentes, e “sublimação”, que descreve na química a passagem direta do estado sólido para o gasoso, e ainda “subliminar”, que sugere a ideia de elementos latentes ou uma força oculta que estaria por traz da consciência, o termo sublimação foi introduzido por Freud na psicanálise para explicar um processo inconsciente que estaria por trás da criação artística ou da investigação intelectual, atividades às quais a sociedade confere grande valor. Tais atividades seriam possibilitadas e alimentadas por uma energia de cunho sexual, mas que não seria empregada em alvos explicitamente sexuais. Para a psicanálise, portanto, a sublimação consistiria então na capacidade de troca de um alvo originariamente sexual por outro não sexual e investido de alto valor para a sociedade (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983, ROUDINESCO, 1998; KAUFMANN, 1996).

À primeira vista a noção psicanalítica de sublimação pareça simples, no entanto, ela é de difícil apreensão, reservando em si não apenas nebulosidade como também complexidade. Esta difícil apreensão se deve, em maior escala, ao fato de que, tanto quanto outros conceitos psicanalíticos, as formulações acerca da sublimação tenham sido elaboradas entre os avanços

e os recuos da teoria de Freud como um todo e, em escala menor, porque não há dentro da obra freudiana um texto que discorra especificamente acerca da noção, tal como ocorre com outros conceitos, por exemplo, o complexo de Édipo ao qual Freud também não lhe reserva um texto específico, mas está diluído ao longo da obra do autor. O que há sobre a sublimação na obra de Freud são fragmentos dispersos, às vezes enigmáticos e controversos, escritos em diferentes momentos de seu pensamento. A problemática da sublimação vem embebida numa certa tensão, um conflito, que revela, a bem da verdade, a riqueza do pensamento freudiano.

Daniel Kupermann (2003) observa que a imprecisão conceitual que ronda a sublimação pode estar relacionada ao fato de que ela funcione no decorrer das elaborações teóricas de Freud como “uma espécie de conceito curinga” (p. 66), o qual estaria disponível ao psicanalista para uma abordagem da psicanálise, seja na vertente teórica da “constituição da subjetividade”, seja “na reflexão psicanalítica sobre as produções artísticas e culturais” ou ainda “na teoria da clínica e da cura analíticas” (p. 66). Para esse autor, o conceito de sublimação coloca-se como uma verdadeira “encruzilhada” para a qual convergem “as múltiplas vertentes do pensamento psicanalítico”, condensando assim “uma riqueza de sentidos e de problemas para a qual torná-se difícil encontrar uma única formulação satisfatória que sirva para defini-lo em toda a sua abrangência” (2003, p. 66).

Tendo em vista o exposto, o propósito deste capítulo está, num primeiro momento, em fazer uma breve sistematização de alguns dos trechos da obra de Freud em que a noção de sublimação está presente, na tentativa de colocá-los, na medida do possível, a “conversarem” entre si e daí extrair algum entendimento a respeito da condição da sublimação na perspectiva freudiana, para, num segundo momento, poder tecer algumas considerações acerca desta noção, tomando-a como uma noção na qual estão imbricados dois dos maiores conceitos da teoria psicanalítica: desejo e pulsão.

3.2 A sublimação, suas riquezas e seus impasses

Daniel Kuperman (2003) e Sissi Castiel (2007), entre outros, são tributários da opinião de que haveria dentro do pensamento freudiano duas correntes de leitura quanto à sublimação. Uma primeira que trata a sublimação como um processo de dessexualização pulsional e, outra, em contrapartida, que vê os processos sublimatórios como uma saída para a criação, fincada esta em um processo de simbolização que, como tal, é movido pela sexualidade e pelo desejo, resultando, portanto, na abertura para a invenção de novos objetos de satisfação pulsional que seriam partilhados culturalmente.

Se na primeira direção de leitura o que está em voga é um processo em que as pulsões trocariam seu alvo sexual por um não sexual (a dessexualização da meta das pulsões), mas que investido de valor cultural, o que está em xeque é necessariamente a exclusão da sexualidade, seu recalçamento; na segunda direção, não apenas a sexualidade, mas também o desejo são parte da configuração da sublimação. Se a sexualidade é excluída em uma, na outra se constitui enquanto potencial criativo.

Embora os estudiosos leiam uma certa “bifurcação” do pensamento freudiano quanto à sublimação, vale lembrar que a construção do pensamento freudiano tem em seu núcleo o conflito. Acredito que há em Freud, no âmbito de toda a formulação de seu pensamento, uma construção e como tal, é sempre feita de idas e vindas. Agora, não é de se negar que em sua teoria da sublimação é possível ver algumas contradições, mas, no meu entender, elas são fruto exatamente da construção de uma teoria.

Assim, acreditando que tais direções na verdade revelam em si diferentes riquezas, passo a realizar uma breve apresentação da noção de sublimação, a partir de uma seleção de excertos de fragmentos da obra de Freud. Meu objetivo com isso é buscar a riqueza e multiplicidade de sentidos presentes nos escolhidos excertos e colocá-los a conversar, na tentativa de extrair daí o que está em questão nos processos sublimatórios. Vale ressaltar, entretanto, que o percurso que traçarei adiante não tem, em hipótese alguma, a pretensão de esgotar ou mesmo problematizar exaustivamente a sublimação³⁴.

³⁴ Apenas a título de curiosidade e para explicitar o quão árduo seria a tarefa de sistematização do conceito de sublimação no conjunto das obras completas de Freud, reporto-lhes que fiz uma pesquisa buscando a palavra “sublimação” nos 23 volumes da Edição *Standart* Brasileira das obras completas de Freud (em sua versão eletrônica) e, para a minha surpresa, o termo aparece nada mais nada menos que em 16 dos 23 volumes, ou seja, só não consta em 7 volumes, que enumero a seguir: Vol. II: Estudos sobre a Histeria (1893-1895); Vol. III: Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899); Vol. IV: A interpretação dos sonhos, parte I (1900); Vol. V: A interpretação dos sonhos, parte II (1900-1901); Vol. VI: Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901); Vol.

3.3 Breve contextualização acerca da sublimação

O conceito de sublimação apresenta-se desde muito cedo no pensamento freudiano e remonta ao contexto de estudo da histeria. A primeira aparição da palavra sublimação se dá em 1897, em *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (1892-1899), no Rascunho L, e, em seguida, em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1901), o Caso Dora.

Nestes dois primeiros textos, sublimar é uma defesa contra o sexual, contra os desejos sexuais inconscientes. Essa defesa resulta do conflito psíquico entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, cujo resultado é a histeria. Assim, para defender-se contra moções de índole erótica, é preciso sublimar e isso ocorre por meio das fantasias.

Embora o caráter de defesa esteja presente tanto no Rascunho L quanto no Caso Dora, no primeiro a sublimação refere-se à possibilidade de defesa contra o sexual por via das fantasias e, no segundo, é utilizada por Freud no contexto da transferência analítica, como é possível ver no excerto abaixo:

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornarem-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico [...] Algumas dessas transferências em nada se diferenciam de seu modelo, no tocante ao conteúdo, senão por essa substituição. [...] Outras se fazem com mais arte: passam por uma moderação de seu conteúdo, uma sublimação, como costume dizer, podendo até tornar-se conscientes ao se apoiarem em alguma particularidade real habilmente aproveitada da pessoa ou das circunstâncias do médico. São, portanto, edições revistas, e não mais reimpressões (FREUD, 1901, p. 111, grifos meus).

Para Castiel (2007), a sublimação seria aqui “uma maneira de conter a exigência erótica, tornando possível o trabalho analítico [...] o que está em pauta é o aparecimento do

VIII: Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905) e Vol. XV: Conferências introdutórias sobre a psicanálise, Partes I e II (1915-1916). Fazendo uma breve análise, é possível disso extrair que a palavra sublimação aparece pela primeira vez no Vol. I (1886-1899) da obra de Freud, volta a aparecer no Vol. VII, em 1901, e daí em diante vai estar presente até o último volume de sua obra, ou seja, embora de fato não haja um texto específico sobre a sublimação, esta ronda praticamente toda a obra freudiana. Essa simples pesquisa evidencia que Freud se viu perseguido pelo conceito de sublimação ou ele o perseguiu durante a formulação de praticamente toda a sua teoria. E se considerarmos ainda que do segundo ao sexto volume o que está em questão na teoria freudiana são os processos inconscientes por detrás da Histeria, dos atos falhos, dos chistes, dos sonhos e dos processos de pensar, podemos sugerir que a sublimação, considerada também um processo inconsciente, está indiretamente em voga desde então, portanto, não apenas em parte da obra freudiana, mas em toda ela. Isso nos faz desconfiar que talvez Freud não tenha escrito ou destruído um artigo metapsicológico sobre a sublimação, senão que ele talvez não o tenha escrito jamais.

sexual na transferência e não sua suspensão; o que está em suspenso é a descarga direta” (p. 24), que não ocorrendo, apresenta-se escondida em formas de fantasias na pessoa do médico. A autora localiza aqui, no contexto de estudo da histeria, o primeiro indício da sublimação enquanto propiciadora de criação, qual seja, o trabalho analítico.

Dessas considerações é possível extrair que, desde as primeiras aparições da sublimação em Freud, ela está intimamente relacionada ao sexual, à sexualidade, mesmo que, já de antemão, haja uma aparente tentativa de excluí-la dos domínios do sexual. O qual, como se viu pela observação de Castiel, propicia já no início a possibilidade de criação. Assim, há no contexto do estudo da histeria os dois sentidos para a sublimação: defesa e criação. O primeiro, no entanto, mais arraigado que o segundo.

A concepção de sublimação que virá a seguir nos *Três Ensaio*s (1905) é tributária de uma visão do sexual que Freud tinha no final do Séc XIX, época em que iniciou seus trabalhos com os histéricos. Tal concepção se fundamenta numa noção de sexualidade que equipara sexualidade e genitalidade, fundamentada pelas teorias de Kraft-Ebbing, em que prazer e gozo se colocariam a serviço da reprodução da espécie. De antemão, vale dizer que embora Freud rompa, nos *Três Ensaio*s, com tal concepção de sexualidade, expandindo-a, o conceito de sublimação que virá a seguir parece excluir a sexualidade dos processos de sublimação.

O estudo da histeria contribui na direção do rompimento acerca da noção popular de sexualidade na medida em que Freud começa a entender, por meio da observação e análise das perturbações histéricas, que estas teriam a ver com o campo da sexualidade, e que sua etiologia, portanto, era sexual e não neurológica. Dito de outra forma, está em pauta na histeria um conflito psíquico entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. Tal dualidade pulsional constituía-se aí a base do conflito psíquico e a desencadeadora dos sintomas. Existiria na histeria um conflito entre a satisfação da sexualidade e a conservação de si, sendo ele gerado por uma impossibilidade de satisfação sexual, da qual o sujeito é obrigado a renunciar.

Freud vai delineando a histeria no campo da sexualidade porque passa a desconfiar que os sintomas que as histéricas apresentavam não provinham de uma lesão, mas tinham a ver com uma espécie de aprisionamento a uma experiência traumática. Resgatando a frase célebre de Freud quanto a isso, “as histéricas sofrem de reminiscências”. Entendendo os sintomas histéricos como derivados de traumas sexuais, Freud marca então um primeiro alargamento do conceito de sexualidade, já que aí ela deixa de circunscrever-se na esfera da reprodução da espécie.

No entanto, como é sabido, Freud (1892-1899), na Carta 69, direcionada a Fliess, escreve: “não acredito mais em minha neurótica” (p. 309). E tal descrença é em parte explicada pelo fato de que se realmente as cenas de sedução tivessem ocorrido como as históricas pareciam apontar, todos os pais a partir deste fato, incluindo o dele, deveriam ser considerados perversos. Daí surge a construção de que tais traumas de sedução se configuravam não como cenas reais, mas construídas por um processo de fantasiar. Assim, Freud passa a levar em conta na etiologia da histeria muito mais a fantasia que a realidade. O que se extrai disso é que o sujeito ao fantasiar revelaria uma atividade sexual desde a infância, que, nos termos dos *Três Ensaio*s, vai se configurar enquanto sexualidade infantil.

3.4 Rumos do conceito de sublimação

Os *Três Ensaios*, como foi detidamente trabalhado no capítulo 2, promove uma verdadeira ampliação no conceito de sexualidade, o que, conseqüentemente, influi positivamente nos rumos do conceito de sublimação. É possível dizer que é a partir dos *Três Ensaios* que a sublimação começará a se estruturar enquanto conceito. Há no texto em questão mais de um momento em que a sublimação aparece. Vamos ao primeiro deles. Às palavras de Freud:

A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas, mas que pode ser desviada (“sublimada”) para a arte, caso se consiga afastar o interesse dos genitais e voltá-lo para a forma do corpo como um todo (FREUD, 1905, p. 148, grifo meu).

Tal excerto foi retirado de uma parte intitulada “O tocar e o olhar”. Aqui a curiosidade infantil pode ser relacionada a uma curiosidade de ver os órgãos genitais, esse prazer de ver os genitais deve, em função, da civilização, ser desviado – sublimado – para a arte. O que se revela aqui é que a pulsão de ver não pode se satisfazer diretamente, portanto, deve ser recalçada. Então, sublimação iguala-se a recalçamento.

Em outro excerto, a seção intitulada “Formação reativa e sublimação”, Freud traz o seguinte:

Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância (FREUD, 1905, p. 167, grifo meu).

A íntima ligação da sublimação com a sexualidade parece estar no fato de que Freud considera que é às expensas das moções pulsionais da infância, manifestadas de forma perverso-polimorfa e autoerógena na criança, que surgem as realizações culturais. A sublimação aqui é apresentada em termos de “desvio das forças pulsionais” para uma meta que não seja sexual. O paradoxo está no fato de que ao mesmo tempo em que Freud situa a

sublimação no campo da sexualidade, ele indica a necessidade, mais uma vez, de uma renúncia ao sexual. Sublimação se igualaria a um desvio, ao recalçamento?

Continua Freud:

Também sobre o mecanismo desse processo de sublimação pode-se arriscar uma conjectura. As moções sexuais desses anos da infância seriam por um lado, inutilizáveis, já que diferidas as funções reprodutoras – o que se constitui o traço principal do período de latência – e, por outro, seriam perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção de desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas (FREUD, 1905, p. 168).

Observa Freud que para a supressão desse desprazer tais moções sexuais evocam impulsos reativos, erigidos estes em forma de diques psíquicos: asco, vergonha, moral – tais diques restringem a atuação direta da pulsão sexual e tal restrição daria origem à sublimação. Assim é que Freud situa a origem da sublimação no período de latência, equiparando-a a uma formação reativa, já que é reagindo às moções sexuais e em função dos diques que ela ocorre. Aqui a sublimação parece consistir numa formação reativa, portanto, uma defesa? Sublimação como recalçamento na fase adulta e como formação reativa na infância?

Na seção intitulada “Trabalho intelectual”, Freud torna explícita a ligação entre o trabalho intelectual e a sexualidade marcando que a concentração da atenção numa tarefa intelectual (ou o esforço intelectual), em muitas pessoas, tem como consequência uma excitação sexual concomitante.

E uma vez que sabemos que a concentração de atenção é capaz de provocar excitação sexual, somos levados a supor que, atuando pela mesma via só que em sentido inverso, o estado de excitação sexual pode influenciar a disponibilidade de atenção dirigível a algo (FREUD, 1905, p. 193).

São as vias de influência recíproca que estão em pauta aqui, em outras palavras, a noção de apoio. A hipótese de Freud (1905) é a de que “todas as vias de ligação que levam à sexualidade, vindo de outras funções, devem também ser percorridas na direção inversa” (p. 194). Tal hipótese se ampara no fato de que boa parte da sintomatologia da neurose, decorrente das perturbações nos processos sexuais, se expressa em perturbações de outras funções (não sexuais) do corpo, isto é, a sexualidade tem como apoio as funções fisiológicas e vice e versa. Assim, outra formulação em torno da sublimação é apresentada:

Mas as mesmas vias pelas quais as perturbações sexuais se propagam para as outras funções do corpo devem também prestar, na saúde, um outro

importante serviço. Por elas se daria a atração das forças pulsionais da sexualidade para outros alvos não-sexuais, ou seja, a sublimação da sexualidade (FREUD, 1905, p. 195, grifos meus).

A sublimação, portanto, também se dá por vias de influência recíproca, já que nela a pulsão sexual é atraída para caminhos (metas) não sexuais. Pode-se constatar então que, mesmo a despeito de Freud enfatizar a íntima relação da sublimação com a sexualidade, paradoxalmente ele parece defini-la como um processo de dessexualização pulsional. O que abre uma porta de questionamento: o que de fato Freud está considerando como dessexualização? O que significa meta? E o que Freud quer apontar com transformação na meta: de uma “sexual” para uma “não sexual”? Afinal, se a meta da pulsão é sexual e para Freud a sexualidade não se restringe à genitalidade, não haveria aqui uma incoerência? Ou Freud estaria restringindo sua concepção de sexualidade arduamente elaborada e defendida outrora, e, portanto, equiparando meta ao ato sexual (a atividade genital) propriamente dito? Se tomarmos a meta aqui como “o ato sexual para a reprodução”, Freud de fato estaria indo na contramão da ampliação do conceito de sexualidade que empreendera. Mas deixemos essas questões em aberto e continuemos seguindo as pistas de Freud para tentar chegar a algum entendimento do que seja a dessexualização.

Em outro excerto dos *Três Ensaio*s, em uma seção intitulada “Sublimação”, quando Freud se encaminha para as finalizações de seu texto, ele postula que depois da puberdade a pulsão sexual pode ter três desfechos³⁵: 1. perversão, 2. recalque e 3. sublimação. O que salta aos olhos de antemão é que Freud separa recalque de sublimação. Estamos diante dos vestígios de uma nova formulação da sublimação? Não exatamente, mas alocar a sublimação fora do campo do recalque parece anunciar um outro olhar sobre a concepção.

Assim, se no segundo desfecho – o recalque – trata-se de as moções sexuais serem impedidas por um obstáculo psíquico de atingirem seu alvo sexual, só achando possibilidade de expressão por meio dos sintomas, forma em que a sexualidade está em caráter latente e não suprimida, no terceiro desfecho – a sublimação – não há um impedimento, senão uma espécie de escoamento e emprego dessas moções em outros campos que não o sexual, portanto, a sexualidade também aqui não é suprimida, fica latente, embora desviada de seu fim sexual, como formula Freud:

³⁵ No capítulo 2, fiz algumas breves considerações sobre estes desfechos postulados por Freud.

O terceiro desfecho da disposição constitucional anormal é possibilitado pelo processo de “*sublimação*”, no qual as excitações hiperintensas provenientes das diversas fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos, de modo que de uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica. Aí encontramos uma das fontes da atividade artística, e, conforme tal sublimação seja mais ou menos completa, a análise caracterológica de pessoas altamente dotadas, sobretudo as de disposição artística, revela uma mescla, em diferentes proporções, de eficiência, perversão e neurose (FREUD, 1905, p. 225, grifos meus).

O que se pode extrair deste excerto é que a sublimação deixa de ser aqui uma defesa contra as moções sexuais, tal como se configura o recalçamento, e passa a representar uma saída pulsional, um escoamento da sexualidade, entretanto, mesmo enquanto tal, a sublimação parece ainda permanecer como renúncia pulsional.

Comentando o trecho citado acima, observa Loffredo (2012):

Assim já se anuncia a posição segundo a qual o que de mais nobre pode ser reconhecido na condição humana reporta-se às mesmas fontes do que nela se identifica como mais primitivo, uma vez que ambos se enraízam nos regimes da sexualidade e do gozo [...] (LOFFREDO, 2012, p. 111).

Não há dúvida quanto ao fato de que Freud localiza a sublimação dentro do âmbito da sexualidade, sendo às expensas das moções sexuais perversas da infância que o homem constrói as realizações culturais altamente valorizadas pela sociedade. No entanto, paradoxalmente, se a sexualidade está na base dos processos de sublimação, também está na base da formação dos sintomas. Sexualidade: graças e desgraças?

Para Hornstein (198), “A capacidade de transformar a vivência interior em algo representável e transmissível é o que diferencia entre produção científica ou artística e a produção de sintomas” (p. 98, tradução minha).

Em continuação ao excerto anterior, Freud empreende uma diferenciação entre sublimação e formação reativa observando que “Uma subvariedade da sublimação talvez seja a supressão por *formação reativa*, e que, como descobrimos, começa no período de latência da criança e, nos casos favoráveis, prossegue por toda a vida” (p. 225). Isso confirma a hipótese colocada anteriormente de que, na infância, a sublimação se apresenta em princípio como uma formação reativa e, que agora se esclarece, tem como objetivo a formação do caráter:

Aquilo a que chamamos “caráter” de um homem constrói-se, numa boa medida, a partir do material das excitações sexuais, e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de outras obtidas por sublimação, e de construções destinadas ao refreamento eficaz de moções perversas reconhecidas como inutilizáveis. Desse modo, a disposição sexual universalmente perversa da infância pode ser considerada como a fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que, por meio da formação reativa, impulsiona sua criação (FREUD, 1905, p. 225, grifo meu).

Assim, tanto a sublimação como a formação reativa parecem participar da formação do caráter, portanto, da criação das virtudes e “desvirtudes” do homem, mas Freud observa, em nota de rodapé, que embora a sublimação das forças pulsionais ocorra pelo caminho da formação reativa, esta e aquela são dois processos conceitualmente diferentes. “A sublimação também pode dar-se por outros mecanismos mais simples” (1915, p. 168, nota 2).

A formação reativa caracteriza-se então por construções que são erigidas com vistas ao refreamento eficaz de moções perversas reconhecidas como inutilizáveis. Agora, “inutilizáveis” para quê? Para fins explicitamente genitais? Parece que parte das moções perversas é utilizada para a formação do caráter e parte outra para o processo de sublimação, já que essas moções, na infância, são inutilizáveis para fins explicitamente genitais. Formação reativa equivaleria a uma defesa e a sublimação, a uma saída, mas ambas requerem uma renúncia aos impulsos sexuais.

É possível ver que os excertos analisados apontam para a sublimação enquanto dessexualização, evidenciam um redirecionamento da energia sexual para finalidades não sexuais, no que está implícito uma renúncia. Deste ponto de vista, “a sublimação seria uma maneira de descarregar libido, o que implicaria dizer, por um lado, que ela acarreta um empobrecimento energético ao sujeito, a medida em que a energia da pulsão sexual seria utilizada para outra finalidade” (CASTIEL, 2006, p. 27). Conforme a autora, a consequência de se definir a sublimação como um processo de dessexualização pulsional está não apenas na ideia de se conceber a libido como “*quantum* estável”, mas também porque a dessexualização implicaria a ideia de que nas realizações humanas não haveria criação de energia. Pode-se dizer, então, que uma definição dessexualizante da sublimação vem a empobrecê-la?

Castiel (2007) observa que, talvez, se possa justificar esse caráter dessexualizante da sublimação freudiana, se entendemos que, nesse momento da teoria, Freud não tem como foco explicitar o funcionamento da sublimação, mas indicar que a sexualidade está na origem das atividades humanas. Entretanto, se Freud estava justamente interessado numa ampliação do conceito de sexualidade, não é estranho ele postular a sublimação como um processo de dessexualização pulsional? Se ele mesmo diz que a energia da sublimação vem do sexual,

portanto, atribui-lhe uma fonte sexual, por sua vez, a própria sublimação não deveria sê-lo? Bem, esse é um dos muitos impasses que se estabelece em relação às primeiras formulações sobre a sublimação enquanto dessexualização.

O mistério que paira nessas iniciais formulações freudianas está no sentido da palavra dessexualização. Nota-se então que as primeiras formulações acerca da sublimação são nebulosas e contraditórias. O que Freud considera como sendo dessexualização? Como pode um processo utilizar-se da energia sexual para constituir-se, mas, em contrapartida, ser descrito como dessexualizado? Des-sexual? Um importante exercício de investigação se faz pertinente: tentar buscar o sentido que tem a palavra ou o processo de dessexualização para Freud. Continuemos essa discussão em torno da sublimação freudiana, para ver se chegamos a alguma (in)conclusão!

Passemos agora ao texto *Moral sexual ‘civilizada’ e doença moderna* (1908b), no qual Freud, assim como fez nos *Três Ensaio*s, recorre muitas vezes ao conceito de sublimação. Neste texto Freud faz uma crítica a uma moral sexual que, ao impor aos sujeitos a renúncia de sua sexualidade, os faz adoecer.

Em geral não me ficou a impressão de que a abstinência sexual contribua para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com frequência bem maior produz homens fracos, mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má-vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes (FREUD, 1908b, p. 181).

Para Freud (1908b), a maior parte dos indivíduos que constitui a sociedade, não consegue “enfrentar com êxito a tarefa de uma abstinência” (p. 179) e, portanto, ao invés de serem “civilizados” por renunciarem às suas pulsões sexuais, convertem-se em doentes. Freud não apenas discorda acerca da moral vigente que coíbe a satisfação sexual, como considera que tal satisfação “é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal” (p. 178-179). Tal discurso parece apontar para uma configuração diferente de sublimação, no entanto, a tese da dessexualização parece prevalecer:

A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação (FREUD, 1908b, p. 174, grifos meus).

Outra vez prevalecem a renúncia ao pulsional e a ênfase na troca de uma meta sexual

por outra não sexual, já que a sublimação indicaria que as forças pulsionais foram defletidas de seu objetivo sexual. No entanto, à diferença dos outros momentos, neste há uma nuance na conceituação, pois Freud acrescenta que:

O domínio do instinto pela sublimação, defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude. Os demais se tornam em grande maioria neuróticos, ou sofrem alguma espécie de prejuízo (FREUD, 1908b, p. 178-179).

Se nas formulações anteriores, Freud parecia computar a sublimação nos domínios humanos, não indicando especificamente quem podia ou não sublimar, aqui a sublimação aparece sendo alçada ao plano do “sublime”, do elevado, do inalcançável, do impossível, já que nem todas as pessoas seriam capazes de alcançá-la. Mais uma “complicação” para o rol teórico da sublimação.

Para Kupermann (2003), a sublimação enquanto dessexualização, “não deixaria de ser, em última instância, uma forma de renúncia da satisfação pulsional, uma defesa, ainda que a mais elevada da modalidade de defesa da qual poderiam dispor alguns psiquismos privilegiados, e estaria submetida ao princípio de realidade e suas exigências, em prol do trabalho comum” (p. 68). Freud, por seu lado, na quinta das *Cinco lições de psicanálise* (1910 [1909]), ressalva que “Assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia do instinto sexual da sua finalidade própria. Nem o conseguiríamos” (p. 63-64), indicando, portanto, que se há um cerceamento exagerado da sexualidade, sua renúncia em prol do trabalho comum, é impossível desviar toda a libido que nos move, seria necessário, em alguma escala, o exercício da atividade sexual.

Dessa forma, se diante da moral sexual civilizada, que tem como premissa a renúncia à satisfação sexual com vistas à produção de homens fortes e dedicados ao trabalho, mas que mantendo-se abstinentes adoecem, e a sublimação – uma renúncia em prol de fins culturais “mais elevados” – processo ao qual nem todos podem aceder, que saída teria o sujeito? Nessa perspectiva, todos estão, a bem da verdade, fadados à neurose? Tudo indica que sim, já que o destino sinaliza para um certo empobrecimento subjetivo.

Porém, é importante assinalar que o paradoxo apontado por Freud no que concerne a uma moral sexual, que ao se crer edificante para a civilização acaba por produzir homens doentes, pode apontar para uma nova perspectiva em relação à sublimação. Tal paradoxo

pode, no entendimento de Castiel (2007), ter conduzido Freud a empreender uma concepção de sublimação mais afeita ao desejo, erotismo e prazer, que são inerentes às realizações humanas no campo da cultura e da civilização.

3.4.1 Criadores e criação

No intuito de adentrar um pouco mais às formulações freudianas acerca da sublimação, farei antes uma pequena incursão em *Escritores criativos e devaneios* (1908a), texto em que Freud, embora não aborde explicitamente a noção de sublimação, ao trazer importantes considerações sobre a criação literária – que, juntamente com a criação artística e a investigação intelectual, integra os processos de sublimação – prepara o terreno para o que virá em seguida em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910a).

Se, por um lado, venho entendendo que é no contexto dos *Três Ensaio*s que a sublimação aparece enquanto conceito, texto no qual as considerações de Freud recaem sobre a definição de sublimação; por outro, leio em *Escritores criativos e devaneios* uma importante abertura para se pensar o processo da sublimação. Freud, a meu ver, sinaliza um interesse na descrição do processo de sublimação, haja vista que sua intenção primeira é saber como os escritores produzem suas ficções, ou melhor circunscrevendo, como conseguem transformar suas fantasias em objetos de arte que possam ser compartilhados culturalmente. Vejamos então se é possível sustentar minimamente essa leitura.

Freud inicia *Escritores criativos e devaneios* (1908a) perguntando-se sobre as fontes das quais o escritor criativo retira seu material de criação e de como ele consegue levar os seus leitores a experimentarem emoções que nem imaginavam capazes. E observa ainda que nem mesmo se os escritores criativos nos revelassem “os determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa” (p. 135) em nada isso contribuiria para que nos tornássemos escritores criativos. Poderíamos vislumbrar que há aqui uma diferença entre o homem comum e o escritor criativo? “Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária!” (p. 135), coloca Freud. Nessa exclamação Freud não se refere à sublimação? Sublimação enquanto um processo de criação?

Freud (1908a) remete à infância os traços iniciais da atividade imaginativa fazendo uma analogia entre o brincar infantil e o fazer do escritor criativo. “Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo

próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade?” (p. 135). O escritor, tal como a criança, brinca e, semelhante a ela, leva muito a sério essa brincadeira!

Freud enfatiza que a antítese do brincar infantil não é o que é sério, mas aquilo que é real, a realidade. Há para a criança um elo inseparável entre brincadeira e realidade, pois, na verdade, quando uma criança brinca, ela brinca de ser adulto³⁶. “O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia o seu desenvolvimento –, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando ‘de adulto’, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos” (p 137, grifo meu). A criança investe em seu mundo de brincadeiras e de brinquedos e sabe perfeitamente separá-lo da realidade e isso, segundo Freud, é o que distingue o brincar infantil do fantasiar. O primeiro se ampara na realidade, o segundo não exatamente. O escritor também investe seu mundo “de brincadeiras” – de suas fantasias – mas mantém uma nítida separação entre elas e o mundo real.

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (FREUD, 1908a, p. 136).

Freud continua explorando a oposição entre a realidade e o brincar, observando que as pessoas, na medida em que crescem, param de brincar e crescendo elas parecem renunciar ao prazer que o brincar lhes proporcionava na infância. É então que Freud enuncia uma pérola, que, a meu ver, muito se assemelha a uma espécie de definição da sublimação, ou a menos parece apontar para uma outra possibilidade de leitura do processo de sublimação:

Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou subrogado (FREUD, 1908a, p. 136, grifos meus).

³⁶ Tendo em vista outro contexto em que o brincar se faz presente, por exemplo, o texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), em que Freud apresenta a brincadeira inventada pelo seu netinho – o *forda* – para lidar com as idas e vindas da mãe, com a sua ausência; pode-se dizer que o brincar ou inventar uma brincadeira é também uma forma de lidar com uma realidade penosa, uma forma de lidar com as perdas que logo cedo vão, inevitavelmente, se apresentando a todas as pessoas? Se consideramos o brincar também por essa ótica, não poderíamos entender o brincar como uma forma de luto? Uma forma de enlutar uma realidade desprazerosa?

A dificuldade de abdicar de um prazer, lembremos, foi enfaticamente abordada no capítulo 1 desta dissertação quando analisamos a vivência de satisfação. O infante, depois dessa vivência, está fadado, ao longo de sua caminhada, a buscar pelo objeto supostamente capaz de completá-lo. Em realidade, tal objeto, perdido desde o início e para sempre, é a causa do desejo, é o fogo que acende e reacende todos os dias o desejo. A impossibilidade de renunciar ao objeto perdido, ou ainda, nos termos da concepção do narcisismo, a impossibilidade de se abrir mão do lugar perdido de “majestade o bebê” (dos ideais paternos, de fazer Um com a da mãe – o incesto), não abre justamente um espaço de possibilidade da troca de uma coisa por outra? Melhor colocando, não abre a possibilidade de troca do objeto perdido por objetos outros, possíveis? Da troca de um eu ideal(izado) para um ideal de eu, para um projeto futuro de eu? Da impossibilidade nasce a possibilidade?

Quando Freud, nas formulações sobre a sublimação vistas até agora, enfatiza que a sublimação é um processo que embora se utilize da energia da sexualidade compreende no desvio dessa energia sexual para outras metas não sexuais, não esboça justamente isso que está afirmando acima? O texto freudiano acima além de ressoar as formulações de sublimação vistas, não abre também uma brecha para se pensar a sublimação de uma nova forma? Não há aqui vestígios de uma sublimação que se “define” na possibilidade de uma troca dos objetos sexuais primordiais por outros objetos? A dessexualização não estaria no instante mesmo da troca de objetos?

Kupfer (1990) marca algo bastante interessante quando afirma que o processo de dessexualização não ocorre precisamente sobre a pulsão sexual, ou sobre seu objeto ou ainda sobre seu alvo, mas ocorre “basicamente, na troca de objetos, no deslocamento de um objeto sexual para outro não sexual”, isto é, “A operação é dessexualizadora. Na passagem, no vão entre um e outro, está a dessexualização” (p. 63, grifos meus).

Entretanto, para não cairmos na cilada de pensar que pode-se considerar sublimação qualquer troca de objetos, ou melhor, que o objeto sexual primordial poderia ser substituído por qualquer outro objeto, a autora ressalta que o mais importante são os tipos de objetos e de satisfação que se obtém com a sublimação: objetos valorizados socialmente e uma satisfação de ordem narcísica. A ideia principal é que na troca de objeto “a satisfação direta da pulsão é substituída por uma narcísica” (KUPFER, 1990, p. 64). Para a autora,

Quando há uma troca de objeto, é preciso que algumas operações intermediárias tenham ocorrido. A primeira delas é uma retirada da libido que se encontrava investida no objeto sexual; a segunda é um retorno dessa libido ao eu, sendo esse movimento narcísico por excelência. A terceira é um

revestimento, ditado pelo eu, em um outro objeto, agora não sexual (KUPFER, 1990, p. 64).

Continuemos na discussão sobre os *Escritores*...

Quando se cresce, portanto, o brincar infantil é substituído pelo fantasiar. A criança não para de brincar, ressalta Freud, ela apenas “abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*” (p. 136). Se a criança brinca abertamente, o mesmo não acontece com o adulto, pois este tem vergonha de suas fantasias e assim o é porque tais fantasias são infantis e proibidas e ele, como um perfeito adulto, deve manter-se sério! Ao passo que a criança não tem motivos para ocultar o seu desejo, porque, afinal, o que ela mais quer ao brincar é ser gente grande, assim, não há porque envergonhar-se de tal seriedade!

Freud (1908a) lança a tese então de que somente a pessoa insatisfeita é que fantasia. O que impulsiona as fantasias são os desejos insatisfeitos “e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (p. 137)³⁷. Assim, fantasia-se para lidar com uma realidade penosa, para lidar com o desprazer. Na fantasia, “o desejo utiliza uma ocasião do presente para construir segundo moldes do passado, um quadro do futuro” (p. 139), na fantasia, o desejo entrelaça três períodos de tempo, e é assim que Freud descreve o trabalho mental implicado no fantasiar:

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou a partir da lembrança. Dessa forma, o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une (FREUD, 1908a, p. 138).

E Freud faz um exercício de aplicação da tese enunciada no ato de criação do escritor criativo. A obra criativa revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga. Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A obra criativa é fruto de uma poderosa experiência vivida no presente que remete o escritor a uma experiência infantil passada, que então

³⁷ Tal como o sonho, que também é uma realização de desejo. Importante observar aqui que embora as fantasias funcionem como uma espécie de reparo para os desejos insatisfeitos, se elas se tornam excessivas e poderosas, podem desencadear a neurose e a psicose. As fantasias, portanto, também produzem sintomas.

encontra realização em forma de obra. Assim, “o escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias” (p. 143) em forma de obra criativa, que tem como efeito libertar a nossas mentes de tensões. Ressalta Freud que “talvez até grande parte desse efeito seja devido à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha” (p. 143). O leitor ao entrar em contato com uma obra literária usufrui do prazer estético e, pode-se dizer, tal como o escritor no processo de criação da obra, no processo de leitura, da apreciação da obra, acaba por sublimar suas pulsões e re-visitar os seus desejos mais primitivos.

Hornstein (1988) ressalta “que para Freud a relação entre o objeto artístico, seu criador e o consumidor remetem a uma dimensão de desejo que é necessário elucidar como a raiz do prazer estético” (p. 99, tradução minha). Assim, no prazer estético – fruto da sublimação de pulsões de ordem narsíca e sexual – do qual usufruem escritor, na criação da obra, e leitor na consumação da mesma, está implícito um movimento pulsional e desejante. O que parece se revelar aqui é que, nos processos de sublimação, estão em causa necessariamente desejo e pulsão, desejo e sexualidade.

Relembremos que Freud inicia seu texto perguntando-se sobre o processo de criação do escritor criativo, portanto, a meu ver, indagando-se sobre o processo de sublimação; em seguida estabelece uma analogia entre o brincar infantil e o fantasiar, de onde se desvia para a fantasia e nela fica ao longo do texto, para no final reiterar a sua proposta de que “a obra literária, como o devaneio [a fantasia], é uma continuação, ou o um substituto, do que foi o brincar infantil” (p. 141). No fim, o que se evidencia é um texto que enfatiza o estudo das fantasias e assim o fazendo abre para uma discussão sobre os mecanismos implicados no processo estético de criação, em outras palavras, o que se revela é uma “descrição” preliminar dos mecanismos envolvidos nos processos de sublimação.

Dessa forma, o texto em questão prepara o “meio de campo” para o que vem a seguir: as discussões em torno de Leonardo da Vinci, texto no qual, sabemos, Freud empreenderá uma discussão sobre a dupla natureza de Leonardo: artista e pesquisador, em outras palavras, sobre dois processos de sublimação ou de criação, o estético e o científico.

No final dessa breve leitura o que quero reiterar é a importância de *Escritores criativos e devaneios* para a discussão em torno da conceituação e da descrição do processo de sublimação. Assim, para enfatizar ainda mais essa importância, me fio nas palavras de Loffredo:

Creio que esse texto é fundamental em nosso próprio percurso voltado à sublimação, pois, embora [nele Freud] nem faça uso [explícito] desse conceito, implanta um alicerce que funciona como uma espécie de modelo e inspiração das criações artísticas e intelectuais. Mais do que isso, a vontade de “crescer” traz junto o componente “*como os adultos*” e, dessa forma, não é forçado reconhecer, nesse conjunto, as questões básicas que darão suporte à investigação sobre a sublimação em sua articulação com a questão dos ideais (LOFFREDO, 2012, p. 158).

E é exatamente a articulação com os ideais que poderá ser lida nas próximas formulações freudianas quanto aos processos de sublimação. A próxima parada então é o ensaio sobre Leonardo da Vinci. De antemão, ressalto que esse ensaio funciona, em certa medida, como uma espécie de aplicação das idéias e teses contidas em *Escritores criativos e devaneios*. Então, continuemos!

3.4.2 Sexualidade & desejo & criação

Para Kupermann (2003), em *Leonardo da vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud abandona a concepção dessexualizante de sublimação, amparada no “modelo cientificista”, segundo o qual sujeito e objeto estariam fundidos, e passa a adotar “o modelo estético, vinculado ao campo da criação artística” (p. 74), permitindo-lhe conceber uma nova formulação dos processos sublimatórios. Vamos ao texto!

Leonardo da Vinci é bastante lembrado pelo famoso sorriso de Mona Lisa, no entanto, não é apenas reconhecido como artista. É assim que Freud (1910a), ao escrever sobre Leonardo, não só destaca sua inegável capacidade de criação artística, mas também sua intensa produção no campo da ciência, enfatizando sua ânsia pela pesquisa. O propósito de Freud é mostrar que a enigmática personalidade artística de Leonardo, visível em sua peculiar característica de deixar suas obras sempre inacabadas e seu genuíno espírito investigador que se estende “praticamente a quase todos os ramos da ciência natural” (p. 85) derivam de um intenso período de investigação sexual infantil. No entanto, Freud visa também articular a inibição artística de Leonardo à inibição de sua vida sexual, portanto, estabelecer uma íntima relação entre atividade artística e sexualidade.

Leonardo, em seus apontamentos científicos sobre o vôo dos abutres, trouxe à luz uma recordação de sua infância que muito intrigou Freud (1910a): estando ele em seu berço, foi visitado por um abutre que lhe abriu a boca com sua cauda e com ela fustigou-lhe repetidas

vezes dentro. Freud propõe uma análise para essa lembrança no intuito de testar uma hipótese que elaborara sobre Leonardo, a de que:

A essência e o segredo de sua natureza parecem derivar do fato que, depois de sua curiosidade ter sido ativada, na infância, a serviço de interesses sexuais, conseguiu sublimar a maior parte de sua libido em sua ânsia pela pesquisa (FREUD, 1910a p. 88).

No excerto acima é possível ler, de antemão, a íntima relação entre curiosidade sexual e pesquisa, entre sexualidade e sublimação.

Freud (1910a) propõe que a lembrança de Leonardo seja na verdade “uma fantasia que ele criou mais tarde transpondo-a para a sua infância” (p. 90), pois, afirma ele, as lembranças da infância são criadas dessa forma, sofrendo “alterações e falsificações de acordo com os interesses ulteriores” (p. 91).

Freud imprime à fantasia do abutre um conteúdo erótico e a traduz de duas formas: primeiramente, encara-a como um ato de felação em que a cauda do abutre representaria o pênis que é fustigado na boca de Leonardo e depois a traduz como representação da primeira experiência de prazer de Leonardo, a de mamar, em que, então, a cauda toma o sentido de seio materno. Interessante atentar ao fato de que a fantasia de Leonardo o reenvia para aquela situação primeira de satisfação, para os seus primeiros objetos de desejo.

Para Freud (1910a) a fantasia do abutre demonstra que a mãe foi, desde cedo, o alvo dos desejos mais íntimos de Leonardo, pois o que ela “encerra é meramente uma reminiscência do ato de sugar” (p. 94), na qual o abutre representaria a mãe que amamenta seu filho, o Leonardo, “uma cria de abutre”. Para afirmar isso Freud se reporta aos hieróglifos do antigo Egito em que a mãe era representada pela imagem de um abutre. Essa ave de rapina era considerada símbolo da maternidade, pois acreditavam que só existiam abutres do sexo feminino, e que estes eram fecundados pelo vento. “Em certa época essas aves se detêm em meio ao vôo, abrem a sua vagina e são fecundadas pelo vento”, daí os abutres despontarem como símbolo de fertilidade.

Na fantasia de Leonardo ele substitui, inconscientemente, a mãe por um abutre porque tinha ele conhecimento da ausência do pai em sua primeira infância, e acaba nessa substituição por comparar-se a uma cria de abutre (1910a, p. 95-98), interpreta Freud. Como resultado das correspondências simbólicas <abutre – cauda – pênis – seio – mãe>, temos uma mãe dotada de pênis, isto é, uma mãe fálica. Essa mãe fálica é evidenciada nas palavras do próprio Leonardo, ao apontar em que momento teria lhe surgido a fantasia do abutre: “foi

numa época em que a minha curiosidade afetuosa era toda dirigida à minha mãe, e que eu pensava ter ela um órgão genital igual ao meu” (FREUD, 1910a, p. 104)³⁸.

Essa declaração traz ecos da “premissa universal do pênis”, a teoria formulada pela criança quando ela está na travessia do complexo de castração. Na tentativa de comprovar a hipótese de que todas as pessoas possuem um pênis (principalmente a mãe), Leonardo é tomado pela pulsão de ver, exteriorizando, portanto, um intenso desejo de ver os genitais alheios para compará-los ao seu. Essa teoria evidencia a atração erótica que Leonardo sentia pela mãe e reflete também sua precoce investigação sexual, que, para Freud, teve influência decisiva na vida futura de Leonardo.

Freud (1910a) propõe que a fantasia de Leonardo deva ser remetida aos seus primeiros cinco anos de idade, momento no qual, em função da ausência paterna, da Vinci tivera uma estreita vivência com a mãe. A experiência de viver sem um pai, afirma Freud, fez Leonardo, muito cedo e com uma intensidade toda especial, iniciar suas investigações sobre sua origem, pois lhe acrescentou, comparado às outras crianças, um problema a mais para pensar: além de procurar saber de onde vêm os bebês teve também que investigar o papel do pai nessa história. Freud conclui que a falta do pai nesse quebra-cabeça das origens contribuiu enormemente para que Leonardo se tornasse um precoce investigador de problemas sexuais e um futuro pesquisador de coisas não sexuais.

Sua ulterior investigação científica, caracterizada por sua ousadia e independência, pressupõe a existência de pesquisas sexuais infantis não inibidas pelo pai e representa uma prolongação das mesmas com a exclusão do elemento sexual (FREUD, 1910a, p. 128).

De acordo com Freud (1910a), uma enérgica ação recalcadora põe fim ao período das investigações sexuais infantis. A partir de então, com essa forte ação do recalque³⁹, a pulsão de saber infantil provinda desse período de investigação sexual infantil poderá ter três diferentes destinos.

No primeiro deles, haverá recalque total da pulsão de saber infantil e da sexualidade, pois “a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar

³⁸ Não entrarei na discussão sobre o fato de abutir-se ser na verdade um milhafre, pois acredito que tal diferença não interfere na interpretação que Freud faz da fantasia de Leonardo a ponto de invalidá-la.

³⁹ O recalque pode ser entendido como uma: “operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 553). Aquilo que sofre recalque, que deve manter-se no inconsciente, é exatamente a pulsão sexual representada aqui pela curiosidade (desejo) sexual das crianças, exteriorizado no período de suas investigações sexuais.

limitada durante todo o decorrer da vida, sobretudo porque, logo a seguir, a influência [a coerção] da educação acarretará uma intensa inibição religiosa do pensamento” (p. 87), o resultado será uma inibição intelectual neurótica.

No segundo, o desenvolvimento intelectual é suficientemente forte a ponto de “burlar” o recalque, assim, a pulsão de saber infantil retornará (o retorno do recalcado) em forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva, “naturalmente sob uma forma distorcida e não livre, mas suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais com o prazer e a ansiedade características dos processos sexuais” (p. 88), assim, o resultado é uma intelectualização obsessiva, a atividade intelectual torna-se uma atividade sexual.

No terceiro destino, o mais valorizado por Freud (1910a) e no qual ele aloca Leonardo, a pulsão de saber infantil livra-se tanto da inibição do pensamento quanto do pensamento neurótico compulsivo. No entanto, embora aqui também exista recalque, este

[...] não consegue relegar para o inconsciente nenhum componente instintivo do desejo sexual. Em vez disso, a libido escapa ao destino da repressão sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se ao poderoso instinto de pesquisa como forma de se fortalecer. Também nesse caso a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como substituto para a atividade sexual; mas, devido à total diferença nos processos psicológicos subjacentes (sublimação ao invés de um retorno do inconsciente), a qualidade neurótica está ausente; não há ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil e o instinto pode agir livremente a serviço do interesse intelectual (FREUD, 1910a, p. 88, grifo meu).

Para Freud, Leonardo consegue desde o início sublimar sua libido em pulsão de pesquisa. Estaria ele assinalando com isso que a sublimação prescinde do recalque? Se Freud indica que a pulsão de pesquisa infantil é sublimada desde o início, ele estaria querendo indicar com isso que sobre ela não incide o recalque? E que, portanto, sublimação e recalque são processos diferentes?

Se parece claro que nos dois primeiros tipos descritos por Freud há recalque envolvido: no primeiro um recalque total e no segundo parcial, o retorno do recalcado; no terceiro tipo parece haver uma certa nebulosidade no ar. Embora Freud afirme que a libido de Leonardo foi sublimada desde o início em pulsão de saber, no entanto, ele também afirma que houve repressão sexual, em função da qual a pesquisa torna-se até certo ponto compulsiva, funcionando como substitutivo da atividade sexual, com a diferença, entretanto, de que o que resta daí não é a inibição neurótica, mas a sublimação.

Talvez seja possível ler nessa passagem freudiana que a diferença entre o último dos destinos em relação aos dois primeiros, caracterizados enquanto recalque, está no fato de a qualidade neurótica estar ausente. Segundo, Gemignani (2013), Freud com a enunciação deste terceiro destino, está indicando que “a sublimação não depende de uma operação anterior de recalque, e mais: distingue sublimação e recalque ao considerá-lo dois destinos pulsionais diferentes” (p. 44-45). Mas será que é possível, de fato, considerar a sublimação enquanto um processo que dispensa o recalque?

E a respeito de Freud alocar Leonardo no terceiro dos destinos “o mais raro e o mais perfeito”, a maioria dos estudiosos que se debruçam sobre o estudo da sublimação, ao chegar à análise do terceiro destino, experimenta uma certa confusão e é levada a perguntar-se sobre o que de fato estaria em xeque nessa passagem e se a pulsão de saber infantil de Leonardo não seria mais bem vislumbrada no segundo dos caminhos, haja vista que Freud vê em Leonardo uma verdadeira compulsão pela pesquisa.

Lajonquière (2007) acredita “[...] que os três destinos possíveis são, na verdade, “ideais” pois, no limite, não se poderia predicar de um sujeito, com nome e sobrenome, que se encontra enquadrado numa delas. Assim, a *pulsão de saber* traça para cada sujeito um percurso tortuoso singular na medida em que parte de sua energia (a libido) sucumbe ao recalque, parte sexualiza os Conhecimentos e outra parte acaba sublimando-se”. Talvez se possa considerar que uma cota de recalque sempre há.

Ainda na esteira das discussões enredadas no texto sobre Leonardo, atentemos ao que enuncia Freud acerca da sublimação:

A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para a sua atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados (FREUD, 1910a, p. 86, grifos meus).

Nessa passagem parece não mais estar em causa uma definição dessexualizante da sublimação, pois é perceptível a ênfase de Freud no fato de que as forças resultantes da pulsão sexual são orientadas para uma atividade profissional, portanto, salienta-se aí não uma renúncia pulsional, senão um aproveitamento da força sexual, embora, é claro, ainda persista a ideia de mudança do caráter do objetivo da pulsão. Importa assinalar aqui uma diferença: se antes vimos Freud colocar a sublimação como uma qualidade de uma pessoa, aqui a ênfase

parece recair mais na pulsão, sublimar parece se apresentar muito mais uma capacidade da pulsão sexual. Aqui a sublimação volta a ser entendida como uma saída pulsional, um destino da pulsão, não uma defesa contra o sexual, daí a não exclusão deste do campo sublimatório. Lembremos que também nos *Três Ensaio*s Freud já observara a sublimação como uma saída pulsional. Em *Pulsões e destinos das pulsões*, Freud (1915) anuncia que, juntamente com a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o recalque, a sublimação é uma saída da pulsão.

Um pouco mais adiante, no capítulo VI ainda do texto de 1910, Freud apresenta os dois processos que teriam ocorrido no percurso subjetivo de Leonardo, que explicariam suas inibições na vida sexual e artística. Conforme sugere:

O desenvolvimento que o levou a tornar-se um artista ao atingir a puberdade cedeu lugar ao processo que o tornou pesquisador e que tem suas determinantes na primeira infância. A segunda sublimação do seu instinto erótico cedeu lugar à sublimação original, cuja forma tinha sido preparada por ocasião da primeira repressão. Tornou-se um pesquisador, a princípio a serviço de sua arte, porém, mais tarde, independentemente dela e mesmo dela se afastando (FREUD, 1910, p. 136-137).

Freud observa que o percurso pulsional de Leonardo foi marcado por duas sublimações. A primeira – “sublimação original” – indica a sobreposição do pesquisador ao artista e a segunda sublimação é a que traz Leonardo de volta para a criação. Freud remete a grande sede de saber de Leonardo a um intenso período infantil de investigação sexual. É a força da libido advinda desse intenso período que conduz Leonardo à dupla: pesquisador e artista. Mas Freud revela que durante a vida de Leonardo sua capacidade de criar fora inibida por uma compulsão à pesquisa (sublimação original), mas depois de um certo momento, no auge da vida, Leonardo resgata sua capacidade de criação (segunda sublimação).

Uma repressão pôs fim ao intenso período de pesquisa sexual infantil de Leonardo, mas chegada a puberdade a sexualidade de Leonardo escapa de uma inibição total, embora seu fazer artístico fique comprometido. É que a libido do período de investigação infantil agora vem reforçar a pulsão de saber infantil, que assim se transforma em preocupação pesquisadora compulsiva fazendo com que o pesquisador se sobreponha ao artista.

Mas Leonardo sai de sua inibição artística, já que por volta dos 50 anos um novo surto de libido o acomete e uma nova regressão tem lugar, mas agora a favor de sua arte. Esse período é marcado pelo encontro de Leonardo com Mona Lisa del Giocondo, cujo sorriso, por

remeter-lhe ao feliz e sensual sorriso de sua mãe, liberta-o de sua inibição artística e o faz pintar seus quadros mais famosos. Eis que Leonardo da Vinci triunfa em seu fazer criador!

3.4.3 Pulsão de saber e as teorias sexuais infantis: em busca das origens

Aproveitemos o ensejo da problemática exposta em torno dos processos de sublimação de Leonardo, para por em discussão outro excerto de Freud (também um tanto nebuloso) que aborda a pulsão de saber, para, em seguida, travar algumas considerações a respeito de sua relação com as teorias sexuais infantis e a origem da atividade intelectual.

Trata-se da subparte “A pulsão de saber” que integra a seção “A investigação sexual infantil”, acrescida aos *Três Ensaio*s em 1915, portanto, após todas as discussões em torno de Leonardo. Vamos a ela:

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar [1]. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica [2]. Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (1905 [1915], p. 183) [3]⁴⁰.

Nesse famoso parágrafo, embora Freud localize a pulsão de saber no período das investigações sexuais infantis, o que indicaria uma origem sexual para tal pulsão [1], em seguida, ele ressalta que ela não está subordinada exclusivamente à sexualidade, mas que sua atividade é em parte uma forma sublimada de dominação e em parte outra opera com a energia escopofílica, portanto, com a energia da pulsão de ver [2]. No entanto, paradoxalmente, em [3] ele indica que, sim, a pulsão de saber tem uma relação significativa com a vida sexual e que talvez ela seja atraída de forma precoce e intensa pelos problemas sexuais e até despertada por eles. Como é possível ver, certa nebulosidade ronda esse parágrafo, observa Kupfer (1990) que, “de certo modo, há problemas conceituais nesta definição” (1990, p. 10) freudiana da pulsão de saber.

⁴⁰ O acréscimo de [1], [2] e [3] distribuídos ao longo desse famoso parágrafo é apenas um recurso para facilitar a análise que se seguirá.

Façamos um exercício de leitura na tentativa de propor uma articulação entre [1], [2] e [3] do não apenas célebre, mas também nebuloso parágrafo freudiano. Talvez seja possível ler nele a existência de três pulsões, ou de repente, três momentos da mesma pulsão. Vejamos.

Em [1] parece estar claro que Freud aponta a origem de uma certa pulsão no período das investigações sexuais infantis, isto é, há uma pulsão aí que já nasce sexual. Pois bem, chamemos isso que ora se apresenta aliado aos problemas sexuais infantis de ‘desejo de saber’; que também pode ler lido, no contexto do parágrafo, como ‘pulsão de investigação infantil’ ou ‘curiosidade infantil’ ou mesmo ‘pulsão de saber infantil’. Freud estaria falando de algo que se apresenta no seu início e é necessariamente sexual.

Em [2], Freud parece apontar não o primitivo ‘desejo de saber’, mas para algo que resultaria dele, isto é, uma ‘pulsão de saber adulta’. Assim, embora na parte [2] Freud se expresse em termos de “essa pulsão não pode...”, parece que ele não fala do ‘desejo de saber’ expresso na parte [1], pois afirma que essa (nova) pulsão, a ‘pulsão de saber’, não é considerada por ele como totalmente sexual.

Em [3], Freud coloca que as relações da ‘pulsão de saber’ com a vida sexual são significativas, nisso ele corrobora o que disse na parte [1], já que a ‘pulsão de saber’ surge exatamente do ‘desejo de saber’ primitivamente aliado ao sexual. No entanto, quando Freud aponta que a pulsão de saber “é atraída” ou “talvez seja até despertada” pelos problemas sexuais, talvez devamos desconfiar que ele esteja falando de outra coisa que não a ‘pulsão de saber’ e não o ‘desejo de saber’, algo que já estaria posto de antemão. Não seria possível supor então que esta pulsão presente desde o início seja uma pulsão **não sexual**? A partir do texto, seria possível chegar a essa conclusão, porém, tendo em conta as discussões travadas no capítulo 2, portanto, reiterando que a psicanálise concebe o homem como um ser sexual, talvez não seja possível considerar a existência de uma pulsão de investigação não sexual, anterior ao ‘desejo de saber’ sexual. Vejamos a proposta de Kupfer para desanuvier, senão todo o parágrafo, ao menos sua parte 3:

Caso se observe que o texto dos *Três Ensaio*s foi escrito em “camadas”, e se suponha que esse adendo [e talvez seja até despertada por eles] tenha sido apostado posteriormente, talvez se possa imaginar que Freud passou a nutrir uma certa desconfiança de que as coisas se passavam diferentemente. Ou seja, a investigação infantil [desejo de saber] pode nascer sexual (KUPFER, 1990, p. 23-24, grifos meus).

Posto isso, vamos à decomposição da pulsão de saber.

Vimos que Freud indica na parte [2] do parágrafo que não se pode colocar a pulsão de saber entre os “componentes pulsionais elementares” da sexualidade e tampouco subordiná-la “exclusivamente” aos seus domínios, o que pode ser entendido da seguinte forma:

- ✓ a pulsão de saber não é uma pulsão parcial tal como as pulsões orais; anais; pulsão de ver (representado pelo par: voyeurismo-exibicionismo) e pulsão de apoderamento (par: sadismo-masochismo), participantes ativas na composição da sexualidade;
- ✓ a pulsão de saber não possui uma origem inteiramente sexual; embora o seja em parte.

Entendida nestes termos, na medida em que Freud assinala que a pulsão de saber é composta em parte por uma ‘pulsão de dominação sublimada’ e, em parte outra, pela ‘energia da pulsão de ver’ (ou escópica), Kupfer (1990, p. 25), em acordo como Christiane Trochet⁴¹, propõe que a pulsão de saber seja considerada uma pulsão mista, já que composta por duas pulsões parciais.

Ao recorrer à pulsão de ver para dela extrair sua energia e colocá-la a serviço da pulsão de saber, Freud poderia estar pretendendo duas coisas. Em primeiro lugar, ele poderia estar querendo introduzir o sexual na pulsão de saber através da libido e não através da instituição de mais uma pulsão parcial. [...] A libido traz em seu bojo a ideia de vontade, apetite, desejo. [...] Em segundo lugar, Freud teria desejado atrelar a entrada da libido, na pulsão de saber, à pulsão de ver. É dessa atividade, a de ver, e não de outra qualquer, que ela é extraída. [...] A *Schaulust* [pulsão escópica ou de ver] é uma pulsão parcial que, como toda pulsão, apoia-se sobre uma atividade de tipo autoconservador, que nesse caso é a atividade de ver (KUPFER, 1990, p. 55-56).

A atividade de ver está no âmbito da preservação do indivíduo, dos cuidados propriamente ditos. Mas, na medida em que os cuidados maternos estão inseridos numa trama pulsional e desiderativa, eles deixam de ser meros cuidados e se transformam em algo sexual. Não vimos que o bebê se agarra ao olhar materno para ter uma primeira imagem de seu corpo? Não vimos que a mãe modela seu bebê pelo toque de seu olhar, de suas palavras? Não seriam ‘olhar’ e ‘palavra’ uma ‘visão’ investida de libido? É disso que se trata quando Freud afirma que a pulsão de saber atua com a energia da pulsão de ver, isto é, atua com sua libido. Conforme observa Blum (2008):

⁴¹ TROCHET, Christiane. De la transgression vers la sublimation. In KAES, René e ANZIEU, Didier. *L'interdit et la transgression*. Paris: Dunod, 1983.

Assim como o tocar; o prazer decorrente do olhar é fundamental na constituição psíquica e na excitação libidinal do sujeito. Desde muito cedo, a criança é estimulada pelo toque, pelo cheiro e pela visão da mãe, ainda que nebulosa. Mas os prazeres decorrentes da fonte do olhar não se restringem ao que é visto: funcionam também como fonte de fantasias. É através do que é visto e do que é fantasiado que o sujeito constitui seu imaginário, bem como suas representações simbólicas (BLUM, 2008, p. 67).

Para o autor, as primeiras fantasias das crianças recaem sobre a intimidade dos pais, pois “a intimidade e a privacidade dos pais provocam-na no que ela tem de mais importante: sua origem e o lugar do sexual no desenvolvimento” (BLUM, 2008, p. 68). Ou seja, os primeiros olhares de uma criança recaem sobre aquilo que lhe é proibido ou escondido, sobre a fantasia de uma cena primária que lhe haveria dado origem, o que marca a intrínseca relação da pulsão de saber com a sexualidade e com a questão da origem, a qual é diversas vezes reiterada nos porquês infantis acerca da origem dos bebês – que logo mais será objeto de discussão.

A pulsão de dominação – também componente da pulsão de saber – à semelhança da pulsão de ver, também se apoia sobre uma atividade de autoconservação, portanto não sexual, segundo Kupfer (1990, p. 52) “destinada a levar os indivíduos ao controle dos objetos pelo exercício muscular”, isto é, pela força. O exercício desse controle pode ser visto claramente, por exemplo, na questão da dominação dos esfíncteres pela criança. Por outro lado, a tendência a dominar pode ser vista mesclada à sexualidade. Kupfer (1990) observa que Freud inscreve a pulsão de dominação como uma pulsão não sexual, pois ele nota que “a sexualidade da maior parte dos homens mostra uma mescla de agressão, de tendência a dominar, cuja significação biológica estará talvez na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de um modo distinto dos atos do cortejo” (p. 51).

A autora chama atenção ainda para o fato de que Freud vê no comportamento sexual das crianças componentes de crueldade que se ligarão somente mais tarde a sua sexualidade, quando adultas. Assim, embora as teorizações de Freud a respeito da pulsão de dominação recaíam sobre um caráter não sexual, parece que não é possível colocar a pulsão de dominação apenas sob a égide do biológico, do não sexual. É o que parece dizer Kupfer quando conclui que a noção de pulsão de dominação na teoria psicanalítica é bastante ambígua.

Porém, ressalta a autora, em acordo com Roger Dorey⁴², que a noção de dominação deve ser “considerada essencialmente como um modo muito singular de interação entre dois sujeitos, que não se reduz à atividade de uma só tendência, mas corresponde a um agenciamento complexo da relação com o outro” (KUPFER, 1990, p. 53), isto é, uma relação de dominação no campo da intersubjetividade. E se é à intersubjetividade que a dominação remonta, então, estamos outra vez no âmbito do desejo, ou seja, o que se visa dominar, neste tipo de relação, é o desejo do outro. Assim, “é possível depreender que, na busca do objeto de conhecimento, o que se dá é um tipo de relação com esse objeto, que recebe a marca de um desejo de posse, contido, freado pela sublimação” (KUPFER, 1990, p. 53).

Assim, pela impossibilidade de se vincular a pulsão de dominação exclusivamente à sexualidade e nem tão somente ao campo biológico, depreende-se que esta pulsão para sofrer uma sublimação, ou seja, passar da esfera sexual para a não sexual, deva necessariamente estar correlacionada, em sua origem, à sexualidade.

Freud (1915), ao falar de uma pulsão de dominação, está se referindo aos componentes sadomasoquistas que estão, desde cedo, presentes na sexualidade humana. Esses componentes atuam na forma do exercício de uma força de “apossar-se sobre algo” ou de “deixar-se apossar por algo” (ou seja, aponta àquele movimento de “atividade-passividade” em que a criança ao mesmo tempo em que é objeto do outro, quer também exercer sobre ele seu poder). Nestes termos, seria possível pensar que a sublimação apontada por Freud na pulsão de saber não ocorre na pulsão de dominação (não sexual para ele), mas, na pulsão sexual parcial sadomasoquista atuante na fase anal da organização pré-genital da libido?

Agora entremos numa breve discussão acerca da importante relação da pulsão de saber com a questão das origens... a pergunta que não cala: “*Por que, pois, haveria eu de renunciar a descobrir o segredo de meu nascimento?*”⁴³. Esta não é a pergunta apenas de Édipo na tragédia de Sófocles é a de todos os homens na vida real.

Freud, no texto *As teorias sexuais das crianças* (1908), aponta a chegada de um irmão como fator fundamental para que uma criança se lance em sua pesquisa sobre os problemas da sexualidade e inicie sua atividade de pensar. Ressalta ele que

O desejo da criança por esse tipo de conhecimento [os problemas sexuais] não surge espontaneamente, em consequência talvez de alguma necessidade inata de causas estabelecidas; surge sob o aguilhão de

⁴² DOREY, Roger. *Le désir de savoir*. Paris, Denoel, 1988.

⁴³ SOFÓCLES. *Édipo Rei*. Versão em domínio público. Disponível em:

<http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Edipo_rei_de_sofocles.pdf>. Acesso em: 17 de ago. 2014.

pulsões egoístas que a dominam, quando é surpreendida – talvez ao fim do seu segundo ano – pela chegada de um novo bebê (FREUD, 1908, p. 193).

Com a chegada de um novo bebê na família a criança perde o lugar de exclusividade que outrora tinha na vida dos pais. Desde então ela terá que dividir tudo com o novato. Muito mais que isso, segundo Freud, esse acontecimento desperta suas emoções e aguça sua capacidade de pensamento, ou seja, ele é responsável por inaugurar a atividade investigativa da criança.

Freud ressalta, porém, que é por uma questão narcísica, por sentir-se preterida no desejo dos pais, que uma criança se lança à grande empreitada da busca pela origem dos bebês. “Ela tenta, sobretudo, dominar a realidade com sua teorização e se busca esclarecer sobre ela não é senão com fins pragmáticos” (VOLTOLINI, 2006, p. 5). Ela tenta descobrir de onde eles surgem justamente para evitar que outros venham atravancar o seu caminho:

Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta para si mesma: ‘De onde vêm os bebês?’ – indagação cuja forma original certamente era: ‘De onde veio esse bebê intrometido?’ (FREUD, 1908, p. 193-194).

Assim, observa Freud, imbuída de descobrir a origem dos bebês, uma criança, quando não foi demasiadamente intimidada, dirige-se a um adulto – em sua concepção dono de todo saber e verdade – e faz-lhe diretamente a pergunta que não cala. Esta, por sua vez, é respondida de maneira evasiva; a criança é às vezes repreendida por sua curiosidade; ou a ela é dada a explicação de que ‘As cegonhas trazem os bebês’.

Esta afirmação do adulto transforma-se para a criança em uma interrogação. Ela desconfia disso e interroga-se: As cegonhas trazem mesmo os bebês? – um enigma a ser decifrado em absoluto segredo.

A criança teoriza, constrói suas narrativas e fantasias acima de tudo para tentar ordenar e estabilizar o desejo. Teorizar para uma criança é uma maneira de posicionar-se diante do desejo: um posicionamento diante de seu próprio desejo de saber sobre o desejo. Assim, é do enigma do desejo que se trata quando uma criança quer saber sobre as origens. De acordo com Dunker,

o que interessa à criança não é saber como “um ser abstrato fecunda outro originando um terceiro”, mas qual é a determinação desejante que sustenta tal enlace. Em outras palavras o enigma radical do desejo, da origem do desejo deste por aquele (DUNKER, 2005, p. 146).

Nessa mesma direção, em seu artigo “Pensar é desejar”, Voltolini observa que

Para Freud, o combustível dessa interrogação, e ao mesmo tempo aquilo que justifica seu alvo, é a constatação de que a “origem da vida” (enigma que persistirá sendo uma questão eterna para o ser humano) não foi produto de sua vontade ou de sua escolha, mas antes do desejo de alguém (VOLTOLINI, 2006, p. 43).

Dessa forma, o que está em xeque na pergunta da origem é exatamente saber sobre a origem do desejo. A criança, em função da chegada do irmão, descobre que ela nasceu, pois alguém a desejou, constatando, portanto, que “sua vontade não é reguladora do movimento do mundo” (DUNKER, 2006, p. 45), ou seja, o mundo não gira em função dela, de seus desejos. É como se ela dissesse a si mesma: “se não sou eu quem controla, também não controlo o desejo dos meus pais, logo, estes podem deixar de me desejar” ou pior “poderiam nunca ter me desejado e, portanto, eu nunca teria nascido!”. Isso certamente desmonta o mundo da criança. O que a desbanca é descobrir-se castrada – não poder tudo, não poder controlar o desejo, o seu e o dos outros.

É assim que nutrindo uma especial desconfiança pelo que lhe dizem os adultos a respeito do nascimento dos bebês, as crianças, guiadas por sua própria sexualidade, se põem a elaborar em segredo suas teorias e dão início a sua independência intelectual. Assim, investigam por conta própria: intuem a presença do bebê na barriga da mãe, atribuindo-a à ingestão de comida e o seu nascimento às vias intestinais; chegam a perceber que o pai tem alguma coisa a ver com essa história de bebês. E embora não saibam exatamente o que é o ato sexual, conferem-no um sentido hostil e violento. Elas teorizam sobre tudo e inclusive, curiosamente, acreditam que todos os seres, homens ou mulheres, têm o mesmo órgão genital, é a famosa *premissa universal do pênis* que aqui retorna ⁴⁴.

Mas como a sua própria constituição sexual ainda não atingiu o ponto de poder fazer bebês, sua investigação sobre o problema da origem dos bebês acaba também sem solução sendo finalmente abandonada (FREUD, 1910a, p. 87).

⁴⁴ Uma referência importante aqui é o caso *O pequeno Hanns* (1909), o garotinho analisado indiretamente por Freud, porque apenas por intermédio do pai, um fiel credor das teorias freudianas. Hanns sofreu de uma fobia a cavalos e, durante todo o desenrolar dessa fobia, “o pipi” tornou-se para ele o centro de suas maiores preocupações investigativas. E outra referência importante também é o texto *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908).

Todas as teorias inventadas pela criança encobrem a castração, pois tendem a negar a diferença sexual e todas são concebidas sob a influência dos componentes da pulsão sexual, isto é, com base naquilo que a criança experimenta nas fases oral, sádico-anal e fálica de sua organização sexual. As crianças pensam com o corpo, “o corpo participa da atividade de pensar” (VOLTOLINI, 2006, p. 44), assim, o pensar se enseja na sexualidade e sempre encobre um desejo. Como já indicara Freud em 1900: “O pensamento, afinal, não passa do substituto de um desejo [...]” (FREUD, 1900b, p. 595), em outras palavras: “Pensar é desejar”. E esse desejar encobre, na verdade, não a vontade de esclarecer-se sobre a realidade, mas, como observa Voltolini (2006), “sobretudo, dominá-la. E o conhecimento é, portanto, nutrido fundamentalmente pelo impulso dominador” (p. 45). Então, não seria exatamente isso o que quisera apontar Freud ao incluir a pulsão de dominação na pulsão de saber? A pulsão de saber integra sexualidade e desejo.

Diante de todo o exposto, é importante ressaltar, como foi possível demonstrar ao longo dessa dissertação, que Freud reserva às questões relacionadas à atividade intelectual, à investigação, à criação, portanto, à sublimação, um lugar central no âmbito da sexualidade e o do desejo, nos âmbitos da pulsão e do desejo.

APONTAMENTOS FINAIS

A título de fechamento deste percurso de trabalho, alguns apontamentos acerca da problemática da sublimação ainda se fazem necessários. Não para encerrar uma discussão, mas, na medida do possível, para sinalizar algumas aberturas... Alguns novos interesses que se impõem a mim enquanto pesquisadora ao fim desta trajetória.

Pela breve passagem que fizemos em alguns textos de Freud na tentativa de analisar e por a dialogar diversos trechos que tratassem da sublimação, foi, de fato, possível constatar o observado no início do capítulo 3, ou seja, que a problemática dos processos de sublimação na teoria freudiana reserva em si uma riqueza de sentidos e também uma riqueza de impasses.

A discussão empreendida em torno da conceituação da sublimação ao longo deste trabalho teve como referência apenas textos freudianos que se inserem no contexto da primeira dualidade pulsional. Como já foi observado, a teoria pulsional de Freud é sempre dualista. Se a primeira dualidade pulsional se define em termos de um conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, a segunda, entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

As formulações em torno da sublimação, pode-se dizer, acompanham o desenvolvimento dos conceitos psicanalíticos freudianos como um todo. Talvez por isso os estudiosos acabem por ler em Freud duas direções em relação à sublimação: uma inscrita nos meandros do desejo e da sexualidade, da pulsão sexual, portanto da primeira dualidade pulsional e da primeira tópica, e uma outra que estaria em referência à pulsão de morte, ao conceito de desfusão pulsional e ao luto, isto é, a referência seria a segunda dualidade pulsional e a segunda tópica, que se circunscrevem em torno das formulações teóricas freudiana presentes em *Além do Princípio de Prazer* (1920) e *O Ego e o Id* (1923). No entanto, não posso deixar de sinalizar que me parece mais pertinente ler essas supostas duas direções do pensamento freudiano exatamente como a revelação de uma tensão própria do conceito de sublimação. A sublimação não pode ser vista apenas pelo viés das pulsões sexuais ou das pulsões de vida ou da pulsão de morte, senão que o conceito de sublimação em Freud implica justamente essas duas vertentes: a sublimação é inseparável das pulsões sexuais, da pulsão de vida e da pulsão de morte, portanto, primeira e segunda dualidade pulsionais estão imbricadas no conceito de sublimação, revelando toda a tensão dessa conceituação. Assim,

não há, no meu entender, no interior da teoria Freudiana “dois Freuds”, mas um pesquisador que vai crescendo com sua teoria. Penso que há no pensamento teórico freudiano, e isso se estende para as formulações em torno da sublimação, um movimento de construção que como tal, necessariamente, implica um espiralamento. É em espiral que o autor vai construindo sua teoria. A teoria freudiana é uma teoria do conflito. Assim, creio que seja bastante produtivo ler a sublimação em Freud tendo em referência o movimento espiralado da construção da sua própria teoria, isto é, o conceito de sublimação vai se construindo tendo-se em vista as mudanças em seu pensamento teórico, de acordo com os impasses que o autor vai enfrentando e os progressos que deles vão derivando, portanto, as idas e vindas que o autor empreende durante a produção de sua obra estão em causa na problemática da sublimação.

Mas é ainda importante indicar que, dada a complexidade e a riqueza da temática da sublimação no que se refere à segunda dualidade pulsional e à segunda tópica e, em especial, ao fato de que o recorte desta dissertação foi outro, isto é, acabou por priorizar uma breve apresentação das considerações de Freud em seus textos da primeira dualidade pulsional, os textos de 1920 e 1923 ficaram de fora das discussões travadas.

Antes de encerrar, é importante dizer um pouco das minhas idas e vindas....ou melhor, os meus destinos....pra onde estou querendo ir a partir deste ponto.

Vale trazer aqui que no decorrer deste trabalho de pesquisa fui muitas vezes acometida pela dor, por uma melancolia e a pela angústia. Ler, estudar, analisar e escrever.... reler, reestudar....reanalisar e reescrever....Esse movimento é contínuo e nunca é sem efeitos. Às vezes são os melhores, mas às vezes os piores efeitos e talvez por sorte eu não tinha me paralisado. Ao bem da verdade, parece que o luto fez seu trabalho também, afinal, no fim deste processo, eis que o fogo roubado dos deuses por Prometeu vem de novo incendiar os meus pensamentos!

Não sei se para entender o meu próprio processo de investigação, entender porque um processo de escrita é tão penoso ou talvez apenas por um mero exercício de pensamento, termino esse processo de mestrado bastante interessada em estudar e pesquisar sobre os rumos que poderia tomar a sublimação se entendida nos meandros da pulsão de morte, da des fusão pulsional, portanto, da angústia, da melancolia, do luto.

Uma ideia que me vem é estudar o processo criativo de autores e artistas por suas próprias palavras... Algo como: A criação pelo criador! Penso que seria bastante interessante

recolher depoimentos sobre o fazer poético, sobre o fazer intelectual, ou seja, sobre o fazer criativo e daí ver o que vai se revelando.

Façamos um exercício.

Vejamos Clarice Lispector (1997, p. 24-25), pela voz de uma de suas personagens, falando sobre o processo de criação:

“Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais.”

Agora Clarice por ela mesma, em uma entrevista concedida à TV Cultura em 1977⁴⁵.

Entrevistador: A sua produção ocorre com frequência? Você tem períodos de produzir intensamente?

Clarice L.: *“Tem período de produzir intensamente e tem períodos hiato, em que a vida fica insuportável, intolerável”.*

Entrevistador: “Esses hiatos são longos?”

Clarice L.: *“Depende, podem ser longos e eu venho nesse período ou então eu, por, pra me salvar, me lanço logo numa outra coisa como, por exemplo, acabei a novela agora, to meio oca, então to fazendo história pra criança.”*

(Minutagem: 5:12-5:46)

Entrevistador: Se você não pudesse mais escrever, você morreria?

Clarice: *“Eu acho que quando eu não escrevo, eu to morta”.*

Entrevistador: “E esse período?”

Clarice: *“É muito duro esse período entre um trabalho e outro e ao mesmo tempo é necessário pra haver uma espécie de esvaziamento da cabeça pra poder nascer alguma outra coisa e se nascer. É tudo tão incerto.”*

(Minutagem: 8:43-9:16)

Revelariam as palavras de Clarice, um processo criativo cheio de dor e de incertezas? Um trabalho de luto? Ou uma possibilidade de manter-se viva? De não se deixar levar pela morte? É realmente impressionante pensar que no processo criativo a dor e o desprazer podem lançar o criador a criar ainda mais...

⁴⁵ **Panorama com Clarice Lispector**, 22 out 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em: 20 out. 2014.

Em um texto de Hornstein (1988, p. 98-99), deparei-me com um depoimento de García Márquez sobre seu processo criativo, que traduzo a seguir:

“Eu nunca poderia escrever um livro a partir de uma ideia; parto sempre de uma imagem, de um sentimento, e todo o livro desenvolve uma tese. A partir de uma ideia poderão ser escritos ensaios, tratados; não outras coisas.”

Intrigada com essa diferenciação explicitada nas palavras de Garcia Márquez, comecei a me perguntar se haveria de fato uma diferença entre a criação poética e a criação intelectual. Imagem e ideia? Percepção e representação? Daria aqui para voltar ao *Projeto* e, acompanhada, por Loffredo (2012, 2004, 1999), aventurar-se então no estudo das representações?

E isso não saía da minha cabeça... Foi que, enquanto eu estudava o texto *Escritores Criativos e Devaneios*, me veio à mente uma canção... a canção *Copo Vazio*, de Gilberto Gil, que está no álbum *Gil Luminoso* (2006). Essa canção foi feita “sob encomenda”. É que “Chico Buarque estava sendo hipercensurado naquele momento e quis a isso responder fazendo um disco só com músicas de colegas”, conta-nos Gil, E é assim que acaba por nos revelar seu processo de composição:

“Eu estava em casa, sentado no sofá, já de madrugada. Tinha tomado um copo de vinho no jantar, e o copo tinha ficado na mesa. Pensando no que é que eu ia fazer pro Chico, eu de repente vi o copo vazio e concentrei o olhar nele para dali extrair emanções de imagens e significados, a princípio como se para nada obter, mas logo constatando: 'O copo está vazio, mas tem ar dentro'. Disso me vieram idéias acerca das camadas de solidificação e rarefação que vão se sucedendo nas coisas – e disso, a música”⁴⁶.

Primeiro a imagem, mas em seguida as ideias....

Acabo esse trajeto de pesquisa me perguntando se não seria interessante um trabalho no qual eu pudesse me dedicar ao estudo da pulsão de morte, das imagens e das ideias no

⁴⁶ Disponível em: < http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_interno.php?id=51#>. Acesso em: 20 out. 2014.

cerne do processo criativo, utilizando-me para isso de depoimentos de criadores. Quem sabe? Afinal, como disse Clarice... tudo é tão incerto...

Bem, fico eu aqui com as minhas ideias e lhes deixo com a linda imagem de um copo vazio... pra que possam preenchê-lo com as ideias que mais lhes agradar.

Copo vazio⁴⁷

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar*

*É sempre bom lembrar
Que o ar sombrio de um rosto
Está cheio de um ar vazio
Vazio daquilo que no ar do copo
Ocupa um lugar*

*É sempre bom lembrar
Guardar de cor
Que o ar vazio de um rosto sombrio
Está cheio de dor*

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar*

*Que o ar no copo ocupa o lugar do vinho
Que o vinho busca ocupar o lugar da dor
Que a dor ocupa a metade da verdade
A verdadeira natureza interior
Uma metade cheia, uma metade vazia
Uma metade tristeza, uma metade alegria
A magia da verdade inteira, todo poderoso amor
A magia da verdade inteira, todo poderoso amor*

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar*

⁴⁷ Disponível em: < http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_interno.php?id=51#>. Acesso em: 20 out. 2014

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. **Poesia completa** Manoel de Barros. São Paulo: Leya.

BLUM, Rodrigo. “O buraco da fechadura”. In: **Percurso 41**, Dez/2008, Ano XXI, Dez/2008. p. 67-74.

CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan**: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTIEL, S. V. **Sublimação**: clínica e metapsicologia. São Paulo: Escuta, 2007.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

DOREY, Roger. *Le désir de savoir*. Paris, Denoel, 1988.

DUNKER, Christian. “A narrativa na construção do saber sexual”. In: **Educação e subjetividade**: subjetividade e modernidade/Grupo de Pesquisa do CNPq, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ano 1, n.1, São Paulo: EDUC, 2005, p. 137-159.

FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: Sigmund Freud Obras Completas **Primeiras publicações psicanalíticas** (1893-1899). Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1900a). **La interpretación de los sueños**. In: Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

FREUD, S. (1900b). **La interpretación de los sueños**. In: Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

FREUD, S. (1950[1895]). Proyecto de Psicología. In: Sigmund Freud Obras Completas. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1907). O esclarecimento sexual das crianças. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908a). Escritores criativos e devaneios. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908b). Moral sexual ‘civilizada’ e doença moderna. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910 [1909]). “Cinco Lições de Psicanálise”. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910a). “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910b). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1909). “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume 1 / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

FREUD, S. (1914). À guisa de Introdução ao Narcisismo. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume 1 / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

FREUD, S. (1915). Pulsões e Destinos das Pulsões. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume 1 / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

FREUD, S. (1915-1916). A vida sexual dos seres humanos. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume 2 / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.

FREUD, S. (1923). Ego e o Id. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, volume 3 / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007.

GABBI JUNIOR, O. F. **Notas a projeto de uma psicologia**. As origens utilitaristas da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GABBI JUNIOR, O. F. **A pré-história da teoria freudiana**: os materiais de construção. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1981.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GEMIGNANI, T. F. **Sublimação e seus impasses**: um encontro de Freud com os personagens de Woody Allen. / orientação Daniel Kupermann. 2013. 140 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GIL, G. Copo Vazio. **Gil Luminoso**. Geléia Peral / Biscuit Fino, 2006.

HORNSTEIN, L. **Cura psicoanalítica y sublimación**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.

HORNSTEIN, L. **Narcisismo**: Autoestima, identidade, alteridade. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos, 2009.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: JZE, 1996.

KUPFER, Maria Cristina. **O desejo de saber**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990.

KUBRIC, S. **O infantil além dos princípios (psico)pedagógicos**: conceitos da psicanálise para uma reflexão sobre a educação / orientação Leandro de Lajonquière. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KUPERMANN, D. **Ousar rir**: humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LACAN, J. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. (1959-1960). Seminário **A ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. (1958-1959). **O desejo e sua interpretação**. Tradução da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002. Inédito. LACAN, J. (1956-1957). Seminário **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. (Campo Freudiano no Brasil).

LAJONQUIÈRE, L. Apresentação à 15ª edição **De Piaget a Freud**: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **De Piaget a Freud**: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. Petrópolis: Vozes, 14ª ed., 2007.

LAPLANCHE, J./PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 7ªed., 1983.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. Por uma teoria lacaniana das Pulsões. In: **Dicionário de psicanálise**: Freud & Lacan. Salvador BA: Ágalma, 1997.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. A construção do conceito de gozo em Lacan. **Percursos Revista de Psicanálise**, Ano IV, n. 8, 1º set. 1992, p. 5-12.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta. In: **O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas**. Salvador BA: Ágalma, 1991.

LÉVY, Robert. **O infantil na psicanálise: o que entendemos por sintoma na criança**. Trad. Sônia Fuhrmann. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LOFFREDO, A. M. Ensaio de investigação em psicanálise: nos arredores da sublimação. / Ana Maria Loffredo. 2012. 312p. Tese (Livre-Docência – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOFFREDO, A. M. A noção de representação na metapsicologia freudiana. In: HERRMANN, F.; (Org.) **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LOFFREDO, A. M. A. Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. **Psicol. USP**, Vol. 10, n.1, São Paulo. 1999.

MILLER, J-A. **Lacan Elucidado**. Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: JZE, 1997 (Campo Freudiano no Brasil).

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

SOFÓCLES. **Édipo Rei**. Versão em domínio público. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Edipo_rei_de_sofocles.pdf>. Acesso em: 17 de ago. 2014.

VOLTOLINI, R. Pensar é desejar. **Revista Educação Especial**. Biblioteca do Professor. Nº 1. São Paulo: Segmento, 2006.

TROCHET, Christiane. De la transgression vers la sublimation. In: KAES, René e ANZIEU, Didier. **L'interdit et la transgression**. Paris: Dunod, 1983.

TORRES, R. **Dimensões do ato em psicanálise**. São Paulo: Anablume, 2010. (Coleção Ato Psicanalítico).